

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LA REVISTA DE BUENOS AIRES:

Construindo a nação argentina através da história durante a década de 1860.

CURITIBA

2013

DANIEL JACOB NODARI

LA REVISTA DE BUENOS AIRES:

Construindo a nação argentina através da história durante a década de 1860.

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História no programa Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Karina Kosicki Bellotti

CURITIBA

2013

Catálogo na publicação
Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Nodari, Daniel Jacob

La revista de Buenos Aires : construindo a nação Argentina através da história durante a década de 1860 / Daniel Jacob Nodari – Curitiba, 2013.

146 f.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Karina Kosicki Bellotti

Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

1. *La revista de Buenos Aires*. 2. Argentina - História. 3. Intelectuais - Argentina. 4. Periódicos argentinos. I. Título.

CDD 982



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.
E-mail: cpghis@ufpr.br Website: www.poshistoria.ufpr.br

PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR) para realizar a argüição da Dissertação de Mestrado de Daniel Jacob Nodari, intitulada: **La Revista de Buenos Aires: Construindo a nação Argentina através da História durante a década de 1860**, após terem inquirido ao aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua *aprovação*, completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Mestre em História**.

Curitiba, dois de agosto de dois mil e treze.

Profa. Dra. Karina Kosicki Bellotti (Orientadora)
Presidente da Banca Examinadora

Paulo Renato da Silva

Prof. Dr. Paulo Renato da Silva (UNILA)
1º Examinador

Prof. Dr. Carlos Alberto Medeiros Lima (UFPR)
2º Examinador

“Paulo Markun: Presidente, eu vou fazer uma última pergunta, que aqui no Brasil já custou a vaga de candidato que achava que estava eleito. O senhor acredita em Deus?

*Hugo Chávez: Sim, acredito em Deus e cada dia sou mais cristão. Acredito muito em Cristo. Creio que **Cristo é um dos maiores revolucionários da História**, me apego cada dia mais à fé cristã e creio que o socialismo que pretendemos na Venezuela tem muito de socialismo cristão. Eu disse ao meu povo, ao povo venezuelano, que para mim o primeiro grande socialista de nossa era é Cristo, e o primeiro grande capitalista é Judas Iscariotes, que o vendeu por quatro moedas”.*

Hugo Rafael Chávez Frias em entrevista ao programa Roda Viva em 15/03/05

*“Cuando la opresión degrada la dignidad del hombre, la revolución es un derecho santo, un derecho que nace de Dios. **Cristo fué revolucionario**, cuando el paganismo oprimía al mundo”.*

VARELA, Luis V. Recuerdos históricos. **La Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, Tomo XVI, nº 63, julho de 1868.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Sidarta Gautama pelos seus valiosos ensinamentos que me ajudaram a ter calma e paz de espírito no último ano.

Agradeço à minha família, especialmente minha mãe e meu pai que sempre me apoiaram independentemente das minhas escolhas. Minha vó Zelinda, minha tia Sandra e meu irmão Diogo sempre dispostos a ajudar quando necessário. Também agradeço a minha nova família em Curitiba, minha sogra Claudenice, Alexandre, Vó Cida, Vô Miguel, e todos os novos tios e tias.

Agradeço aos amigos novos que fiz no decorrer do mestrado, principalmente o Marcos, José Gustavo e o Luiz Carlos Sereza, além da Liz Andrea, que deu ótimas dicas e emprestou valiosos livros. Agradeço também a todos os bons e velhos companheiros: Daniele, Fabiano, Karina, Gladisson, Tabata, Fernanda e Daniel.

Agradeço a todos os professores do programa de pós-graduação, em especial Marion Brepohl, Luis Geraldo e Rosana Kaminski.

Agradeço ao REUNI e a CAPES que em diferentes momentos me oportunizaram bolsas de estudo, as quais contribuíram muito para o desenvolvimento dessa pesquisa, e também agradeço à Fundação Araucária pelos recursos do projeto “Sentimentos na História”, que permitiram uma viagem a Buenos Aires para a pesquisa de documentos em arquivos.

Meus sinceros agradecimentos à professora Martha Hameister e ao professor Carlos Lima pelas suas valiosas contribuições na banca de qualificação. Ainda, devo ressaltar minha gratidão especial ao professor Lima, pelas poucas, mas proveitosas conversas sobre a Argentina e sua história.

Em especial agradeço a minha orientadora, professora Karina, pelas suas sugestões, críticas, atenção e muita paciência.

Por fim, preciso agradecer a pessoa mais importante da minha vida, a Day, que esteve sempre ao meu lado durante o desenvolvimento desse trabalho, lendo os textos, sugerindo, criticando, aconselhando e me acalmando nos momentos de turbulência.

RESUMO

Nas últimas décadas, houve um aumento considerável nos estudos históricos sobre construção das identidades nacionais. Apesar de muitos trabalhos terem privilegiado a Europa, desde o início do segundo milênio diversas pesquisas sobre a construção das nações Latino-Americanas foram desenvolvidas. Entre os países estudados destaca-se a Argentina. Nesse sentido, esta pesquisa analisará a produção histórica da *La Revista de Buenos Aires: Historia Americana, Literatura y Derecho*, periódico publicado em Buenos Aires entre os anos de 1863 e 1871 sob a direção de dois intelectuais: Vicente G. Quesada e Miguel N. Viola. Essa fonte é composta por 96 números divididos em 24 tomos de 650 páginas cada. Os números são divididos em três seções: história, literatura e direito, e um apêndice denominado bibliografia e variedades. Devido ao grande número de artigos, decidiu-se analisar textos selecionados da seção de história, principalmente os relacionados à guerra de independência. Tendo em vista que esta área do conhecimento foi fundamental para a formação das identidades e sentimentos de pertença nacional durante o século XIX, objetivou-se compreender de que modo a história publicada na revista contribuiu para a formação da identidade argentina.

Palavras-chave: Argentina; identidades nacionais; intelectuais; periódicos.

ABSTRACT

In recent decades, there has been a considerable increase in historical studies about the construction of national identities. Although many studies have favored Europe, since the beginning of the second millennium many researches about the construction of the Latin American nations were developed. Among the countries studied stands Argentina. Therefore, this research will examine the historical production of the *La Revista de Buenos Aires: Historia Americana, Literatura y Derecho*, journal published in Buenos Aires between the years 1863 and 1871 under the direction of two intellectuals: Vicente G. Quesada and Michael N. Viola. This source consists of 96 numbers divided into 24 volumes of 650 pages each. The numbers are divided into three sections: history, literature and law, and an appendix named varieties and bibliography. Due to the large number of items, it was decided to analyze selected texts from the history section, especially those related to the war of independence. Given that this area of knowledge was crucial to the formation of identities and emotions of national belonging during the nineteenth century, this research seeks to understand how the history published in the magazine contributed to the formation of Argentine identity.

Keywords: Argentina; national identities; intellectuals; journals

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1. Capítulo Primeiro: Descobrindo La Revista de Buenos Aires.....	19
1.1. Geração de 37 e o seu projeto civilizador.....	20
1.2. A esfera pública em Buenos Aires na década de 1860.....	23
1.3. La Revista de Buenos Aires.....	31
1.3.1. Bibliografía y Variedades.....	36
1.3.2. Literatura.....	40
1.3.3. Direito.....	41
1.4. Estudos sobre La Revista de Buenos Aires	44
1.5. Os Organizadores da Revista de Buenos Aires.....	47
1.5.1. Miguel Navarro Viola.....	47
1.5.2. Vicente G. Quesada.....	49
1.6. Os colaboradores da Revista de Buenos Aires.....	50
2. Capítulo segundo: História e Nação em La Revista De Buenos Aires.....	57
2.1. História e Nação na Argentina do século XIX.....	58
2.1.1. A produção histórica argentina no século XIX.....	60
2.2. Os propósitos dos estudos históricos na RBA.....	71
2.3. A seção de História da Revista de Buenos Aires.....	75
2.3.1. A fronteira e os indígenas na visão de Vicente G. Quesada.....	87
2.3.2. O Paraguai na RBA.....	94
3. Capítulo terceiro: La Revolución de Mayo Como Mito de Origem.....	99
3.1. O Mito de Origem.....	100
3.2. A RBA e a história da independência.....	102
3.3. Uma história da Revolução.....	106
3.4. A revolução de independência e seus personagens.....	117
3.4.1. San Martín, o libertador da América.....	125
3.4.2. Heróis Americanos: Bolívar e San Martín	132
CONCLUSÃO.....	137
LOCAIS DE PESQUISA.....	140
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	140

INTRODUÇÃO

Avenida de Mayo, Plaza de Mayo, Calle 25 de Mayo... caminhar com calma pelo centro de Buenos Aires permite apreciar a história da independência argentina, pois em muitos momentos você é lembrado que o dia 25 de maio foi “o” dia para aquele país. Não bastou uma avenida ligando o poder executivo ao legislativo nem a praça central ser chamada *Plaza de Mayo*, foi necessário mais uma rua denominada *25 de Mayo* e, como se não bastasse, há alguns quilômetros dela existe ainda a rodovia *25 de Mayo*.

Além das ruas, no centro histórico e político da cidade é possível visitar o *cabildo de Buenos Aires*. Muito bem conservado, o local que marcou a independência é aberto para todos aqueles que desejam conhecer a história do país. Justamente em frente a ele, foi criado o palácio do poder executivo, a Casa Rosada, talvez para que todo presidente veja de sua janela aquele símbolo da liberdade.

Em volta da *Plaza de Mayo* existem ainda outros símbolos que remetem à época heroica, a maneira pela qual alguns argentinos se referem à independência. O mausoléu de San Martín é possivelmente o mais interessante deles. Visitado diariamente por centenas de pessoas, está situado dentro da Catedral Metropolitana de Buenos Aires, ao lado direito da nave. Vigiado por guardas o tempo todo, é um local carregado de simbolismo não apenas pelos restos mortais do libertador, mas por tudo que existe ali: uma bandeira enorme da Argentina, a lista das batalhas vencidas pelo general, as estátuas em volta do sarcófago representando os países que libertou, a belíssima cúpula que permite a entrada de luz natural direto no mausoléu. É, enfim, um espaço que representa todo o nacionalismo argentino construído ao longo dos últimos 150 anos e que tem na figura de San Martín seu símbolo máximo.

Em sua homenagem, uma enorme praça foi construída na região central da cidade, onde existe uma estátua grandiosa representando seus feitos heroicos. Ademais, existe uma rua central com seu nome, e ainda a *Avenida del Libertador*, além de esculturas que foram espalhadas por toda Buenos Aires. O destaque de sua importância histórica por meio de monumentos e ruas ocorre em todo o país. Em pequenas cidades turísticas com poucas ruas, como Calafate ou El Chaltén, a avenida principal sempre carrega o seu nome, e apesar de San Martín ser o mais lembrado entre os heróis argentinos, ele não é o único homenageado. Outros personagens da história têm seus nomes estampados em ruas e praças, que ostentam os

nomes de guerreiros da revolução e de políticos e intelectuais que contribuíram para formar a nação ao longo do século XIX.

Além das ruas, praças e estátuas, o governo encontrou outro meio de homenagear os personagens importantes do país. Transformou um cemitério em um dos pontos turísticos mais importantes e mais visitados de Buenos Aires por estrangeiros e nativos. O cemitério de *La Recoleta* é um espaço onde todos podem contemplar os restos mortais de algumas figuras que marcaram a história da nação. Entre os vários túmulos e mausoléus de destaque, o de Eva Perón é o mais visitado. Os mais esplêndidos, porém, pertencem aos políticos e intelectuais do século XIX, como Bartolomé Mitre e Domingos F. Sarmiento, que, apesar de não terem lutado na guerra pela independência, foram fundamentais para formar a nação Argentina.

O passeio pelas ruas, praças e pelo cemitério demonstra que os argentinos conseguiram construir e manter viva a imagem do seu mito de fundação e de seus heróis. Entretanto, isso não é exclusividade argentina, pois a maioria das nações atuais criaram mitos de fundação nacional e escreveram histórias cheias de heróis. Esse é um processo que fez e que ainda faz parte da construção das identidades nacionais em muitos países desde o século XIX.

Todavia, entender esses símbolos como parte de um objetivo que está além da homenagem requer um conhecimento a respeito da construção das identidades nacionais. Em minha primeira visita a Buenos Aires eu já tinha essa visão, o que para meus companheiros de viagem era algo muito chato, pois sempre contextualizava historicamente os monumentos. Meu conhecimento sobre o tema foi obtido durante a graduação, mas meu interesse pela América Latina era anterior. Quando entrei na universidade, meu objetivo era dedicar-me à história da América, pois ao longo do ensino médio alguns personagens políticos despertaram meu interesse. O mais importante deles foi Hugo Rafael Chávez Frías, uma figura curiosa que estava o tempo todo nos noticiários despertando minha curiosidade por ele e por seu país. A chegada de Evo Morales à presidência da Bolívia fez meu interesse pela região crescer ainda mais.

Por esse motivo, durante a graduação eu me envolvi com estudos sobre a América Latina, detendo-me, no início, sobre a Venezuela e o governo de Hugo Chávez. Porém, percebi que para entender melhor a história do continente era necessário compreender melhor também o século XIX, e, assim, a monografia defendida ao final da graduação foi sobre o intelectual venezuelano radicado no Chile, Andrés Bello. A proposta apresentada pelo meu orientador Carlos Lima, aumentou o meu interesse pela História da América e pelo tema das

identidades nacionais. Quando então me decidi a escrever um projeto para o mestrado, já sabia o que buscava.

Por meio de sites como o Google Books e o Internet Archive¹, eu procurei livros publicados por intelectuais latino-americanos no decorrer do século XIX que estivessem relacionados à construção das nações latino-americanas. Deparei-me com dezenas de publicações, principalmente livros de história, mas a mais interessante de todas foi, com certeza, *La Revista de Buenos Aires: Historia Americana, Literatura y Derecho*. Essa fonte contém mais de 14 mil páginas e está disponível integralmente na rede mundial de computadores para ser acessada por qualquer pessoa por meio dos dois endereços eletrônicos supracitados. Todos os 24 tomos foram disponibilizados pela Universidade de Toronto e pela Universidade de Princeton², entretanto, parece que poucas pessoas se interessaram em analisar o periódico, pois, ao buscar informações sobre trabalhos com ele realizados, descobri que quase não existiam.

Nesse sentido, pretende-se compreender, neste trabalho, como o processo de construção da identidade nacional, refletido nas ruas, praças e monumentos de Buenos Aires, desenvolveu-se na Argentina durante a década de 1860 a partir de *La Revista de Buenos Aires: Historia americana, literatura y derecho*, uma fonte de informações sobre as ideias e aspirações de alguns homens de letras argentinos que construíram uma história idealizada e nacionalista a respeito de seu país com intuito de construir uma nação baseada em seus ideais de civilização.

Os estudos sobre a construção das identidades nacionais tornaram-se recorrentes a partir da década de 1980, principalmente com o lançamento do livro *Comunidades Imaginadas* de Benedict Anderson³. O livro gerou muito debate⁴ e, com isso, surgiram outros

¹ <www.books.google.com> e <www.archive.org>, respectivamente.

² A versão utilizada para a pesquisa foi a disponibilizada pela Universidade de Toronto no endereço eletrônico <www.archive.org>. Essa escolha ocorreu porque, nos arquivos disponibilizados pelo Google Books, alguns tomos estão com defeitos.

³ ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

⁴ Para um desdobramento das discussões suscitadas por essas obras consultar: BALAKRISHNAN, G. (Org.). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

estudos, sendo a maioria sobre as nações europeias. No que diz respeito à América Latina, as pesquisas só apareceram na década de 1990⁵, mas principalmente no início do novo milênio⁶.

Entre as fontes importantes para que se compreenda a construção das identidades nacionais está a História produzida pelos intelectuais no decorrer do século XIX nos países europeus e americanos. Pensando nisso, alguns historiadores sul-americanos desenvolveram pesquisas sobre a produção histórica americana e argentina desse período, analisando como esse processo ocorreu na América. Destacam-se, dentre vários, os trabalhos de Fabio Wassermann⁷, Elías José Palti⁸, Alejandro Eujanian e Alejandro Cattaruzza⁹, José Freitas Neto¹⁰ e Guillermo Zermeño Padilla¹¹.

Especificamente sobre a Argentina, percebe-se uma preocupação em analisar determinados contextos. Os principais dizem respeito às décadas de 1830 até 1860, marcadas pela produção da denominada *Geración de 37*, e às décadas posteriores a 1880, quando Bartolomé Mitre publicou diversos livros sobre a história nacional, sendo esse considerado o momento inicial da historiografia argentina¹².

Apesar desses trabalhos desenvolvidos nos últimos anos, uma lacuna no tempo ainda permanece, mas existem fontes disponíveis para análise que podem preencher esse vazio, o

⁵ Os principais são os estudos de José Carlos Chiaramonte. CHIARAMONTE, José C. El federalismo argentino en la primera mitad del siglo XIX. In: CARMAGNANI, Marcelo (org.). **Federalismos Latinoamericanos: México/ Brasil/Argentina**. Ciudad de México: FCE, 1993. CHIARAMONTE, José C. La formación de los Estados nacionales en iberoamérica. In: **Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana E. Ravignani**,. Terceira serie, n. 15, 1º. Semestre de 1997, CHIARAMONTE, José C. Fundamentos iusnaturalistas de los movimientos de Independência. In: **Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana E. Ravignani**, tercera serie, n°22, 2000.

⁶ Sobre isso, consultar: DOYLE, D. e PAMPLONA, M (Orgs.). **Nacionalismo no novo mundo**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

⁷ WASSERMANN, Fabio. **Entre Clio y la Polis: Conocimiento histórico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860)**. Buenos Aires: Editorial Teseo, 2008.

⁸ PALTI, Elías José. **El momento romântico: nación, historia y lenguajes políticos en la Argentina del siglo XIX**. Buenos Aires: Eudeba, 2009.

⁹ CATTARUZZA, Alejandro e EUJANIAN, Alejandro (Orgs.). **Políticas de la historia: Argentina 1860-1960**. Buenos Aires: Alianza, 2003.

¹⁰ FREITAS NETO, José Alves, As histórias de Mitre: A Argentina e seus “outros”. In: NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel (org.). **Figurações do outro na história**. Uberlândia: EDUFU, 2009 e FREITAS NETO, José Alves de. Mitre e a edificação de um patrimônio historiográfico argentino. **História da Historiografia**, v. 7, 2011. e FREITAS NETO, José Alves de. História e Nação: Embates sobre a construção da Argentina (1810-1862). **Temas & Matizes**, v. 09, n° 18, setembro de 2010.

¹¹ PADILLA, Guillermo Zermeño. História, experiência e modernidade na América ibérica, 1750-1850. **Alm. braz.**, São Paulo, n. 7, 2008.

¹² Sobre isso: EUJANIAN, Alejandro. El surgimiento de la crítica. In: CATTARUZZA, Alejandro (Org.). **Políticas de la historia: Argentina 1860-1960**. Buenos Aires: Alianza, 2003.

que seria essencial para compreender como ocorreu a produção histórica ao longo de todo o século XIX e, consequentemente, de que maneira essa História contribuiu para o processo de formação da nação argentina. Uma dessas fontes é, pois, justamente *La Revista de Buenos Aires*, publicada entre 1863 e 1871.

Deste modo, o objetivo desta pesquisa foi analisar um aspecto específico da revista, no caso a seção de História, principalmente os artigos relacionados com a guerra de independência. Essa escolha não foi feita ao acaso, ela se baseou em um estudo anterior¹³ que aponta para o fato de que a luta pela liberdade no início do século XIX foi um acontecimento fundamental na construção da história nacional argentina. Além disso, esse é o tema mais recorrente nos artigos de História.

Sendo assim, pode-se dizer que o objetivo geral foi entender de que maneira a História publicada em *La Revista de Buenos Aires* contribuiu para a construção de uma identidade nacional. Porém, para que esse objetivo fosse atingido, foi necessário utilizar alguns instrumentos teóricos e conceituais que contribuíssem para a análise e a compreensão dos artigos da revista.

As ideias de civilização e barbárie difundidas por Juan Bautista Alberdi e principalmente por Domingo F. Sarmiento durante a primeira metade do século XIX foram essenciais ao longo da pesquisa, pois esses conceitos estiveram presentes no discurso difundido pela revista. Os organizadores e os colaboradores explicitaram em seus textos que o Estado Nacional que eles almejavam deveria ser construído com base na ideia de civilização, tal como eram os Estados Unidos da América e alguns países europeus¹⁴. A ideia de civilização estava sempre oposta à de barbárie, que era entendida pelos participantes da revista como o grande fator responsável pelos problemas argentinos e pela desunião que afetava o país desde a época da independência. Por isso, todos aqueles que eram considerados inimigos políticos pelos organizadores eram taxados de bárbaros e *caudillos* e prontamente culpados pelos males da nação.

Outro conceito importante para a análise dos artigos da revista foi o de “nação”, uma ideia muito presente nos seus textos. O interessante foi perceber que o discurso dos

¹³ WASSERMANN, Fabio. **Entre Clio y la Polis: Conocimiento histórico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860)**. Buenos Aires: Editorial Teseo, 2008.

¹⁴ BOTANA, Natalio. **La tradición Republicana: Alberdi, Sarmiento y las ideas políticas de su tiempo**. Buenos Aires: De bolsillo, 2005.

organizadores e dos colaboradores partia do pressuposto de que a nação havia nascido já no momento da independência, fazendo com que o sentimento nacional e patriótico fizesse parte da sociedade antes mesmo da guerra de libertação. Nesse sentido, é fundamental entender que esse discurso é característico da construção das identidades nacionais, exatamente o que estava ocorrendo na Argentina no momento em que *La Revista de Buenos Aires* era publicada.

Como demonstrou José Carlos Chiaramonte em seus estudos sobre o assunto¹⁵, não existe qualquer indício de que havia uma ideia de nação argentina na região do Rio da Prata na época da guerra de independência. Segundo o historiador argentino, o que existiam eram sentimentos de pertencimento às províncias, que, àquele momento, eram consideradas Estados independentes. A formação da Argentina enquanto nação ocorreu apenas no decorrer da segunda metade do século XIX, principalmente depois da derrota de Juan Manuel de Rosas. Esse acontecimento foi considerado algo marcante, porque, depois dele, o processo de união entre as províncias iniciou-se de modo concreto, vindo a se efetivar no início da década de 1861 com a consolidação do Estado Nacional unificado¹⁶.

Outro conceito fundamental para o desenvolvimento da pesquisa foi o de Esfera Pública, estudado pelo intelectual alemão Jürgen Habermas. As ideias propostas por ele sobre esse conceito permitiram compreender o ambiente no qual a revista circulou. Ao escrever sua tese, Habermas argumenta que a esfera pública é o meio pelo qual a sociedade civil pode manter uma relação com o Estado institucionalizado¹⁷, e, a partir disso, a historiadora Hilda Sabato¹⁸ desenvolveu suas pesquisas sobre a formação da esfera pública na cidade de Buenos Aires, defendendo que o surgimento desse fenômeno na capital argentina ocorreu paralelamente à formação da nação, sendo um dependente do outro. De acordo com Sabato, as diversas formas de associações que existiam em Buenos Aires, que agregavam um imenso número de pessoas dos mais variados segmentos sociais, e a imprensa, extremamente atuante

¹⁵ Principalmente: CHIARAMONTE, José C. El federalismo argentino en la primera mitad del siglo XIX. *Op.Cit.* e CHIARAMONTE, José Carlos. **Cidades, províncias, Estados. Orígens da nação argentina(1800-1846)**. SãoPaulo: Hucitec, 2009.

¹⁶ BONAUDO, Marta (Org.). **Nueva historia argentina: Liberalismo, estado y orden burguês (1852-1880)**. Buenos Aires, Sudamericana. 1999. e SABATO, Hilda. **Historia de la Argentina, 1852-1890**, Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2012.

¹⁷ HABERMAS, J. **Mudança estrutural da Esfera Pública: Investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 2003.

¹⁸ SABATO, Hilda. **La política em las calles: entre el voto y la movillización, Buenos Aires, 1862-1880**. Bernal: Universidade Nacional de Quilmes, 2004.

na década de 1860, foram os dois principais meios de relação entre a sociedade civil e o Estado argentino.

No que diz respeito à imprensa, após a derrota de Rosas e o aumento da liberdade, sua influência na sociedade tornou-se cada vez maior. Por meio de jornais, revistas e outros meios impressos, os grupos políticos que existiam na Argentina começaram a difundir seus ideais, utilizando a imprensa para expor suas opiniões e também para atacar seus adversários. Conforme Sabato, se um grupo político tinha a intenção de influenciar a sociedade e de conquistar poder político era preciso dispor de um periódico¹⁹.

Por esse motivo, na primeira parte da pesquisa foram analisadas as seções *Literatura* e *Derecho* e seu apêndice *Bibliografía y Variedades*. O contexto em que a revista foi publicada e a sua relação com outros periódicos também foram analisados. Além disso, objetivou-se compreender a vida intelectual e política dos organizadores e de alguns colaboradores da revista.

As ideias de Alberdi e Sarmiento em que se destacam os conceitos de civilização e barbárie foram apresentadas no início para demonstrar a influência que tiveram sobre os homens de letras argentinos ao longo do século XIX – entre eles, os organizadores da revista. Em seguida, foi considerado o contexto em que o periódico foi publicado, buscando-se analisar especificamente a formação da esfera pública em Buenos Aires e a relação da revista com alguns jornais. Com isso, evidenciou-se que, já no seu início, *La Revista de Buenos Aires* foi acolhida pela imprensa, sendo recomendada pelos diários aos leitores.

A revista surgiu no momento em que a formação do Estado Nacional se iniciava e em que o país passava por uma efervescência política²⁰. Nesse período, formaram-se o *Partido de la Libertad* e o partido *Autonomista*, o primeiro comandado por Bartolomé Mitre e o segundo por Adolfo Alsina. Além desses, havia também o partido federalista, cujo líder era Justo José de Urquiza, figura que representava, em sua maioria, as províncias do interior. Nessa época era comum haver disputas políticas entre grupos que tentavam impor seus projetos, e, em muitos casos, as contendas acabavam em violência²¹. Diante dessa conjuntura, ficou evidente que, para aplicar seus projetos, os personagens políticos não respeitavam uma

¹⁹ SABATO, Hilda. La vida pública em Buenos Aires. In: (Org.). BONAUDO, Marta **Nueva historia argentina: Liberalismo, estado y orden burgués (1852-1880)**. Buenos Aires: Sudamericana, 1999.

²⁰ SABATO, Hilda. **Historia de la Argentina, 1852-1890**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2012.

²¹ HALPERIN DONGHI, Túlio. **Una nación para el desierto argentino**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1982.

lógica. Dependendo da situação, alianças eram desfeitas e, depois, eram refeitas, ainda que seus principais atores fossem aqueles que eram considerados inimigos anteriormente.

No que tange às seções da revista, a de literatura apresenta uma enorme quantidade de artigos, e, entre os seus variados temas, destacam-se aqueles relacionados a personagens sociais argentinos, como o *gaucho* ou os indígenas. A seção de direito, pelo contrário, foi pouco explorada. Todavia, seus escassos artigos são ótimos exemplares da preocupação dos organizadores em contribuir com a formação do Estado Nacional. Nela, destacam-se os artigos sobre as fronteiras entre as províncias e entre os países americanos. O apêndice *Bibliografía y Variedades* tinha como objetivo publicar opiniões sobre livros, jornais e revistas lançados em Buenos Aires, fossem eles argentinos ou estrangeiros. Além disso, também foram publicadas, nessa seção, notícias sobre acontecimentos locais e a respeito da circulação da revista e da sua relação com outros periódicos, sendo esses os artigos mais importantes, pois contribuíram para situar a revista em meio à esfera pública portenha.

Em relação aos organizadores e aos colaboradores que publicaram no periódico, pode-se ressaltar que Quesada e Viola, os dois organizadores, eram personagens com experiência no mundo da imprensa. Antes de *La Revista de Buenos Aires*, eles haviam participado de outras publicações, tanto como organizadores quanto como colaboradores. Além disso, participaram da vida política do país, sendo eleitos para cargos públicos. Os colaboradores, argentinos e americanos, escolhidos para publicar na revista eram reconhecidamente personagens importantes da vida intelectual da América.

Entre os que mais se destacam, vale citar Juan Maria Gutierrez, Vicente Fidel Lopez, o chileno Diego Barros Arana e o colombiano José Maria Torres Caicedo. Deve-se ressaltar, também, a participação de Bartolomé Mitre, que, após publicar artigos nos primeiros números, deixou de colaborar. Isso é indicativo, por exemplo, das relações políticas entre os organizadores e o então presidente do país. Nesse sentido, vale ainda destacar que, com o início da Guerra da Tríplice Aliança, alguns intelectuais se posicionaram contra o conflito, entre eles Viola, que foi exilado em Montevidéu e publicou diferentes livros sobre o assunto²².

Diante disso, pode-se afirmar que a revista escolhia seus colaboradores de acordo com seus interesses políticos. A princípio, a participação de Mitre representava uma aliança, mas,

²² SABATO, Hilda. **Historia de la Argentina, 1852-1890. Op.Cit.** Os livros publicados por Viola nesse período foram: *El despotismo del estado de sitio de la Republica Argentina* e *Atrás el Imperio*.

com o desenrolar da guerra, ele passou a ser criticado e chamado de *caudillo*²³. Além do mais, foi possível vislumbrar uma aproximação política entre os organizadores e os representantes do partido *Autonomista*, críticos da política mitrista²⁴.

Na segunda parte da pesquisa, o foco foi a seção de história. Pesquisou-se, em primeiro lugar, a relação entre a produção histórica do século XIX e a constituição das nações. Para a historiografia atual, a história escrita no oitocentos foi fundamental para a formação das identidades nacionais, pois ela possibilitou a criação dos *mitos de origens*, e assim um sentimento de pertencimento para as sociedades que se constituíam. Em seguida, realizou-se um levantamento bibliográfico a respeito da produção histórica na região do Rio da Prata durante o século XIX, por meio do que se pode perceber que o tema ainda foi pouco explorado. Contudo, foi possível afirmar que a história produzida antes da década de 1860 não pode ser considerada de caráter nacional, pois ainda não havia um Estado Nacional unificado. Seus escritos históricos tinham o interesse apenas de defender determinados grupos políticos²⁵.

A historiografia afirma que a História Nacional da Argentina só foi construída a partir da década de 1880, principalmente com as publicações das obras de Bartolomé Mitre²⁶. Além disso, deve-se ressaltar que os escritos históricos dessa época, principalmente os produzidos pelos intelectuais ligados à *Geración de 37*²⁷, podem ser caracterizados, segundo Elías José Palti, como românticos. Segundo o autor, o romantismo, com algumas variações, esteve presente ao longo do século XIX na Argentina, influenciando a produção histórica dos organizadores da revista.

Nesse sentido, foi possível vislumbrar que os organizadores e seus colaboradores, ao publicarem seus artigos na seção de história, tinham como objetivo influenciar na construção

²³ QUESADA, Vicente G. Certámenes históricos. **La Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, Tomo XV, nº 58, fevereiro de 1868.

²⁴ BARBA, Fernando E. **Los autonomistas del 70**. Buenos Aires: Labor, 1982.

²⁵ WASSERMANN, Fabio. **Entre Clio y la Polis: Conocimiento histórico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860)**. Buenos Aires: Editorial Teseo, 2008.

²⁶ CATTARUZZA, Alejandro (Org.). **Políticas de la historia: Argentina 1860-1960**. Buenos Aires: Alianza, 2003.

²⁷ PALTÍ, Elías José. **El momento romântico: nación, historia y lenguajes políticos en la Argentina del siglo XIX**. Buenos Aires: Eudeba, 2009.

de uma nação baseada na ideia de civilização. Para isso, afirmavam que os problemas do país estavam relacionados aos acontecimentos posteriores à guerra de independência, principalmente às disputas políticas e aos conflitos entre as províncias, sempre causados pelos bárbaros *caudillos*. Era necessário, então, apagar esses problemas e escrever uma nova história, demonstrando que a pátria deveria ser unificada sob os ideais revolucionários de 1810.

Um dos meios para atingir esse objetivo foi escrever a história das províncias para, assim, criar uma identificação entre elas e demonstrar que todas faziam parte da mesma pátria. Por isso, vários artigos sobre as províncias foram publicados no decorrer dos seus 96 números. Outro tema de destaque referente ao ideal civilizador dos organizadores foi uma série de artigos sobre a fronteira indígena, tema muito debatido em meados do século XIX na Argentina²⁸. A análise demonstra que Quesada, que escreveu os artigos, defendia a expansão da fronteira, porém, por meio de ações que não fossem violentas e que civilizassem os indígenas²⁹.

Apesar de todo o discurso sobre a necessidade de se criar um país civilizado e de se acabar com os conflitos entre as províncias e as disputas políticas que prejudicavam a Argentina, os artigos demonstram que essa não era a prática, já que os organizadores usaram seu periódico para atacar adversários e ideias com que não concordavam, sempre acusando os inimigos de serem bárbaros e de prejudicarem a pátria.

Por fim, no último capítulo, foram analisados especificamente os artigos que tinham como tema a guerra de independência. Os motivos para isso são: i) a maioria dos artigos da seção histórica aborda o assunto; ii) o fato de que esse acontecimento era compreendido pelos intelectuais argentinos do século XIX como sendo o Mito de Origem da nação³⁰. Apesar de muitos textos se referirem à luta pela independência, apenas um analisou o episódio de modo detalhado. A biografia foi a maneira mais escolhida para se abordar o tema, contribuindo assim para a criação da imagem de diversos heróis nacionais.

²⁸ QUIJADA, Mónica. Nación y territorio: la dimensión simbólica del espacio en la construcción nacional argentina. Siglo XIX. **Revista de Indias**. Vol. LX, n° 219.

²⁹ QUESADA, Vicente G. Las fronteras e los indios. **La Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, Tomo V, n° 17, setembro de 1864.

³⁰ WASSERMANN, Fabio. **Entre Clio y la Polis**. *Op.Cit.*

A característica essencial apresentada nos primeiros artigos analisados é a ideia de que já havia, na região do Rio da Prata, um sentimento nacional antes da guerra de libertação, bem como a ênfase no fato de que o objetivo dos personagens que libertaram a Argentina do governo despótico espanhol era fundar uma nação civilizada, mas que isso não havia sido possível por causa da barbárie perpetrada pelos *caudillos*. Sendo assim, era preciso escrever a verdadeira história da revolução.

Luis V. Varela foi o responsável por publicar o único artigo que se propôs a analisar a história da revolução³¹. De acordo com sua análise, a independência argentina não podia ser considerada um acaso, mas sim parte de um plano superior que se iniciou com o surgimento do cristianismo. Para Varela, a revolução foi consequência da reforma protestante e da independência dos Estados Unidos – uma argumentação pela qual o autor buscava incluir a história da Argentina na história mundial. Além disso, tal como os outros autores, afirmava que os caudilhos foram os responsáveis pelos problemas pós-independência.

Nas biografias, todos os personagens que tiveram suas trajetórias narradas foram considerados heróis, sendo o libertador San Martín o principal deles. O que existe em comum entre todas as biografias é o fato de que os heróis que lutaram pela independência foram considerados patriotas antes mesmo de a guerra começar. Além disso, eram considerados, ainda, defensores da civilização, assim como os homens de letras que escreviam suas biografias. Dessa forma, os autores criaram uma ligação com os personagens da revolução afirmando defenderem os mesmos ideais e colocando-se como representantes legítimos daqueles, em contrapartida com seus inimigos políticos, que representavam os que destruíram os ideais da guerra revolucionária, sendo acusados de prejudicar os heróis em nome de interesses próprios. Desse modo, pode-se dizer que a história da Argentina publicada em *La Revista de Buenos Aires*, além de ser perpassada por um discurso político marcante, estava carregada de um ideal civilizador.

³¹ VARELA, Luis V. Recuerdos históricos. **La Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, Tomo XVI, nº 63, julho de 1868.

1.Capítulo Primeiro: DESCOBRINDO LA REVISTA DE BUENOS AIRES

O objetivo geral deste capítulo é compreender e analisar as características gerais de *La Revista de Buenos Aires: Historia Americana, literatura y derecho* (RBA)³². Contudo, em um primeiro momento, serão expostas as ideias de Domingo F. Sarmiento e Juan Bautista Alberdi, dois intelectuais importantes para a formação da nação argentina porque, com suas opiniões, influenciaram tanto o rumo político do país como também muitos letrados, inclusive os que escreveram na RBA.

Posteriormente, com o intuito de analisar a formação da esfera pública na cidade de Buenos Aires a partir dos estudos da historiadora Hilda Sabato, será construído um cenário em que se discutirá o conceito de “esfera pública” segundo as ideias de Jürgen Habermas, o que é imprescindível para que o contexto em que surgiu *La Revista de Buenos Aires* seja melhor compreendido. Ademais, compreender a formação e o funcionamento da esfera pública em Buenos Aires permite observar se a RBA ocupou espaço nessa esfera de debate público e se, assim, teve alguma importância nos meios letrados da sociedade portenha. Em seguida, como parte do objetivo, será feita uma apresentação geral das duas seções da revista, Literatura e Direito, além de seu apêndice, Bibliografia e Variedades³³. Por meio dessa apresentação, buscar-se-á compreender como são constituídas essas seções, ou seja: quantos artigos foram publicados; quais os assuntos abordados nesses artigos; se esses textos tratam de assuntos políticos; o que esses artigos dizem sobre a própria revista; e, enfim, por que a revista foi criada. Assim, espera-se apreender os propósitos de seus criadores.

Em um momento seguinte, a trajetória dos organizadores de *La Revista de Buenos Aires* e de seus colaboradores argentinos e americanos será analisada no intuito de se entender: quem foram os personagens que criaram e mantiveram a revista durante sua existência; quais suas trajetórias de vida; quais foram suas outras ocupações; a que assuntos mais se dedicaram; se publicaram outros periódicos ou livros; se tiveram participação na política argentina. Depois, serão abordadas as trajetórias de alguns letrados que colaboraram com a revista para averiguar: quem eram os colaboradores que viviam no exterior; se eram reconhecidos em seus países; quais as obras que publicaram; em que assuntos eram especialistas.

³² A partir desse momento, na maioria dos casos a expressão RBA será usada em referência à *La Revista de Buenos Aires*.

³³ A seção de História Americana será analisada de maneira mais consistente no capítulo dois.

Os colaboradores argentinos também serão analisados na intenção de se entender: quais eram suas posições na sociedade; qual foi sua produção intelectual fora da revista; quais os temas dos artigos que publicaram. Com isso, espera-se compreender³⁴ qual era o perfil dos letrados que participaram da revista, pois isso permite entender qual era o círculo de contatos dos organizadores e quais letrados mantinham contato com a revista.

1.1. Geração de 37 e seu projeto civilizador.

Para a historiografia atual, é consenso que a nação argentina não surgiu após a guerra de independência, e sim a partir de meados do século XIX. Entretanto, se a nação começou a se moldar de modo mais efetivo após a queda de Juan Manuel de Rosas, no início da década de 1850, algumas das ideias e dos projetos importantes para a formação do estado nacional surgiram ao longo de seu governo.

Entre os principais ideólogos da futura nação estavam os letrados que participaram da denominada *Generación del 37*, como Juan Bautista Alberdi e todos que gravitaram em torno dela, como Domingo F. Sarmiento. Esse dois pensadores elaboraram suas ideias durante o governo de Rosas, visto por eles como um caudilho, um representante da barbárie. Além deles, houve outro pensador e político importante que teve relevância na formação do estado nacional: Bartolomé Mitre³⁵.

Segundo Natalio R. Botana, Alberdi e Sarmiento entendiam que a revolução ocorrida na América do Sul foi uma ruptura que deu lugar a um drama histórico: “*Un cuarto de siglo más tarde, el punto de partida era como un gigantesco desgarró: el antiguo régimen que caducaba; las primeras esperanzas prontamente segadas; sobre los escombros, al cabo de aquel intenso momento fundacional, el espectro del despotismo*”³⁶. Dessa forma, se a revolução cortou a ligação com o passado, era preciso, segundo esses homens de letras, construir uma república desde essa raiz. O ponto de partida teria de ser a revolução, mesmo que essa tenha trazido o despotismo e a anarquia.

³⁴ Tendo em vista o grande número de pessoas que colaboraram com a revista ao longo de seus oito anos, é impossível fazer uma análise de todos eles. Por isso, a partir de critérios como número de artigos publicados e importância política, apenas alguns serão escolhidos.

³⁵ SHUMWAY, Nicolas.: **História de uma ideia**. São Paulo: Edusp; UNB, 2008.

³⁶ BOTANA, Natalio. **La tradición Republicana: Alberdi, Sarmiento y las ideas políticas de su tiempo**. Buenos Aires: Delbolsillo, 2005, p. 255.

De acordo com Shumway, os jovens relacionados com a Geração de 37 “se atribuíram duas importantes tarefas: identificar, sem idealizar, os problemas enfrentados pela Argentina e criar um programa de ação que faria dela uma nação moderna”³⁷. Esses problemas, de acordo com o historiador, são condizentes com o que afirmou Botana. Segundo Shumway:

Ao descrever os problemas nacionais, [os jovens relacionados com a Geração de 37] criaram o que se tornou um gênero pouco feliz da literatura argentina: a explicação do seu fracasso. É fácil compreender a razão por que esse fracasso era para eles uma obsessão. Durante os anos de sua formação, todos os membros desse grupo testemunharam o insucesso das províncias em formar uma unidade, a incapacidade dos liberais portenhos de criar uma política inclusiva, o fracasso das massas em eleger políticos responsáveis e a falha das teorias europeias em proporcionar uma alternativa constitucional ao governo dos caudilhos³⁸.

Botana, em seu livro *La tradición republicana*, procurou demonstrar o pensamento de Alberdi e Sarmiento a respeito da melhor maneira de construir esse estado nacional. Como ponto de partida, destaca-se a obra de Sarmiento, *Facundo o Civilización y Barbarie*, na qual o autor contrapõe a ideia de civilização à ideia de barbárie, que, de acordo com ele, coexistiam na Argentina. Essa percepção surgiu após as viagens de Sarmiento pelo interior do país.

Sobre a interpretação de Sarmiento, Botana afirma:

la barbarie es, para Sarmiento, un contorno, el marco fantasmal de la extensión, receptáculo inevitable del despotismo. Mientras la buena legitimidad se perfecciona en la ciudad, el colosal espacio del desierto contiene otra forma de gobierno que es la negación extrema de aquella. (...) en la sociedad bárbara la igualdad es la voluntaria subordinación de los seguidores a un mando indiscutido³⁹.

Nesse sentido, Sarmiento entendia o deserto – o campo – como o local da barbárie, um território livre que pertencia aos federalistas, e a cidade como o local da civilização, o protótipo da cultura, do progresso e da riqueza⁴⁰. Essa cidade era a Buenos Aires governada pelos unitários do início dos anos 1820, contudo, com a chegada de Rosas ao poder, ela foi dominada pela barbárie.

As esperanças de Sarmiento se renovaram com sua viagem para os Estados Unidos. Muito marcado pela leitura de *A democracia na América*, de Toqueville, Sarmiento visualizou

³⁷ SHUMWAY, Nicolas, **A invenção da Argentina. Op.Cit.**, p. 157.

³⁸ *Idem.*

³⁹ BOTANA, Natalio. **La tradición Republicana, Op.Cit.**, p. 270.

⁴⁰ PRADO, Maria L. C. **América Latina no século XIX: Tramas, telas e textos**. São Paulo: Edusp, 2004, p. 161.

nos Estados Unidos um modelo a ser seguido, contrapondo-o à Europa, que ele visitou durante as revoluções de 1848, o que lhe causou uma péssima impressão⁴¹.

Divergindo da ideia de Sarmiento, Alberdi entendia que o meio geográfico não produzia a barbárie, pois não acreditava que ele fosse determinante para a formação das sociedades. Ademais, afirmava que havia apenas a divisão entre “o homem do litoral” e o “homem do interior”, o que, segundo Maria Ligia Coelho Prado, demonstrava uma preocupação com a relação entre Buenos Aires e o resto das províncias⁴².

De acordo com Botana, o projeto de Alberdi visava “suplir los hábitos malsanos de la vieja cultura con las costumbres de la civilización del porvenir”, o que significava trazer para a América um grande número de europeus, que plantassem “en tierra nueva esas costumbres necesarias”. Segundo Alberdi, democracia, igualdade e soberania do povo eram noções vazias se não houvesse um sujeito para encarná-las⁴³.

Desse modo, entendia a civilização como indústria, riquezas, garantias, paz e liberdades, e isso só ocorreria na América quando os costumes concretos viessem de fora, ou seja, quando a Europa moderna, aquela representada pela Inglaterra e pela França, substituísse a Europa espanhola que deu origem à América⁴⁴. A proposta de Alberdi destoa da proposta de Sarmiento, que entendia ser a educação pública o ponto de partida para se criar a república de cidadãos⁴⁵.

Se os dois pensadores divergiam sobre o melhor caminho para se construir a república argentina civilizada, suas ideias convergiam em outros pontos, por exemplo, o combate a Rosas e ao federalismo que ele representava. Porém, como expôs Botana, acima de tudo estava o fato de concordarem com a necessidade de se criar um projeto civilizador para substituir os problemas que ocorreram no pós-revolução. Esses projetos foram essenciais para a formação da nação argentina, pois suas ideias e atitudes influenciaram tanto outros letrados, entre eles os organizadores da RBA, como a prática política argentina, principalmente após a queda de Rosas.

⁴¹ BOTANA, Natalio. **La tradición Republicana**, *Op.Cit.*, p. 278-279.

⁴² PRADO, Maria L. C. **América Latina no século XIX**, *Op.Cit.*, p. 165.

⁴³ BOTANA, Natalio. **La tradición Republicana**, *Op.Cit.*, p. 293.

⁴⁴ *Idem*, p. 294.

⁴⁵ *Idem*, p. 309.

1.2. A esfera pública em Buenos Aires na década de 1860.

Tendo em vista que a formação de uma esfera pública está entrelaçada com a constituição de um Estado Nacional, esse fenômeno apareceu na Argentina apenas na década de 1860, pois as disputas políticas que aconteceram na primeira metade do século XIX entre as diversas províncias do país inviabilizaram o aparecimento de um governo centralizado⁴⁶.

A unificação das províncias só ocorreu após a batalha de Pavón, entre a província de Buenos Aires e a chamada Confederação, que, desde o início da década de 1850, era formada por todas as outras províncias. Após esse conflito e a vitória de Buenos Aires, houve um acordo para a formação de um Estado único e centralizado sob a liderança dos políticos portenhos.

Foi somente nesse momento que a tentativa de estabelecer uma Nação unificada tomou corpo de modo consistente. Segundo a historiografia atual, esse período é conhecido como a “etapa de la organización nacional”, conforme as palavras da historiadora Marta Bonaudo⁴⁷, mas ele também é entendido como os “treinta años de discordia”, de acordo com o historiador Tulio Halperin Donghi⁴⁸. Sendo assim, apesar de a Argentina avançar na consolidação de um estado nacional unificado, as querelas políticas mantiveram-se, principalmente aquelas entre os políticos de Buenos Aires e os políticos das outras províncias. De acordo com Donghi e outros historiadores, na maior parte das vezes essa disputa tornou-se violenta⁴⁹.

Para Bonaudo, a partir da década de 1850, a organização do estado nacional argentino ocorreu sob três bases. A primeira foi a formação de uma ordem burguesa, na qual os grupos burgueses, nascidos sob a tradição colonial no período pós-independência, juntamente com os imigrantes, atores importantes da economia, buscaram implementar mudanças no seu sistema econômico com o objetivo de participar do mercado capitalista mundial. Nesse sentido, “para

⁴⁶ A respeito desse tema, consultar principalmente CHIARAMONTE, José Carlos. **Cidades, províncias, Estados. Origens da nação argentina (1800-1846)**. São Paulo: Hucitec, 2009, e CHIARAMONTE, José C. El federalismo argentino en la primera mitad del siglo XIX. In: CARMAGNANI, Marcelo (org.). **Federalismos Latinoamericanos: México/ Brasil/Argentina**. Ciudad de México: FCE, 1993.

⁴⁷ BONAUDO, Marta. Modo de Prólogo. In: BONAUDO, Marta (Org.). **Nueva historia argentina: Liberalismo, estado y orden burgués (1852-1880)**. Buenos Aires, Sudamericana, 1999. p.13

⁴⁸ HALPERIN DONGHI, Túlio. **Una nación para el desierto argentino**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1982.

⁴⁹ Para ter uma visão concisa desse processo, consultar: SABATO, Hilda. **Historia de la Argentina, 1852-1890**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2012.

ellos fue imprescindible articular los diferentes espacios regionales com el objeto de lograr una inserción operativa en un mercado mundial crecientemente integrado.”⁵⁰ Ademais, a inserção na ordem capitalista liberal levou, a partir da regulação dos vínculos de trabalho, a uma nova relação entre trabalhadores e patrões.

Outra das bases foi a organização do Estado. Segundo a historiadora:

La constitución, que otorgó un marco jurídico a las libertades y créo las condiciones para la construcción de una estructura de representación de nuevo cuño, dio vida a un Estado a través del cual se expresaba prescriptivamente una soberanía nacional única⁵¹

Entretanto, para impor essa soberania a todo o território nacional, foram necessárias duas medidas básicas. A primeira era tornar o cidadão mais próximo do Estado, com o direito de participação nele, mas também com o dever de sustentá-lo por meio de impostos. Para isso, foram criados um sistema de recolhimento de impostos, uma moeda única e um banco central.

A outra medida, segundo Bonaudo, foi a organização de um exército nacional. Isso ocorreu primeiro sob o governo de Bartolomé Mitre durante a guerra contra o Paraguai. Em 1869, foi criado o Colégio Militar com o objetivo de formar oficiais e organizar o Exército. Isso levou a outra medida importante para a consolidação do Estado Nacional, a ocupação do território indígena com o objetivo de criar um território nacional⁵².

Por fim, a terceira base essencial para a criação do Estado nacional foi a construção de um sistema de representação política unificado. A ideia desse sistema estava baseada na constituição de 1853, sendo a sua essência a soberania do povo. As eleições e o jogo político foram fatores que contribuíram para a criação desse sistema de representação política, mas não foram os únicos.

Todavia, a formação do estado nacional sob esses três alicerces ficou marcada pela disputa de poder e pelos conflitos políticos, que ocorriam, na maioria das vezes, durante as eleições. Esses conflitos remontam ao momento que antecedeu o governo de Juan Manuel de Rosas, no qual havia uma disputa entre os Federalistas, favoráveis à maior liberdade das províncias, e os Unitários, que pregavam a união do Rio da Prata sob o domínio de Buenos Aires.

⁵⁰ BONAUDO, Marta *Op.Cit.*, p.14.

⁵¹ *Idem*, p.21.

⁵² *Idem*, p.23.

Durante a década de 1860, na qual a RBA foi publicada, a disputa política persistiu com roupagens ligeiramente diferentes. Os unitários, em sua maioria, passaram a fazer parte do *Partido de la Libertad*, comandado por Bartolomé Mitre, vencedor da batalha de Pavón e presidente entre 1862 e 1868. Como afirma Donghi e também Sabato, o partido de Mitre, que tinha o domínio de Buenos Aires, tentou, ao longo da década de 1860, dominar as outras províncias que ainda eram comandadas pelos políticos federalistas, impondo os seus correligionários por meio da força.

Essa tentativa de domínio representou a continuação das guerras facciosas que assolaram a região do Rio da Prata desde sua libertação, pois as querelas entre o *Partido de la Libertad* e os federalistas foram marcadas pela violência dos dois lados, mas principalmente por parte dos mitristas, que tinham o domínio do exército⁵³.

Segundo Donghi, o liberalismo propagado por Mitre tinha a pretensão de representar toda a sociedade e de expressar todas as aspirações políticas legítimas⁵⁴. Contudo, para atingir esse objetivo, Mitre se aproximou do líder dos federalistas, Justo José de Urquiza, o que levou seu partido a se dividir. Assim, formou-se outro grupo político, denominado *Autonomistas* e liderado por Adolfo Alsina, que defendia a soberania da província de Buenos Aires. Os *Autonomistas* eram contrários à ideia, defendida por Mitre, de federalizar a cidade mais importante da Argentina, como Urquiza e Rivadavia, este na década de 1820⁵⁵, pretenderam.

Ainda conforme o historiador Fernando Barba, a divisão interna do *Partido de la Libertad* ocorreu porque o grupo dos *autonomistas* tinha uma visão diferente sobre a maneira de conduzir o país. Para eles, era necessária uma política de industrialização similar a dos Estados Unidos, sendo, portanto, inspirada nas ideias de Sarmiento e contra as forças econômicas tradicionais, que se baseavam na estrutura pecuária. Diante desse embate político, o novo grupo chegou a recorrer aos federalistas com o objetivo de combater o governo de Mitre⁵⁶.

Essa dissolução do partido mitrista demonstra que o período de circulação da RBA foi politicamente agitado e violento. Além disso, evidencia que os projetos políticos eram diversos e que, para concretizá-los, as mudanças políticas eram recorrentes. Os interesses

⁵³ HALPERIN DONGHI, Túlio, *Op.Cit.*.

⁵⁴ BONAUDO, Marta, *Op.Cit.*, p.70.

⁵⁵ BARBA, Fernando E. **Los autonomistas del 70**. Buenos Aires: Labor, 1982, p, 09.

⁵⁶ *Idem*, p, 10.

políticos fizeram Mitre e Urquiza enfrentarem-se em um determinado momento, porém, deve-se salientar que, quando necessário, eles tornaram-se aliados. Da mesma forma, Sarmiento coligou-se a Mitre no período das guerras contra os federalistas, mas, nas eleições de 1868, seus projetos tornaram-se divergentes. Esses fatos devem ser levados em consideração para que se entendam a posição e o posicionamento da RBA nesse ambiente.

Apesar desse clima conflituoso ao longo da década de 1860, Hilda Sabato ressalta que a cidade de Buenos Aires, a mais importante do país, teve grande importância no processo de formação do estado nacional, pois, desde a época colonial, foi muito afetada por todos esses acontecimentos políticos, o que gerou mudanças nos âmbitos social, cultural e político. Segundo ela:

lo característico de este período de profundos cambios sociales em Buenos Aires fue la formación de una esfera pública que se constituyó en una instancia de mediación entre sociedad civil y Estado y de participación política para amplios sectores de la población porteña⁵⁷.

Conforme Sabato, uma das mudanças mais relevantes em Buenos Aires foi a formação de sua esfera pública, que se baseou em dois pontos fundamentais: o primeiro, o grande número de publicações impressas, como jornais, revistas e diversos tipos de periódicos; o segundo, o grande número de associações que começaram a existir a partir daquele momento.

Porém, para compreender a formação da esfera pública na capital argentina é essencial partir do conceito formulado pelo estudioso alemão Jürgen Habermas, uma ferramenta útil para o entendimento do que poderíamos considerar esfera pública. Antes de qualquer coisa, porém, deve-se salientar que esse conceito é moderno e, segundo Habermas, passou a existir no momento da formação do Estado Burguês.

De acordo com o autor, a esfera pública deve ser compreendida como:

a esfera das pessoas privadas reunidas em um público; elas reivindicam esta esfera pública regulamentada pela autoridade, mas diretamente contra a própria autoridade, a fim de discutir com ela as leis gerais da troca na esfera fundamentalmente privada, mas publicamente relevante, as leis de intercâmbio de mercadorias e do trabalho social⁵⁸.

De maneira muito resumida, essa esfera pública política “passa a ter o status normativo de um órgão de automediação da sociedade burguesa com um poder estatal que

⁵⁷ SABATO, Hilda. **La política em las calles: entre el voto y la movillización, Buenos Aires, 1862-1880**. Bernal: Universidade Nacional de Quilmes, 2004, p. 13.

⁵⁸ HABERMAS, J. **Mudança estrutural da Esfera Pública: Investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 2003, p. 42.

corresponda às suas necessidades”⁵⁹. Ela é o meio pelo qual as pessoas podem questionar e se relacionar com o Estado institucionalizado. Porém, para a sua formação, são imprescindíveis algumas condições – uma cidade, por exemplo – pois, como afirma Habermas, “ela caracteriza, antes de mais nada, uma primeira esfera pública literária que encontra as suas instituições nos *coffe-houses*, nos *salons* e nas comunidades de comensais.”⁶⁰

Outro elemento importante na composição da esfera pública é a imprensa, e não apenas os jornais, mas também as revistas. Segundo Habermas, esses locais de encontro são sociedades privadas, “uniões com salas apropriadas, oferecendo a possibilidade tanto de ler revistas e jornais quanto também, igualmente importante, a oportunidade de conversar sobre o que foi lido”⁶¹.

Baseada nesses pressupostos, Hilda Sabato demonstrou de que maneira ocorreu a formação da esfera pública em Buenos Aires, e também como esse fenômeno foi importante para a construção do estado nacional argentino – isso porque a esfera pública constituía uma das bases da ideia de nação que existia na região do Prata desde a época revolucionária e que defendia uma relação entre governantes e governados baseada em dois pressupostos, a representação moderna e a soberania popular⁶².

Todavia, essa soberania popular, conforme Sabato, não foi formada a partir da participação eleitoral dos cidadãos, tese defendida por parte da historiografia argentina⁶³. Em vez disso, teria havido momentos de maior e de menor participação eleitoral. Nesse sentido, a historiadora defende que o principal meio de relação entre a sociedade civil e o Estado não foi o processo eleitoral⁶⁴, pois existiam muitas pessoas que não participavam das eleições, mas que tomavam parte da esfera pública através de outros meios.

Para grande parte da sociedade portenha daqueles anos, o movimento associativo era algo muito importante. Apesar das diferenças ideológicas e culturais entre as pessoas da cidade de Buenos Aires, elas valorizavam essas associações, pois as consideravam o germe de uma sociedade livre e republicana, na qual poderiam cultivar os valores de igualdade e

⁵⁹ *Idem*, p. 93

⁶⁰ *Idem*, p. 45.

⁶¹ HABERMAS, J. *Op.Cit.*, p. 92.

⁶² SABATO, Hilda. *La política em las calles. Op.Cit.*, p. 12.

⁶³ Sobre esse debate consultar SABATO, Hilda. *La política em las calles. Op.Cit.*

⁶⁴ *Idem*, p. 23.

fraternidade. As associações eram ninhos de práticas solidárias⁶⁵, constituídas por sociedades de ajuda mútua – a forma de associação mais importante em Buenos Aires naquele período – cujo objetivo central era organizar-se para reunir fundos e criar mecanismos de assistência material, educacional e médica, entre outras, para os sócios. Conforme Hilda Sabato:

Había entidades que se organizaban por afinidad de origen, entre colectividad des inmigrantes; otras que lo hacían por oficio o profesión, y las hubo también que se recortaban por origen étnico, entre la población que se reconocía como de color⁶⁶.

Além dessa forma de associação, houve outras, como clubes esportivos, lojas maçônicas, confrarias e irmandades, além das sociedades carnavalescas. Essas associações, segundo Sabato, tinham como finalidade cumprir alguns objetivos específicos definidos no momento de sua criação, mas acabavam desenvolvendo atividades mais genéricas que as colocavam no centro da vida pública de Buenos Aires⁶⁷. Outra forma muito importante de participação na esfera pública naquele período foi a imprensa. Após a formação do Estado centralizado, houve uma expansão rápida e continua de periódicos. A grande maioria tinha uma vida útil muito curta, mas alguns jornais e revistas sobreviveram por longos períodos.

No mais, além dos jornais diários que publicavam artigos sobre política e economia, existiam também as revistas temáticas, como *La Revista de Buenos Aires: Historia americana, literatura y Derecho*, revistas sobre medicina, entre outras. Os periódicos também eram usados pelas associações para expressar suas opiniões, tanto que muitas dessas associações, formadas por imigrantes, tinham seu próprio jornal publicado em sua língua materna.

As pessoas responsáveis pelos periódicos tinham plena consciência sobre seu papel naquele momento histórico, elas sabiam que a imprensa era fundamental para a consolidação do Estado Nacional argentino que estava emergindo. De acordo com Sabato:

La prensa constituía una pieza clave del sistema político. Por un lado, se la consideraba un instrumento fundamental para el desarrollo de las formas republicanas y la creación de una sociedad racional e ilustrada. A ella correspondía representar a la vez que forjar a la opinión pública, pilar del sistema político moderno⁶⁸.

⁶⁵ *Idem*, p. 55.

⁶⁶ *Idem*, p. 57.

⁶⁷ *Idem*, p. 67.

⁶⁸ SABATO, Hilda. **La vida pública em Buenos Aires**. *Op.Cit.*, p.195.

Sendo assim, os diários tornaram-se fundamentais para os diversos grupos políticos, pois todo grupo que tivesse como objetivo influenciar a política e conquistar um espaço no poder deveria possuir um periódico para expor suas ideias. “Los diários fueron porta voces y foros de quienes competían por el poder, pero cada vez más lo fueron también de cualquiera que aspirara a hacer oír su voz y ejercer su influencia en la ciudad”⁶⁹. Como exemplos dos diários e de suas relações políticas, pode-se citar o *La Tribuna*, autonomista, e o *La Nación Argentina*, fundado pelo mitrismo⁷⁰.

Com isso, Hilda Sabato demonstra a existência, na cidade de Buenos Aires, de dois fatores importantes, apontados por Habermas, para a criação de uma esfera pública: a criação de associações e a expansão da imprensa. Em relação ao primeiro, é oportuno relatar um exemplo que ocorreu na década de 1860 e que teve uma ligação muito próxima com a revista. Dois homens de letras, colaboradores da RBA e reconhecidos entre os letrados de Buenos Aires, José M. Estrada e Lucio V. Mansilla, decidiram criar um local de encontro entre intelectuais denominado *Círculo Literario*. Essa associação teve uma curta duração, mas é um ótimo exemplo da preocupação dos homens de letras com seu papel social, além de revelar, ainda, a inserção da RBA na esfera pública de Buenos Aires.

Entre os meses de setembro e dezembro de 1864, a revista foi publicada com uma seção extra, destinada exclusivamente a noticiar os acontecimentos referentes ao denominado *Círculo Literario*. Além disso, os dois organizadores, Vicente G. Quesada e Miguel Navarro Viola, estiveram ligados a essa associação⁷¹, e o periódico foi considerado seu órgão oficial⁷². Nessa seção, foram publicadas notícias sobre a associação, uma carta enviada a 250 indivíduos convocando-os a se associarem ao Círculo, além de seu regulamento e dos primeiros discursos proferidos nos encontros⁷³. Segundo seus idealizadores, “hemos

⁶⁹ *Idem.*

⁷⁰ SABATO, Hilda. **Historia de la Argentina, 1852-1890**. *Op.Cit.*, p. 126.

⁷¹ Em um relato de uma reunião que ocorreu no *Círculo*, os dois organizadores são citados como participantes, bem como alguns outros colaboradores da RBA. Consultar: Lista de Socios Fundadores. In: **La Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires. Outubro de 1864, ano 2, Tomo V, n. 18, p.376.

⁷² *Círculo Literario*. In: **La Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires. Setembro de 1864, ano 2, Tomo V, n. 17, p.160.

⁷³ No Tomo V da RBA existem diversas notícias sobre o Círculo Literário.

concebido el ensamiento de formar um *Circulo Literario*, que sirva de centro a todas las inteligencias argentinas, cuales quiera que sean sus opiniones”⁷⁴.

A criação do *Circulo Literario* é um fato que evidencia as ideias sobre a esfera pública propostas por Habermas, ou seja, ele foi um local reservado para que os letrados, que fazem parte da burguesia, pudessem conversar e debater a respeito dos assuntos públicos e de seus escritos. Contudo, para que a conjuntura em que a RBA foi publicada seja mais bem compreendida, é essencial entender as condições de circulação dos periódicos da época. Para isso, é indispensável apreender a formação e a situação da imprensa em Buenos Aires.

Segundo o historiador argentino Alejandro Eujanián, entre os anos de 1850 e 1880, com a expansão da população e do mercado de consumo, houve um aumento na demanda por bens culturais⁷⁵. Com isso, ocorreu uma expansão muito grande no número de livrarias e de tipografias que se aglutinaram no centro da cidade de Buenos Aires. De acordo com Eujanián, isso significava não apenas um aumento no número de consumidores, mas uma diversificação do público que começava a adquirir novas noções de gosto e de costumes⁷⁶. Assim, as livrarias começaram a ganhar uma importância muito grande em Buenos Aires, pois era nelas e por meio delas que ocorria o encontro entre os diversos letrados do período. Eujanián afirma:

Las librerías se constituían en espacios de sociabilidad y encuentro cuyo acceso estaba restringido a aquellos que compartían un conjunto de disposiciones propias de los ambientes intelectuales acostumbrados al manejo de los libros e, incluso, de los catálogos que las librerías publicaban con el fin de dar a conocer a sus clientes los materiales que tenían en existencia⁷⁷.

Ademais, a elite letrada da Argentina, que era a grande consumidora dos livros e periódicos, entendia que a leitura era o principal agente civilizador e moralizador da sociedade. Contudo, era necessário favorecer a circulação de mais livros e mais periódicos, motivo pelo qual Juan Maria Gutiérrez, um dos colaboradores mais assíduos da RBA, foi defensor da diminuição dos encargos sobre os livros⁷⁸.

⁷⁴ Carta de ESTRADA, José M. e MANSILLA, Lucio V. publicada em **La Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires. Outubro de 1864, ano 02, Tomo V, n. 18, p. 290.

⁷⁵ EUJANIÁN, Alejandro. La cultura: público, autores y editores. *Op.Cit.* p.558.

⁷⁶ *Idem*, p. 559.

⁷⁷ *Idem*, p. 560.

⁷⁸ *Idem*, p. 581.

Esse cenário, que diz respeito à formação do Estado Nacional burguês e da constituição da esfera pública, é essencial para que, a partir de agora, seja possível compreender melhor as propostas da RBA, os objetivos de seus organizadores e, principalmente, a posição que a RBA ocupou na esfera pública. Dessa forma, a dimensão de sua capacidade de interferência e de participação no debate público que ocorria em Buenos Aires poderá ser traçada.

1.3. La Revista de Buenos Aires.



Figura 01 - Capa do Tomo II.

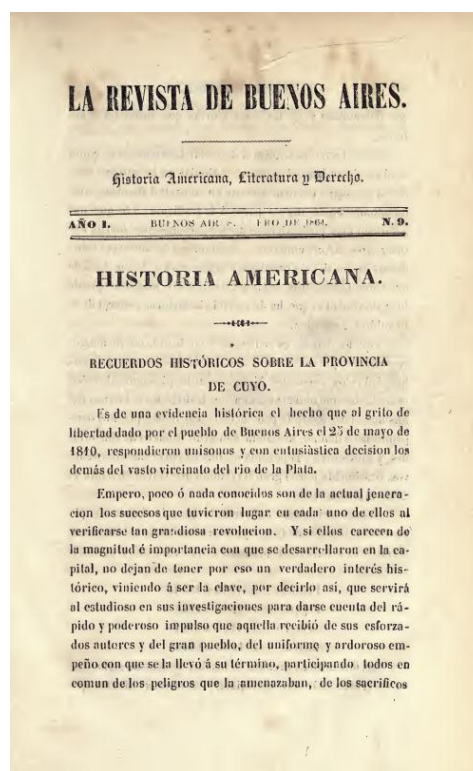


Figura 02 - Primeira página do nº 09 - Tomo III.

No mês de maio de 1863, um novo periódico começou a circular na Argentina, *La Revista de Buenos Aires: Historia americana, literatura y derecho*. Organizada e mantida por dois advogados, Miguel Navarro Viola e Vicente G. Quesada, a RBA poderia ter sido apenas mais um periódico de curta duração como muitos que surgiram na segunda metade do século XIX. Entretanto, ela circulou por um período de tempo considerado incomum para a época, oito anos. Esse fato, em si, já é uma indicação de que a RBA teve alguma relevância na sociedade portenha.

É necessário dizer que as revistas, em seus mais variados formatos, são excelentes referências para a análise de um determinado contexto, pois representam:

O ponto de vista de um grupo, sua intervenção político-ideológica, seu lugar e suas ferramentas na arena cultural. Em vários casos as revistas se transformam em polos de resistência e instrumentos de batalha. Ao funcionarem como ponto de confluência de propostas políticas e culturais, as revistas estimulam a construção de redes intelectuais além das fronteiras geográficas e políticas⁷⁹.

Os estudos que utilizam periódicos como fontes, sejam jornais, revistas ou gazetas, entre outros formatos, ganharam destaque nas últimas décadas no Brasil. As pesquisas são diversificadas, abordando assuntos como o cotidiano, a política, a cultura, a propaganda e outras temáticas diversas⁸⁰. A análise feita aqui tem por objetivo verificar: como a RBA foi constituída em sua materialidade; quantos números foram publicados; em que formato ela foi lançada; quantas páginas tinha cada edição; como eram divididas suas seções. Também serão observados os conteúdos abordados pelo periódico, quais os temas que mais apareciam na revista e como o conteúdo era internamente organizado. Além disso, é importante que se compreenda quem eram os responsáveis pela RBA e quem eram as pessoas que colaboravam com ela. Buscar-se-á, ainda, mapear o público alvo desse periódico, verificando para quem ele era destinado⁸¹.

A RBA permaneceu em circulação até abril de 1871, quando lançou a edição de número 96, um número de edições era bastante incomum para a época. Apesar de o mercado editorial estar em expansão em meados do século XIX, a imensa maioria dos periódicos lançados principalmente em Buenos Aires, sejam revistas ou jornais, circulavam por um curto período de tempo. *La Revista de Buenos Aires* circulava mensalmente, e durante toda a sua existência poucas vezes sofreu atrasos na entrega de seus números, mantendo uma regularidade⁸². Esse fato permite inferir que os organizadores fizeram muito esforço para manter a revista em circulação, pois isso não era um trabalho fácil – segundo Eujanián, “en este período, salvo casos aislados, es el propio autor el que financia la publicación,

⁷⁹ CRESPO, Regina. Revistas culturais e literárias latino-americanas: objetos de pesquisa, fontes de conhecimento histórico e cultural. In: FRANCO, Stella Maris; JUNQUEIRA, Mary Anne (Org.). **Cadernos de Seminários de Pesquisa**. São Paulo: USP/Humanitas, 2011, p. 102.

⁸⁰ LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, pp. 111-153.

⁸¹ *Idem*, pp. 131-142.

⁸² MAEDER, Ernesto. Índice general de la Revista de Buenos Aires (1863-1871). In: **Boletín de la Academia Nacional de la Historia**, vol. XXXIII, 1962.

recurriendo para ello a su propio patrimonio y a la suscripción, para la que suele comprometer a sus amigos”⁸³

No único artigo conhecido que analisa a RBA, o historiador argentino Ernesto J. A. Maeder afirma que, após a distribuição mensal de quatro edições, era organizado um tomo, que continha os quatro últimos números lançados, com um índice dos artigos no final⁸⁴. Esses tomos tinham, em média, 650 páginas cada, o que significa que cada número tinha, em média, um pouco mais de 150 páginas.

Além dessas questões, importantes para compreender a posição da RBA na sociedade de Buenos Aires, algo que chama a atenção logo no primeiro número desse periódico diz respeito ao seu conteúdo. No *Prospecto*⁸⁵, que acompanha o primeiro tomo da revista, composto pelos quatro primeiros números, afirma-se que a publicação visava a preencher um espaço vazio, a criar algo que não existia, fato incompatível com “la cultura de nuestra sociedad”⁸⁶, segundo os organizadores da revista. Essa perspectiva demonstra a absoluta sintonia dos organizadores com a conjuntura intelectual que existia em Buenos Aires. Havia uma grande preocupação por parte dos homens letrados em produzir conhecimento e contribuir para a formação do Estado Nacional argentino, que, naquele momento, estava em pleno desenvolvimento⁸⁷.

Tal fato torna-se explícito em um momento posterior do *Prospecto*, quando os organizadores da RBA se dirigem e saúdam a todos os periódicos que existiam em Buenos Aires, os quais eram os grandes responsáveis pela difusão do debate político entre as várias correntes e também das ideias dos homens letrados. Ademais, em um breve artigo intitulado *Advertencias*, na seção *Bibliografía y Variedades* do primeiro número, existe um agradecimento à recepção da RBA pela imprensa: “dar á la Prensa periódica las gracias por la benévola acogida que ha hecho á nuestra idea”. Assim, os organizadores explicitam sua expectativa de participar do debate público com os outros periódicos.

Esse agradecimento se justifica pela recepção que a RBA teve nos diários de Buenos Aires no momento de sua publicação. No jornal *La Nación Argentina*, favorável ao governo

⁸³ EUJANIÁN, Alejandro. *Op.Cit*, p. 570.

⁸⁴ *Idem*.

⁸⁵ Apesar do prospecto não ser assinado, subentende-se que ele foi escrito pelos dois organizadores da RBA.

⁸⁶ Prospecto. **La Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, tomo I, nº 1, maio de 1863.

⁸⁷ SABATO, Hilda. La vida pública em Buenos Aires. In: (Org.). BONAUDO, Marta **Nueva historia argentina: Liberalismo, estado y orden burgués (1852-1880)**. Buenos Aires, Sudamericana. 1999.

de Bartolomé Mitre, antes mesmo do primeiro número da RBA sair, foi publicada, em 28 de abril de 1863, uma nota com o título *La Revista de Buenos Aires* na coluna intitulada *Crónica Local*. A nota informa o surgimento de uma publicação mensal com o nome do título, dirigida por Miguel Navarro Viola⁸⁸, revelando também quais seriam os temas tratados por esse novo periódico e acrescentando que “ya era tiempo que tuviéramos una publicación de este jenero, destinada á estimular las inteligências, á hacer amar el estudio y á servir de modelo a juventud”⁸⁹. Essa apreciação sobre o novo periódico remete ao seu *Prospecto*, comentado anteriormente, em que os editores afirmam a importância desse tipo de publicação para aquela sociedade, pois, naquele momento, não havia nada parecido. Adiante, a nota explicita mais uma vez a importância da RBA para a juventude, pedindo aos jovens e também aos homens de letras e ao povo de Buenos Aires que não deixassem morrer essa nova publicação.

No dia 30 de abril, o jornal *El Nacional* também lança uma nota sobre a RBA. Nela, informava quem organizaria o novo periódico, Navarro Viola e Quesada, e afirmava que, depois de ler o seu *Prospecto*, que ainda não havia sido lançado, poder-se-ia dizer que a RBA seria interessantíssima, pois todos os trabalhos seriam inéditos e originais. Além disso, a nota também possuía um convite para que todos os leitores do diário assinassem a revista⁹⁰.

Esses exemplos contribuem para mostrar que a RBA começou seus trabalhos com o apoio de uma parte da sociedade letrada portenha e que, logo de início, os outros periódicos aceitaram e contribuíram para a sua expansão, pois entendiam que essa era uma ferramenta importante para a sociedade que estava em desenvolvimento, como afirma a nota do diário *La Nación Argentina*. Entretanto, se nesses dois jornais existe um apoio à RBA, em outro grande jornal de Buenos Aires, o *La Tribuna*, de filiação autonomista⁹¹, contrário ao *La Nación Argentina*, há apenas uma breve nota, publicada no dia 7 de Junho, na qual se afirma que a RBA publicou um artigo sobre o jornal. Assim, nos meses seguintes ao surgimento da RBA, não houve publicidade ou apoio por parte desse diário.

Mas qual teria sido a razão para que os editores do *La Tribuna* não publicassem manifestações de apoio ao novo periódico? É possível especular que isso tenha ocorrido pelo fato do grupo que controlava esse diário não ter ligação com os organizadores da RBA,

⁸⁸ No dia 30 de abril saiu uma nova nota, na seção *crónica local* afirmando que além de Navarro Viola, Vicente G. Quesada também era organizador da RBA.

⁸⁹ La Revista de Buenos Aires. **La Nación Argentina**, Buenos Aires, 28 de abril de 1863.

⁹⁰ La Revista de Buenos Aires. **El Nacional**, Buenos Aires, 30 de abril de 1863.

⁹¹ SABATO, Hilda. **Historia de la Argentina, 1852-1890. Op.Cit.**, p, 126

diferentemente dos outros jornais. Entretanto, se nos primeiros meses não houve qualquer apoio, no ano seguinte, em julho de 1864, o diário *La Tribuna* publicava elogios à RBA. Além de citar alguns artigos presentes no número 14, o jornal afirmou:

cada entrega que aparece, trae alguna nueva riqueza, que viene á embellecer la corona literaria de nuestro continente, y al mismo tiempo ofrece tal variedad de asuntos á sus suscritores que, francamente diremos, rara es la publicacion que se haya hecho entre nosotros que despierte tanto interés por la importaneia de sus escritos⁹².

Diante disso, torna-se difícil entender os motivos pelos quais os editores do *La Tribuna* apoiavam a RBA em um determinado momento e, em outros, não⁹³. O certo é que os outros dois jornais já citados continuaram seus elogios à revista nos primeiros meses de sua circulação⁹⁴. O *El Nacional*, na maior parte das vezes em que cita a RBA, afirma que a publicação deve ser protegida e que as pessoas deveriam assiná-la. No dia 12 de maio de 1863, a nota sobre a RBA diz que todas as pessoas amigas do progresso e da civilização deveriam apoiar essa iniciativa, e também questiona o fato de, na Argentina, não haver uma publicação desse tipo, comum em outros países americanos.

Já o *La Nación Argentina* foi mais enfático e destinou mais espaço para a RBA em suas colunas. Na edição de primeiro de maio, o jornal publicou o prospecto da revista, comentou sobre sua assinatura, que poderia ser feita em todas as livrarias da cidade, e, além disso, informou o valor de cada exemplar e o fato de que a cada quatro números seria criado um volume com um índice dos artigos publicados. No mês de junho, apresentou o sumário do primeiro número, recomendando-a ao público, e, no mês seguinte, publicou o índice do segundo número e um novo elogio:

El interes que le dans sus editores, asi como las ventajas que ofrecen, prometen á la Revista um éxito que disse bien con el estado de creciente adelanto de estas sociedades, que reclaman urgentemente una publicación de este género. Los Sres. Navarro y Quesada han hecho y seguirán haciendo um importantísimo servicio al país, abriendo sus páginas á la curiosidade de los estudiosos, que alimentan uma parte de su anhelo en las revistas, de que por desgracia hemos carecido por tanto tiempo⁹⁵.

⁹² La Revista de Buenos Aires, **La Tribuna**, Buenos Aires, 23 de julho de 1864.

⁹³ Possivelmente uma pesquisa mais detalhada nos diários poderia esclarecer melhor essa relação.

⁹⁴ Por falta de tempo, não foi possível fazer uma pesquisa mais abrangente nos jornais para saber se o seu apoio continuou por um longo período.

⁹⁵ La Revista de Buenos Aires, **La Nación Argentina**, Buenos Aires, 4 de julho de 1863.

Tantos elogios no primeiro momento podem explicar o motivo que fez a RBA sobreviver por muitos anos. Porém, essa recepção prestigiosa pode representar um interesse político, tendo em vista que o discurso de contribuir para as letras argentinas era baseado nos ideais civilizadores entoados por alguns intelectuais que participavam da política nacional. Assim, os organizadores da RBA buscavam, com esse discurso, aproximar-se de determinados grupos políticos – no caso, o *Partido de la Libertad*, dirigido por Mitre e responsável pelo *La Nación*, e os autonomistas, liderados por Alsina, que publicavam o *La Tribuna*, que, apesar das divergências, eram contrários aos federalistas, considerados representantes da barbárie.

A RBA oferecia uma grande quantidade de informação sobre assuntos que, na época, despertavam interesse e preocupação, como ficou esclarecido pelos diários. Quesada e Viola organizaram a RBA com quatro seções: uma para cada tema do título e uma quarta intitulada *Bibliografía y Variedades*. A primeira temática, história, juntamente com a segunda, literatura, foram as que mais ocuparam espaço na RBA, consumindo o maior número de artigos e os mais extensos. Os artigos da seção de Direito eram escassos e, por vezes, não apareceram.

1.3.1. Bibliografía y Variedades.

A quarta seção, que os organizadores afirmavam ser um apêndice, destinava-se, de maneira geral, a apresentar os novos livros que eram publicados na Argentina para os leitores da RBA, além de comentários sobre outros periódicos publicados em Buenos Aires. Publicavam-se também notas sobre livros e revistas de outros países.

Além disso, essa seção era destinada à publicação de notícias referentes à própria RBA, como advertências sobre artigos que não puderam ser publicados ou, ainda, notícias sobre assinaturas. Justamente nessas notas a respeito das assinaturas, é possível perceber algumas aspirações e objetivos dos organizadores. Em uma nota publicada no primeiro tomo, na RBA número três, de julho de 1863, intitulada *Subscripciones Oficiales*⁹⁶, é dada a notícia sobre a assinatura da revista por parte do governo do Paraguai, do governo da província de Buenos Aires e, também, do governo Nacional. Nessa nota, além dessas informações, os organizadores aproveitam para expressar suas preocupações com a situação das *letras*

⁹⁶ Subscripciones Oficiales. **La Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, tomo I, nº 3, julho 1863.

americanas, ou seja, com a produção intelectual sobre a América feita pelos autores americanos. Segundo a nota:

La suscripción del gobierno de la provincia es una prueba inequívoca del interes con que mira las letras americanas y sus buenos deseos por estimularlas, protegerlas y honrarlas. Mucho debemos esperar de pueblos cuyos gobiernos no olvidan que favorecer los trabajos de la inteligencia es propender al desarrollo de la civilización⁹⁷.

Assim, evidencia-se não apenas o agradecimento, mas também a necessidade da produção intelectual para o desenvolvimento da civilização, sendo que a RBA se coloca como participante ativa desse processo.

A nota também demonstra uma perspectiva de dialogar com outras publicações americanas, pois cita a *Revista Americana*, publicada em Lima, para concordar com esse periódico no que diz respeito à importância de os governos comprarem obras de outros países americanos para que, assim, “propendan al intercambio de las producciones de los ingenios de las diversas repúblicas, para que se conozcan sus obras, se estimen sus talentos y se fraternice en el sereno campo de las ideas”⁹⁸.

Já no primeiro tomo, a seção *Bibliografía y Variedades* possibilita que se evidenciem algumas preocupações dos organizadores. Entre elas, algo já destacado aqui e que será recorrente durante toda a publicação da RBA, a importância destinada aos periódicos publicados na América e, principalmente, em Buenos Aires. No Tomo IV da RBA, especificamente no número dezesseis, de julho de 1864, em uma nota intitulada apenas *Bibliografía*, o organizador Vicente G. Quesada, antes de fazer um breve resumo de diversas obras que haviam sido publicadas em Buenos Aires naquele momento, afirma:

Es um hecho que nadie puede negar, que nunca ha sido mas activo en Buenos Aires este movimiento intelectual: libros, opúsculos, memorias, periódicos literarios y científicos, dan ocupación constante á las imprentas, y la industria tipográfica toma proporciones verdaderamente importantes, apesar de que el escritor no tiene aun assegurada la subsistencia, pues apenas puede sufragar los gastos de impresión. Esta actividad en las producciones intelectuales es precursora de fecundos resultados; porque es un síntoma de calma en los espíritus, y es la revelación de necesidades sociales que estaban latentes durante la lucha. ¡Consolador es este espectáculo!⁹⁹

Nesse trecho, principalmente em sua parte final, Quesada proclama a importância dos periódicos para a Argentina naquele momento. Ao escrever isso, ele também atesta a

⁹⁷*Idem*, p. 480.

⁹⁸*Idem*, p. 478.

⁹⁹Quesada, Vicente G. *Bibliografía*. **La Revista de Buenos Aires**, tomo IV, nº 16, julho de 1864, p. 500.

importância da própria RBA, pois ela, tal como outras publicações, representam o meio pelo qual os letrados do país podiam contribuir para a formação de um Estado Nacional.

Esse pensamento remete ao trabalho de Hilda Sabato, para quem os homens de letras, ao participarem ativamente do debate através dos periódicos, tinham consciência do trabalho que realizavam¹⁰⁰. Entretanto, deve-se ressaltar que esses discursos estavam cercados de interesses políticos. Os diversos grupos tentavam impor suas propostas, o que ocasionava debates e até mesmo atos violentos. No caso da RBA e de seus organizadores, existia um posicionamento a favor do discurso civilizador, que encontrava nas letras a forma de o país evoluir.

Outro momento em que a inserção da RBA na esfera pública de Buenos Aires fica explícita é em um artigo da seção *Variedades*, publicado no Tomo XIV por Vicente G. Quesada como uma resposta às críticas que um periódico de Buenos Aires, publicado em inglês e denominado *The Standard*, fez à RBA. No artigo do diário, que não foi assinado, o autor, provavelmente o editor, inicia o texto parabenizando a RBA e seus organizadores por manterem-se ativos, além de mencionar seus leitores, considerados de bom gosto. Em seguida, porém, critica tanto o fato de a RBA publicar muitos documentos em seus artigos, como se fosse um almanaque, quanto o fato de dedicar muito espaço às biografias militares, que, segundo o autor, contêm muitos detalhes, o que as torna desinteressantes para o público. Afirma, assim, que a RBA deveria preocupar-se mais com a publicação de artigos de maior interesse geral.

Na sua defesa, Quesada alega que uma parte dos problemas se deve ao fato de a RBA não ter lucros, o que dificulta a produção de mais artigos. Afirma, porém, que a revista conseguiu despertar o interesse pela história nacional, e isso é muito importante, pois, nos arquivos históricos, “constan los errores y los méritos de los que nos han precedido. Sacudiendo el polvo de esos archivos puede el historiador encontrar el origen de males que nos aquejan, y aplicar el remedio señalando los escollos”¹⁰¹.

Quesada defende a proposta inicial da RBA em dar relevância aos estudos históricos e em publicar os documentos, e argumenta que muitos trabalhos publicados tornaram-se livros

¹⁰⁰ SABATO, Hilda. La vida pública em Buenos Aires. In: (Org.). BONAUDO, Marta **Nueva historia argentina: Liberalismo, estado y orden burgués (1852-1880)**. Buenos Aires, Sudamericana. 1999 e também, SABATO, Hilda. **La política en las calles: entre el voto y la movilización, Buenos Aires, 1862-1880**. Bernal: Universidade Nacional de Quilmes, 2004.

¹⁰¹ QUESADA, Vicente G. *The Standard*. **La Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, tomo XIV, nº 53, setembro de 1867, p. 117.

posteriormente. Afirma ainda que a RBA não pode ser comparada às revistas europeias, porque “ni el país posee los eminentes escritores de aquellas naciones, ni hay aquí, propiamente literatos e historiadores, porque no hay quien pague el trabajo intelectual”¹⁰². Em seguida, recrimina os redatores do *Standard* pelas suas críticas, e cita o livro *Historia del reynado de Felipe II*, escrito por Prescott, como um exemplo de trabalho histórico escrito a partir de pesquisas em arquivos. Segundo Quesada:

La historia no puede escribirse ahora sino bebiendo en aquellas fuentes originales, y es por eso que las compilaciones de la correspondencia particular de los que han tenido un rol importante en cada país, es sumámente apreciada. Tanto que es frecuente en Europa la publicacion de la correspondencia de meros literatos y de hombres de estado¹⁰³.

O organizador finaliza o artigo pedindo que os redatores do *Standard* continuem a fazer críticas sobre a RBA, pois isso poderia elevar as letras argentinas. A resposta de Quesada levanta muitas questões, mas vale ressaltar o fato de ele comparar o trabalho realizado pelos colaboradores da RBA ao do historiador estadunidense William H. Prescott. Isso indica claramente um dos objetivos dos organizadores: para caminhar em direção à civilização, era necessário desenvolver trabalhos tal como ocorria no mundo civilizado – no caso, os Estados Unidos e a Europa. Vale destacar, ainda, que essa ideia era compartilhada com outros letrados que defendiam um ideal de civilização não apenas por meio dos periódicos, mas, sobretudo, da atividade política.

A seção *Bibliografia y Variedades* era destinada também a dar notícias sobre homens de letras americanos, como é o caso da notícia sobre a morte de Andrés Bello, venezuelano radicado no Chile e de grande produção intelectual que foi bastante influente na América, ou ainda da notícia sobre Vicente Fidel López, um dos participantes da RBA. Além disso, a seção era o local escolhido pelos organizadores para tecer alguns comentários sobre determinados acontecimentos buenaireses daquele momento, por exemplo, a notícia de uma

¹⁰² *Idem*, p. 120.

¹⁰³ *Idem*, p. 122.

conferência pública feita por José Manuel Estrada¹⁰⁴ e da construção de um telégrafo marinho entre as cidades de Buenos Aires e Montevideu¹⁰⁵.

1.3.2.Literatura.

No que diz respeito à seção literária, pode-se dizer que ocupava praticamente o mesmo espaço destinado à seção de história. Em todos os números publicados, essa seção foi composta por diversos artigos com temáticas várias. No *Prospecto*, os organizadores afirmam que a tendência da seção literária é justamente agrupar novelas, artigos e poesias inéditas de autores americanos e argentinos ou de outros autores renomados. Entretanto, a RBA não tinha a intenção de publicar apenas artigos de autores reconhecidos, mas buscava contribuir e estimular a produção literária da juventude, embora houvesse uma ressalva dos organizadores dizendo que nem todos teriam oportunidade, pois “anticipándoles la severidad en los juicios, único modo de aumentar el número de los escritores, disminuyendo el de los aficionados ó poco preparados todavía para la publicidad de sus obras”¹⁰⁶.

Dessa maneira, ao longo de suas noventa e seis edições, a RBA publicou muitos artigos nessa seção, entre os quais constam poesias, contos, análises de livros, relatos biográficos de autores conhecidos – como um artigo publicado no Tomo XVII a respeito de Estévan Echeverría –, além de textos de caráter informativo. Foram publicados também vários artigos que dialogavam com os acontecimentos políticos e sociais do período. Entre os destaques dessa seção, estão textos que apresentam reflexões sobre o campo ou a fronteira, os que abordam aspectos externos à cidade, sobre os indígenas, sobre o pampa, sobre o *gaucho*, etc. Como exemplo, há os publicados no Tomo V, *El artista índio – Tradición popular*, por Vicente G. Quesada, e *El gaucho argentino*, escrito por Miguel Cané; no Tomo XIV, o relato *La fuga de un cautivo de los Indios, narrada por el mismo*, escrita por Santiago Avendaño; e, no Tomo XV, os artigos *Muerte del cacique Painé*, *Ceremonias en la Pampa*, *Entierro del cacique* e *Sacrificios humanos, su sucesor*, escritos por Santiago Avendaño, e *La Pampa*, de J. V. Lastarria.

¹⁰⁴QUESADA, Vicente G. Bosquejo histórico de la civilización política en las provincias del Río de la Plata por José Manuel Estrada. **La Revista de Buenos Aires**, Buenos Aires, ano III, tomo 09, nº 33, Janeiro de 1866, pp.158-160.

¹⁰⁵QUESADA, Vicente G. El telégrafo eléctrico submarino entre Montevideo y Buenos Aires. **La Revista de Buenos Aires**, Buenos Aires, ano IV, tomo 11, nº 41, Setembro de 1866, pp.158-160.

¹⁰⁶Prospecto. **La Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, tomo I, nº 1, maio de 1863, p. 05.

Diante desses exemplos, o artigo a respeito do *gaucho*, figura emblemática da cultura argentina¹⁰⁷, revela as ideias defendidas pela RBA. Publicado em dezembro de 1864 na edição de número vinte, o artigo *El gaucho argentino*, escrito por Miguel Cané, tinha o objetivo de esclarecer o papel desse personagem real na sociedade argentina. Na visão do autor, o *gaucho* deveria desaparecer, pois representava o atraso e a barbárie contra a civilização e o progresso. Essa noção pejorativa sobre o *gaucho* foi recorrentemente difundida entre uma parte da elite letrada argentina, principalmente entre o grupo político que acreditava que a barbárie era decorrente do meio rural, em contraposição ao meio urbano, tido como civilizado¹⁰⁸ – o mesmo grupo, diga-se de passagem, que apontava os federalistas como caudilhos e responsáveis pelo atraso da Argentina.

O artigo evidencia, então, o ideal defendido pelos organizadores e pelos colaboradores, que estavam em plena consonância com um grupo político que procurava implantar, na nova nação, um ideal de civilização que, de acordo com eles, não existia e era essencial para o desenvolvimento do país, um ideal de civilização representado pelas ideias de Sarmiento e Alberdi, que, apesar de divergentes, buscavam o mesmo objetivo.

Essa representação do *gaucho* só começou a ser modificada depois do livro *El Gaucho Martín Fierro*, publicado em 1872 por José Hernández. Ao seu sucesso, seguiu-se um enorme debate sobre o papel dessa figura na sociedade argentina¹⁰⁹.

1.3.3.Direito.

A seção destinada ao Direito teve um pequeno número de artigos publicados ao longo de toda a existência da RBA. Os organizadores esclareceram no *Prospecto* que não utilizariam essa seção frequentemente, e que publicariam apenas “los trabajos que em alguna manera puedan interesar á todos”¹¹⁰. Ainda no *Prospecto*, eles afirmaram que o interesse da seção era publicar um breve comentário sobre os acontecimentos jurídicos ou, ainda, sobre os princípios do Direito. Nesse sentido, a quantidade de artigos por edição foi, na maioria das vezes, mínima, sendo que em alguns números nenhum artigo foi publicado.

¹⁰⁷ Diferentemente do século XIX, em que a figura do *gaucho* era criticada pelos letrados, esse personagem é, hoje, bastante valorizado, sendo considerado um dos fundadores da cultura argentina.

¹⁰⁸ BOTANA, Natalio. **La tradición Republicana**, *Op.Cit.*

¹⁰⁹ EUJANIÁN, Alejandro. La cultura: público, autores y editores. *Op.Cit.*

¹¹⁰ Prospecto. **La Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, tomo I, nº 1, maio de 1863, p, 05.

Mesmo assim, alguns dos artigos publicados conseguiram expressar a preocupação dos organizadores com a situação política, social e econômica da Argentina. Como exemplo, pode-se citar a série de artigos publicados por Manuel R. Garcia¹¹¹ a respeito da justiça dos Estados Unidos da América e a sua aplicação na constituição Argentina. Esse tema é relevante na medida em que os EUA eram vistos, por parte de alguns letrados, principalmente Sarmiento, como um modelo de civilização a ser seguido¹¹². Também vigora nessa seção um artigo sobre as ex-colônias da Espanha. Abordando os limites entre esses países, o artigo foi publicado por Florentino Gonzalez no número 69, de janeiro de 1869, com o título *Los límites de las Repúblicas Hispano-Americanas y el principio del uti posidetis*.

Em seu artigo, Gonzalez buscou debater os limites das terras de cada república pensando pela perspectiva dos povos indígenas. O autor inicia o artigo reprimindo as ações da Espanha no momento da conquista para então afirmar que, depois das independências, as relações com os indígenas seriam diferentes. Feito isso, Gonzalez inicia uma discussão a respeito do *uti posidetis* para alegar que as divisões administrativas do governo espanhol não eram compatíveis com as fronteiras das novas nações americanas, pois elas violavam o direito internacional¹¹³. Assim, argumenta que é um erro as novas nações entrarem em guerra pelos territórios “desertos”, afirmando que essa atitude tem a mesma característica da dos espanhóis.

Reconozcan que no pertenecen á ninguna de las Naciones civilizadas que existen en el continente, y que no se pueden adquirir sino por el consentimiento de las tribus que los poseen, y se habrán evitado muchos motivos de guerras que ya se han llevado al cabo por disputar derechos imaginarios, que los republicanos liberales han declarado que les pertenecen por herencia de los monarquistas espoliadores¹¹⁴.

¹¹¹ GARCIA, Manuel R. Estudios sobre la justicia federal americana en su aplicación á la organización constitucional Argentina. **La Revista de Buenos Aires**, Buenos Aires, tomo 08, nº 22, Dezembro de 1865. Garcia foi um político argentino e um diplomata que viveu muitos anos nos Estados Unidos da América e na Europa. Sobre sua trajetória, consultar: FRANCO, Stella Maris Scatena. Uma dama argentina em terras yankees: os Recuerdos de viaje, de Eduarda Mansilla. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, Dec. 2008, pp. 1073-1092.

¹¹² Entre os artigos publicados, alguns diziam respeito às relações comerciais, sendo que um envolvia o direito internacional. Também foi publicado um artigo sobre o matrimônio entre judeus em Buenos Aires. VIOLA, Miguel Navarro. Primer matrimo Judio em Buenos Aires – I Antecedentes. II Escrito al Presidente del Superior Tribunal. III Ceremoniadel matrimonio y banquete. **La Revista de Buenos Aires**, Buenos Aires, tomo XVII, nº 67, Novembro de 1868, pp. 463-471.

¹¹³ GONZALEZ, Florentino. Los límites de las Repúblicas Hispano-Americanas y el principio del uti posidetis. **La Revista de Buenos Aires**, Buenos Aires, tomo XVIII, nº 69, Janeiro de 1869, p. 143-144.

¹¹⁴ *Idem*, p. 150.

Afirmando que a guerra de conquista não é o melhor meio para o domínio das terras indígenas, mas sim o acordo com as tribos, o autor aponta uma solução para um problema político e social que afetava a Argentina – a fronteira indígena – e se diferencia do passado colonial, alçado a bárbaro. Segundo ele, o melhor a se fazer em relação às tribos indígenas seria:

Atraerlas con los alicientes de la civilización, iluminarlas con las verdades de la religion, para que se agreguen voluntariamente á la Nación que les proporciona estos bienes. Esto es lo que debiera consagrarse como un principio de derecho internacional hispano-americano, yo que estaria de acuerdo con las instituciones políticas de los Estados del continente¹¹⁵.

Isso demonstra um interesse da RBA em participar do debate político nacional a respeito dos temas candentes na época. Esse artigo é mais um de uma gama publicada a respeito do assunto, que foi abordado nas seções de literatura, de Direito e de História¹¹⁶. A RBA se posiciona, assim, como um sujeito atuante no cenário político da Argentina, analisando e propondo medidas políticas e sociais por meio de suas páginas.

Com isso, a revista defende o seu ideal civilizador, e indica o caminho que deveria ser percorrido para alcançar o objetivo, que, pelo menos no discurso, deveria ser trilhado de maneira pacífica, tendo em vista que, para esse grupo, a violência era entendida como barbárie, tal como na época em que Rosas governou ou, ainda, como era praticada pelos espanhóis.

De maneira geral, é possível perceber ao longo dessas três seções, ainda que brevemente analisadas, algumas características da RBA e de seus organizadores. A primeira é a busca contínua dos letrados que a organizaram pela sua inserção no debate público com outros homens de letras que também utilizavam periódicos para expressarem suas opiniões a respeito de um Estado Nacional em desenvolvimento. O interesse da RBA em manter um diálogo com os outros periódicos que estavam sendo publicados naquele momento fica, assim, explícito, o que dava aval para que a revista integrasse a esfera pública argentina e, dessa maneira, cumprisse um objetivo mais importante: contribuir para o desenvolvimento do conhecimento sobre a Argentina e sobre a América na Argentina, como Quesada deixou

¹¹⁵ *Idem*, p. 152.

¹¹⁶ QUESADA, Vicente G. Las fronteras y los índios (Buenos Aires) – Apuntes históricos. **La Revista de Buenos Aires**, tomos, V e VI, nº 17, 18, 20 e 21.

explícito em um artigo a respeito do aniversário da RBA: “mira publicar antecedentes históricos y servir al desarrollo de las letras en este país”.

Essa intenção se reflete na escolha dos temas da revista, que os organizadores acreditavam ser essenciais para a constituição de um Estado Nacional civilizado, republicano, racional e, acima de tudo, ilustrado – temas esses que, segundo os organizadores, em seu *Prospecto*, não tinham a devida atenção na esfera pública argentina no momento em que sua revista foi lançada. Tratando isso como algo inadmissível para a atual situação do país, Quesada e Viola dispuseram-se então a criar a RBA, buscando cobrir assim esse suposto vazio.

Os organizadores afirmavam que queriam permanecer distantes da política e por diversas vezes reafirmaram sua independência e imparcialidade perante os acontecimentos políticos e sociais. Todavia, a análise dos diversos artigos demonstra claramente uma preocupação em interferir na política da Argentina, buscando formar uma nação civilizada, de acordo com os moldes europeus e estadunidenses, como defendido por Sarmiento e Alberdi, por exemplo. Ademais, isso implicava em um projeto de progresso baseado nas ideias republicanas, o que diferenciava esse momento histórico daquele anterior. Entretanto, é necessário lembrar que, na prática, esse discurso extrapolava para a violência política, conforme observaram Sabato e Donghi.

1.4. Estudos sobre La Revista de Buenos Aires.

Apesar de essas análises, ainda que rápidas, já revelarem que a RBA é um interessante meio para se entender melhor o papel dos intelectuais na formação da Nação argentina, é curioso e decepcionante descobrir que não existe nenhum estudo de fôlego a respeito desse periódico. Como já citado, existe apenas um único artigo que se dedica exclusivamente a fazer uma análise da revista. É, porém, um texto muito breve, que não possibilita um entendimento mais profundo. Publicado em 1961 por Ernesto Maeder, o artigo acompanha a publicação do índice geral da RBA.

Maeder esclarece algumas questões sobre o periódico, faz uma breve análise da trajetória dos dois organizadores e escreve sobre os colaboradores, destacando alguns deles. Além disso, preocupa-se em escrever algumas considerações sobre cada seção e afirma que a RBA foi:

esencialmente un vehículo de cultura y de investigación, del más alto nivel que entonces permitían las condiciones difíciles por que atravesaba el país. No se constituyó, en general, en porta voz ostensible de ninguna ideología, ni mucho menos de ningún partido político. Pero en sus páginas, a través de sus colaboradores más asiduos, se distingue claramente la mentalidad y el credo liberal que predominaba entre ellos¹¹⁷.

Além disso, Maeder afirma que a RBA tinha uma tiragem de 700 exemplares, o que é uma exceção para o período, pois as tiragens, normalmente, eram inferiores¹¹⁸. Além disso, o historiador procurou relatar as dificuldades que a revista encontrou durante seu percurso, principalmente no que diz respeito à manutenção e aos recursos para a impressão.

Apesar de não se dedicar exclusivamente à análise da RBA, Hebe Carmen Pelosi, historiadora argentina, publicou um artigo no Brasil em 1996 intitulado *A perspectiva americana nas Revistas Históricas Argentinas da segunda metade do século XIX*¹¹⁹, em que faz menção à RBA. A sua análise das revistas históricas é feita com o objetivo de compreender o discurso americanista presente nessas publicações. Segundo a autora:

Todas possuem um traço que as une, o desejo de inserir o passado argentino na história americana, seja pelas origens hispânicas comuns no descobrimento e posterior colonização, seja pelo sentido americanista da gesta sanmartíniana. Por isso, em suas páginas encontramos, em maior ou menor medida, colaborações de escritores de diversos países americanos, além do eco de muitas questões de interesse cultural, histórico ou jurídico da América¹²⁰.

Essa preocupação que as revistas tinham com a América está presente também na RBA, sendo, aliás, uma inquietação dos organizadores demonstrada já no subtítulo da publicação, “Periodico dedicado á la Republica Argentina, la Oriental del Uruguay y la del Paraguay”, e no título da seção histórica, *História Americana*. No *Prospecto*, os organizadores afirmavam o interesse pela Argentina, mas também pela América, ou seja, pelos países hispânicos, e, no decorrer das 96 edições, além dos escritores americanos que contribuíram com a revista, muitos artigos, em todas as seções, destinaram-se a tratar de assuntos americanos ou de países americanos.

Ainda no que diz respeito à importância dada ao continente como um todo, deve-se ressaltar que Quesada foi nomeado para o congresso de americanistas, fato que revela muito

¹¹⁷ MAEDER, *Op.Cit.*, p. 749.

¹¹⁸ *Idem*, p.752, não obtive outra fonte a respeito dessa informação, portanto não se pode confirmar.

¹¹⁹ PELOSI, Hebe Carmen. A perspectiva americana nas Revistas Históricas Argentinas da segunda metade do século XIX. **Revista Brasileira de História**. São Paulo. V. 16, nº 31 e 32, 1996, pp. 119-142.

¹²⁰ *Idem*, p. 122-123.

sobre o seu interesse pelo tema¹²¹. Pelosi, ao tratar da *Nueva Revista de Buenos Aires*, publicada na década de 1880 por Quesada e seu filho Ernesto, afirma que o americanismo era muito mais explícito nesse periódico. Segundo ela:

O tema americano é dominante na publicação e se expressa especialmente através de dois níveis: um jurídico, nas questões de limites dos países latino-americanos, concebido como um trabalho-missão. O outro, o da cultura americana, o isolamento cultural em que as encontram os povos americanos. Argumentos reiteradamente enunciado, leva os diretores a transmitir uma imagem da “cultura intelectual americana rica e multifacetada, para desvelar a “existência de reputações até então desconhecidas¹²².

Essa preocupação foi uma tendência ao longo do Oitocentos no continente americano, e não foi diferente com os integrantes da RBA. Chiaramonte demonstra que já no final do período colonial, na região do Rio da Prata, surgiu, entre políticos *criollos*, uma identidade americana que buscava distinguir-se da identidade espanhola¹²³. Essa identidade americana, segundo o historiador, continuou presente ao longo da primeira metade do século XIX na região do Rio da Prata. Para ele, os letrados da *Generación de 37*, ao pensarem a formação de uma nação argentina, carregavam com eles essa identidade. Para letrados como Echeverría e Alberdi, por exemplo, a Argentina só poderia se formar a partir da América¹²⁴.

Eduardo Scheidt, ao analisar as obras de Echeverría e Francisco Bilbao, segue o caminho apontado por Chiaramonte e afirma:

a ideia de América era articulada a outras, como de república, nação, revolução, liberdade e independência. Ser americano era entendido menos como nascido neste continente que um defensor da independência e do republicanismo contra a monarquia identificada com o colonialismo europeu¹²⁵.

Na Argentina, durante as décadas de 1860 e 1870, algumas revistas culturais organizadas por Juan Maria Gutierrez, Vicente Fidel López e José Manuel Estrada, todos colaboradores da RBA, expressavam “o desejo de inserir o passado argentino na história

¹²¹ PELOSI, *Op.Cit.*, p. 126.

¹²² *Idem*, p. 132.

¹²³ CHIARAMONTE, José Carlos, **Cidades, províncias, estados...** *Op.Cit.*, p.75.

¹²⁴ *Idem*, p. 258.

¹²⁵ SCHEIDT, Eduardo. Pensando a América na Argentina durante o século XIX: os intelectuais utópicos Esteban Echeverría e Francisco Bilbao. **Anais eletrônicos do VII Encontro internacional da ANPHLAC**. Campinas, 2006. Disponível em: <<http://bit.ly/13JE7oT>> Consultado em abril de 2012.

americana, seja pelas origens hispânicas comuns no descobrimento e posterior colonização, seja pelo sentido americanista da gesta sanmartíniana”¹²⁶.

1.5. Os Organizadores da Revista de Buenos Aires.

Os dois organizadores da RBA, que ficaram durante todo o tempo de sua existência na direção, não figuram hoje entre os intelectuais argentinos mais estudados do século XIX. Existe muita produção histórica sobre Sarmiento, Alberdi, Mitre, Echeverría, Vicente Fidel López e Juan María Gutiérrez, mas poucos estudos foram feitos sobre as trajetórias e as obras destes dois personagens: Miguel Navarro Viola e Vicente G. Quesada. Por esse motivo, o volume de informações a respeito da sua vida é pouco. Existe um livro a respeito da vida de Miguel Navarro Viola, mas não foi possível ter acesso a essa obra. Sobre Vicente G. Quesada, existe um capítulo de uma obra destinada a retratar a vida de personalidades importantes. Contudo, ela foi publicada no ano de 1868, abrangendo apenas uma parte de sua trajetória¹²⁷.

1.5.1. Miguel Navarro Viola.

Segundo Maeder, Miguel Navarro Viola nasceu em 1830 na cidade de Buenos Aires, onde foi aluno dos jesuítas e se tornou advogado em 1848. Desde a sua primeira educação e ao longo de toda sua vida, Viola manteve uma estreita relação com o catolicismo, uma associação que, conforme Maeder, tornou Viola uma das principais figuras do catolicismo em sua época¹²⁸. Esse fato pode ser constatado em um artigo que ele publicou na RBA, no qual faz uma crítica à criação de uma *Escuela gratuita de enseñanza racional*, que propagava a ideia de uma educação laica, sem a interferência religiosa¹²⁹.

Miguel N. Viola destacou-se também por outros acontecimentos que fizeram parte de sua trajetória. Maeder afirma que Viola teve uma vida política de destaque após a queda de Juan Manuel de Rosas, elegendo-se deputado em Buenos Aires, senador pela capital e

¹²⁶ PELOSI, *Op.Cit.*, p. 122.

¹²⁷ CAICEDO, J.M. Tórres. *Ensayos Biográficos y de crítica literaria sobre los principales publicistas, historiadores, poetas y literatos de la América Latina*. Paris: 1868.

¹²⁸ MAEDER, *Op.Cit.*, p. 746.

¹²⁹ VIOLA, Miguel N. Abolición del cristianismo en la enseñanza ó sea el racionalismo en las escuelas de primeras letras. (A propósito de la escuela gratuita de enseñanza racional). *La Revista de Buenos Aires*, tomo 20, nº 77, Setembro de 1869, pp. 140-164.

deputado nacional¹³⁰. Além do mais, suas posições políticas causaram sua expulsão da Argentina por algumas vezes. A primeira foi em 1859, quando a guerra entre Buenos Aires e a Confederação Argentina, formada pelas outras províncias, estourou. Viola era favorável à unificação e, por isso, foi expulso de Buenos Aires, exilando-se em Montevidéu. Durante a década de 1860, Viola foi um grande opositor da guerra contra o Paraguai e do governo de Bartolomé Mitre, posições que o levaram a exilar-se em Montevidéu novamente.

Além dessas atividades políticas, Viola, desde cedo, manteve uma relação com a publicação de periódicos. Em 1848, junto com Antonio Wilde, publicou o *Mosaico Literario*, e quatro anos mais tarde, em 1852, colaborou na publicação de *Padre Castañeda – Periodico Histórico, literário, político y de costumbres*. No ano de 1854, iniciou a publicação, sob sua direção, do periódico *El plata científico y literário: Revista de los Estados del Plata sobre la legislacion, jurisprudencia, economia-politica, Ciencias naturales y Literatura*. Essa revista teve algumas edições e durou até o ano de 1855, e segundo Maeder foi bastante elogiada na época – o historiador, porém, não especifica quem fez esses elogios¹³¹.

Afora estas publicações, Miguel N. Viola teve uma grande produção de livros. Dentre eles, o que aparece com mais destaque é *El lector Americano efemérides y extractos de obras especialmente Americanas, arreglados en forma de lecturas para todos los dias del año*, publicada pela primeira vez em 1858. Além dessa, existe uma obra de caráter religioso, *Patronato, recursos de fuerza y escomuniones: Su historia y derecho estudiados en la causa sobre destitucion del benemérito cura rector de San Cristóbal, Don Juan de Dios Arenas*, publicada em 1887¹³². Publicou também uma obra histórica em 1865 denominada *Atras el imperio: Hojas históricas*. Esse livro aparece como um dos mais vendidos no *Boletin Bibliográfico Sud-americano* publicado em 15 de março de 1870 pela “Imprenta y Libreria de Mayo de Carlos Casavalle”. Na sinopse, há a informação de que a obra resume, em poucas páginas, o sentimento das repúblicas da região do Rio da Prata e suas relações com o Império do Brasil¹³³. Por esses fatos, é importante frisar que Viola teve uma longa experiência no meio editorial, sendo a RBA mais um dos seus empreendimentos.

¹³⁰ MAEDER, *Op.Cit.*, p. 746.

¹³¹ *Idem*, p. 746.

¹³² Algumas dessas obras podem ser consultadas na íntegra em: <<http://bit.ly/13pJD37>> e <<http://bit.ly/13pjyfv>>. Esse é o único meio disponível para acessá-las.

¹³³ Disponível em: <<http://bit.ly/13pJNYn>>. Consultado em 10 de abril de 2012.

1.5.2. Vicente G. Quesada.

No que diz respeito a Vicente G. Quesada, as informações também são escassas. Ele nasceu em Buenos Aires no ano de 1830 e se tornou advogado no ano de 1849. Teve uma trajetória marcante na Argentina, tanto que mereceu até um capítulo no livro *Ensayos Biográficos y de crítica literária sobre los principales publicistas, historiadores, poetas y literatos de la América Latina*, publicado por J. M. Torres Caicedo em Paris no ano de 1868.

Sua atuação política começou em 1856, como deputado no congresso do Paraná, pela província de Corrientes. Em 1871, assumiu a direção da Biblioteca Pública de Buenos Aires, cargo que ocupou até o ano de 1879. Depois disso, retornou para a política, foi deputado Nacional e ministro da província de Buenos Aires¹³⁴. Em 1883 tornou-se diplomata a serviço do governo da Argentina, sendo enviado para o Império do Brasil nesse mesmo ano. Depois, foi enviado para os Estados Unidos na companhia do seu filho, Ernesto Quesada¹³⁵.

Da mesma maneira que Viola, Quesada ocupou-se, desde cedo, com a publicação de periódicos. De acordo com Maeder, em 1855 Quesada tornou-se redator principal do jornal *El Comercio*, publicado na capital da província de Corrientes. Em 1861, começou a publicar como organizador a *Revista del Paraná*, que era composta por quatro seções – História, Literatura, Jurisprudência e Economia política¹³⁶ – e teve oito edições.

Depois que Quesada deixou o cargo na Biblioteca Pública de Buenos Aires, fundou, junto com seu filho Ernesto Quesada, em 1881, a *Nueva Revista de Buenos Aires*, publicada até 1885. Enquanto foi diretor da biblioteca de Buenos Aires, Quesada viajou para a Europa para “estudar a organização das principais bibliotecas europeias e para a aquisição de cópias de manuscritos que tivessem referências com a história colonial”. Pelosi afirma, ainda, que Quesada foi um membro da Sociedade de Geografia de Paris e da Sociedade Americana de França¹³⁷.

¹³⁴ MAEDER, *Op.Cit.*, p. 747.

¹³⁵ PELOSI, *Op.Cit.*, p. 126.

¹³⁶ EUJANIAN, Alejandro. Por una historia nacional desde las provincias. El frustrado proyecto de Vicente Quesada em La Revista del Paraná. Texto apresentado em **X Jornadas Interescuelas / Departamentos de Historia**. Rosário, 20 al 23 de septiembre de 2005.

¹³⁷ PELOSI, Hebe. *Op.Cit.*, p. 126.

As trajetórias de Viola e Quesada são importantes porque contribuem para entender a proposta e os objetivos da RBA, visto que se entende que ela é o reflexo de seus organizadores, de suas ideias e de suas posições. Isso fica explícito na análise dos artigos sobre o *gaucho* e sobre os indígenas nas seções de literatura e direito, respectivamente. Nesses textos, é possível compreender que um dos objetivos mais importantes dos organizadores era usar a RBA, como tentaram com outras obras e com a política, para propor uma ideia de como o estado nacional deveria ser construído. Nesses dois casos, o principal objetivo seria o de criar uma sociedade mais civilizada transformando os sujeitos que se encontravam para além da fronteira ou mesmo acabando com aqueles que representavam o oposto do almejado.

1.6. Os colaboradores da Revista de Buenos Aires.

No decorrer de suas 96 edições, a RBA teve muitos colaboradores que publicaram centenas de artigos em todas as seções e sobre os mais variados temas. Alguns desses colaboradores publicaram apenas algumas vezes, enquanto outros foram participantes assíduos e contribuíram com diversos textos ao longo dos anos em que a revista permaneceu ativa. Devido ao grande número de colaboradores, serão analisados apenas alguns nomes considerados relevantes para a historiografia. Deve-se ressaltar que entre os diversos letrados que publicaram havia muitos sul-americanos, um fato que corrobora a ideia de que os organizadores tinham o interesse em conectar a história argentina com a história americana e com uma ideia de “América” não apenas através do discurso, mas também com a troca de ideias e experiências entre os pensadores de vários países americanos. Desses, destacam-se principalmente os peruanos e os chilenos, como Diego Barros Arana, Benjamim Vicuña Mackenna, Miguel Luis Amunátegui e José Victorino Lastarria. Mas vale ressaltar que autores de outros países também publicaram na revista, como o colombiano José Maria Torres Caicedo.

Os chilenos que publicaram textos na RBA tiveram uma vida intelectual bastante ativa em seu país. Diego Barros Arana, por exemplo, além de uma trajetória política, foi declarado reitor do Instituto Nacional do Chile e tornou-se professor e reitor da Universidade do Chile, além de ser responsável por resolver assuntos referentes aos limites do Chile com a Argentina¹³⁸. Afora isso, teve uma inesgotável produção intelectual. Publicou, por exemplo, a

¹³⁸ A respeito da produção histórica de Diego Barros Arana, consulte o artigo: RIVAS, Ricardo Alberto. El origen de la nación y los historiadores latinoamericanos. **Cuadernos del CISH**, Ano 1, nº 1, 1996, pp. 52-67.

Historia General de la Independencia do Chile, obra de quatro tomos, entre 1854 e 1858. Depois de vários outros livros, alguns deles obras históricas relacionadas à América, como o *Compendio de Historia de America* de 1865 e *Historia de la Guerra del pacifico*, publicada em 1881, publicou, entre 1884 e 1902, sua *Historia General de Chile*, com dezesseis tomos. Dentre suas obras, constam ainda livros de geografia, literatura e biografias¹³⁹.

Mais um exemplo entre os escritores chilenos que colaboravam com a RBA, José Victorino Lastarria também foi um grande homem de letras de seu país. Participou ativamente da vida política chilena, atuando como senador e deputado por vários mandatos. Ademais, Lastarria foi considerado um dos participantes da geração de letrados que buscou construir valores nacionalistas e republicanos no Chile¹⁴⁰. Foi um escritor bastante reconhecido, e entre suas obras publicadas destacam-se tanto os livros de literatura – como *El mendigo*, de 1843, *Don Guillermo*, de 1860, e *El diario de una loca*, de 1875 – quanto as obras de caráter científico – como suas *Investigaciones sobre la influencia social de la conquista en Chile*, de 1844, as *Lecciones de política positiva*, de 1874, e a *Historia constitucional de medio siglo*, publicada em 1853.

Dos colaboradores peruanos, distinguem-se Ricardo Palma, Juan Vicente Camacho, José Antonio de Lavalle e Luis Bejamin de Cisneros. Desses, é interessante destacar a trajetória de Luis Bejamin de Cisneros, um diplomata que morou durante alguns anos na Europa e que, ao regressar ao Peru, tornou-se diretor do Arquivo Nacional. Sua produção voltou-se principalmente para a literatura, tendo publicado vários romances, além de dedicar-se à poesia, foi considerado um escritor romântico e participou de um importante grupo de literatos peruanos¹⁴¹.

A lista de colaboradores de outros países revela a existência de uma relação entre os pensadores da Argentina e do resto da América, o que demonstra que Quesada e Viola estavam conseguindo cumprir uma de suas aspirações, a troca de ideias, por meio de sua

Disponível em: <http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.2491/pr.2491.pdf>. Consultado em 12 de abril de 2012.

¹³⁹ Algumas obras de Diego B. Arana podem ser consultadas, na íntegra, em <<http://openlibrary.org/search?q=Diego+Barros+Arana>>.

¹⁴⁰ Sobre a produção de Lastarria pode ser consultado o artigo: ALVA, Joseph Dager. El debate en torno al método historiográfico en el Chile del siglo XIX. **Revista Complutense de Historia de América**. Vol. 28, 2002, pp. 97-138.

¹⁴¹ CARRILLO, Sonia Luz. José Arnaldo Márquez y la generación romántica. **Letras**, ene./dic. 2007, vol.78, no.113, p. 117-130.

revista, entre os homens de letras americanos. Como bem demonstrou Suellen Mayara Peres de Oliveira em sua dissertação de mestrado sobre a querela histórica entre alguns letrados Rio-platenses, a troca de ideias e livros entre os Argentinos e os pensadores de outros países era algo que já ocorria desde a primeira metade do século XIX, sendo visto como um movimento fundamental para o desenvolvimento das letras argentinas¹⁴².

Cabe ressaltar, porém, que a maioria dos colaboradores da revista eram argentinos. Os principais nomes da elite intelectual do país publicaram artigos na RBA. Entre eles, podem ser citados Angel J. Carranza, Geronimo Espejo, José Manuel Estrada, Juana Manuela Gorriti, José Tomas Guido, Carlos Guido y Spano, Damian Hudson, Tomas Iriarte, Lucio Victorio Mansilla, entre outros¹⁴³. Todavia, a maioria dos colaboradores publicou poucos artigos, às vezes apenas um ou dois ao longo das 96 edições. Por outro lado, alguns outros, como Damian Hudson, Vicente Fidel López e Juan Maria Gutierrez, publicaram vários artigos durante quase todo o período em que a RBA circulou.

Entre os que publicaram poucos artigos, vale destacar aqueles que foram politicamente relevantes. Nicolás Avellaneda, presidente da Argentina entre 1874 e 1880, teve um artigo publicado no Tomo XXIV, no mês de março de 1871, que havia sido publicado no jornal *Tribuna*. O artigo apresenta uma discussão a respeito da higiene pública, especificamente a respeito dos *saladeros* e da sua responsabilidade por doenças¹⁴⁴. Outro nome de grande importância na Argentina durante o século XIX e que publicou dois artigos na RBA foi Juan Bautista Alberdi, que, juntamente com Sarmiento, é considerado um dos grandes pensadores argentinos do século XIX¹⁴⁵. Os dois textos que publicou saíram na seção de Literatura; trata-se de dois breves contos, que já haviam sido publicados em outros periódicos.

Apesar de não serem obras inéditas, é importante entender as publicações de ambos os autores como um indicativo de que os organizadores da RBA tinham contatos e relações com

¹⁴² OLIVERIA, Suellen M. P. **A querela de clío na região do Prata e o Brasil: tensões e diálogos da escrita da história nos institutos históricos e geográficos (1838-1852)**. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 2010.

¹⁴³ Para consultar todos os colaboradores da RBA, consulte o *Índice general por autores*, publicado no final dos tomos XII e XXIV.

¹⁴⁴ AVELLANEDA, Nicolás. Higiene Pública: Saladeros. **La Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, tomo XXIV, nº 93, Março de 1871, p. 418.

¹⁴⁵ Sobre isso, ver: DONGHI, Túlio Halperin. **Una nación para el desierto argentino**. Buenos Aires: Centro editor de America Latina, 1982. e BOTANA, Natalio. **La tradición Republicana: Alberdi, Sarmiento y las ideas políticas de su tiempo**. Buenos Aires, Delbolsillo, 2005.

personalidades políticas importantes, e que, provavelmente, Quesada e Viola, por outros meios além da RBA, participavam do debate público com eles¹⁴⁶. Além disso, é necessário inferir que tais figuras, mesmo que tenham escrito apenas poucas linhas na RBA, provavelmente tinham contado com ela e a liam regularmente, demonstrando que o periódico provavelmente circulava entre os personagens importantes da época¹⁴⁷. Também se pode afirmar que abrir espaço na revista para essas personalidades era uma estratégia para estabelecer alianças políticas e somar capital simbólico ao periódico.

Outra personalidade de extrema relevância política e intelectual que escreveu alguns textos para a RBA foi o General Bartolomé Mitre, que publicou um artigo intitulado *Episodios de la Revolucion: El crucero de la "Argentina"*, no Tomo IV. Além desse, que foi dividido em três edições da revista, publicou também o artigo intitulado *Descubrimiento del Rio de La Plata*, no Tomo VI – ambos na seção de História. Além de ter sido um político extremamente importante, uma vez que foi presidente da Argentina entre 1862 e 1868, Mitre é considerado um dos primeiros historiadores argentinos.

Seu livro *Historia de Belgrano*, editado pela primeira vez em 1858, é considerado um dos precursores da historiografia argentina, e teve uma segunda edição publicada em 1859 com o título *Historia de Belgrano y de la Independencia Argentina*, ganhando, ao longo das últimas décadas do século XIX, outras edições até que, em 1887, ganhasse sua edição definitiva¹⁴⁸. Essa obra, na qual a independência nacional é localizada já nos últimos anos do período colonial, é considerada um marco fundamental na historiografia nacionalista argentina¹⁴⁹. A participação de Mitre na RBA é marcante por alguns motivos que estão além de sua importância política. Primeiro, por ele ser considerado um dos principais historiadores da segunda metade do século XIX na Argentina e, segundo, por ter participado de um debate

¹⁴⁶ Os nomes de Quesada, Viola e Avellaneda, entre outros – como os de Bartolomé Mitre, Vicente Fidel López e Juan Maria Gutierrez –, aparecem como sócios fundadores do *Circulo Literario*, associação criada com o objetivo de congregar os letrados argentinos. **La Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, tomoV, nº 18, Outubro de 1864, pp. 376-377.

¹⁴⁷ A RBA consta como um dos periódicos disponíveis na sala de leitura do *Circulo Literario*. **La Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, tomo V, nº 18, Outubro de 1864, p. 379. Além disso, a RBA consta como uma das obras vendidas pela Imprenta y Libreria de Mayo e Carlos Casavalle. Consultar: <<http://bit.ly/13pjNYn>>.

¹⁴⁸ A respeito da obra de Bartolomé Mitre, consultar: EUJANIAN, Alejandro. El surgimiento de la crítica. In: CATTARUZZA, A. **Políticas de la historia: Argentina 1860-1960**. Buenos Aires: Alianza, 2003, FREITAS NETO, José Alves de. Mitre e a edificação de um patrimônio historiográfico argentino. **História da Historiografia**, v. 7, p. 74-89, 2011 e MEJÍA, Sergio. Las historias de Bartolomé Mitre: operación nacionalista agosto de los argentinos. **Historia Crítica**, Nº33, Bogotá, pp. 98-121, 2007.

¹⁴⁹ CHIARAMONTE, José Carlos e BUCHBINDER, Pablo. Provincias, caudillos, nación y la historiográfica constitucionalista argentina, 1853-1930. **Anuariodel IEHS**, nº 7, Tandil, pp. 93-120, 1992. p. 101.

historiográfico com Vicente Fidel López que foi avaliado como o debate fundador da historiografia argentina¹⁵⁰.

Vicente F. López é prestigiado como um dos mais importantes historiadores argentinos da segunda metade do século XIX. Ele foi um dos mais assíduos colaboradores da RBA, principalmente a partir do Tomo XII, e quase a totalidade de seus artigos publicados pertencia à seção de *Historia Americana*. Sua produção histórica publicada na RBA foi, em grande parte, dedicada ao Perú pré-colombiano e ao seu povo. Entre seus artigos, o *Estudios filológicos y etnológicos sobre los pueblos del Perú y sus idioma al tiempo de la conquista* se destaca. Bastante extenso, o texto foi publicado ao longo de seis números da RBA, entre os Tomos VII e IX. Além desse, López insistiu, nos números seguintes, na produção sobre os povos peruanos, publicando *Estudios sobre la colonización del Perú por los pelasgos griegos en los tiempos prehistóricos, demostrada por el análisis comparativo de la lengua y do los mitos*. Publicou ainda dois outros artigos que merecem ser citados: *De las religiones y de los mitos del Perú antiguo* e *Dinastías peruanas según Montesinos*¹⁵¹.

Esses artigos demonstram claramente que López teve uma produção profícua na RBA. Porém, teve uma extensa produção historiográfica e literária fora dela¹⁵². Entre suas obras destacam-se a *Historia de la República Argentina: Su origen, su revolución y su desarrollo político hasta 1852*, publicada em diversos tomos e reeditada diversas vezes, o *Manual de la Historia Argentina*, escrito para ser um manual escolar, e o livro a respeito do seu debate com Mitre, nomeado *Debate histórico: refutación a las comprobaciones históricas sobre la Historia de Belgrano*. Entre suas obras literárias destacam-se *La novia del Herege* e *La loca de la Guardia*.

É importante afirmar, ainda, que López, juntamente com Juan Maria Gutierrez, outro colaborador assíduo da RBA, é visto pela historiografia atual como um dos intelectuais mais importantes daquele período, visto que ambos contribuíram de maneira substancial para a formação do Estado Nacional argentino, uma vez que participaram ativamente dos debates

¹⁵⁰ A respeito desse debate, ver: EUJANIAN, Alejandro, *Op.Cit.* e FREITAS NETO, José Alves de, *Op.Cit.*

¹⁵¹ Para uma visão completa dos artigos publicados por López na RBA, conferir o *Índice general por autores*, publicado no final dos Tomos XII e XXIV, no qual consta um índice com todos os artigos publicados, organizados pelo nome do autor.

¹⁵² Para examinar algumas obras publicadas por López, consultar os seguintes sites: <www.books.google.com> e <www.openlibrary.org>.

intelectuais e do cenário político da época. Segundo Jorge Myers, tanto Vicente F. López como Gutierrez podem ser considerados membros da conhecida *generación de 37*¹⁵³.

Gutierrez participou tão ativamente da RBA que tem tantas publicações quanto Viola. Seus artigos estão espalhados por diversos tomos, desde o I até o XXI. Publicou nas diversas seções, mas teve uma participação mais efetiva na de literatura, assunto ao qual se dedicou mais e pelo qual foi mais reconhecido. Segundo Maeder, a frequente participação de Gutierrez levou os organizadores a cogitarem incorporá-lo como organizador da RBA, mas essa ideia acabou não se concretizando¹⁵⁴. Gutierrez teve uma grande produção intelectual para além da RBA. Publicou obras literárias, sobre literatura e também a respeito de escritores. Como exemplos, podem-se citar os seus *Estudios históricos-literarios*, *Estudios biográficos y críticos de poetas sudamericanos anteriores al siglo XIX* e o seu *La Sociedad Literaria y sus obras*¹⁵⁵.

Sendo assim, é necessário ressaltar que os colaboradores da RBA, fossem eles argentinos ou americanos, eram extremamente gabaritados e reconhecidos por seus pares. Todos tiveram uma trajetória intelectual bastante frutífera e houve ainda aqueles que foram politicamente relevantes. Desse modo, pode-se sugerir que a RBA foi uma produção intelectual importante no seu contexto, pois sempre contou com a colaboração de pessoas de notório reconhecimento, o que indica que esses homens de letras tinham acesso a ela e, possivelmente, liam-na. Ademais, essa constatação permite defender que os organizadores tinham relações com esses intelectuais e que compartilhavam, com eles, um ideal civilizador. É esse, pois, o ponto central das suas ideias, visto que buscavam construir uma nação argentina que saísse do seu estado de barbárie, uma condição que havia começado no momento posterior à independência com as disputas entre as diversas províncias e os grupos políticos, mas que tinha tomado corpo principalmente a partir do governo de Rosas, o grande representante dessa barbárie para o grupo.

É possível afirmar também que RBA, como os outros periódicos, foi um meio no qual os participantes puderam expressar e defender seus ideais, que eram levados para o campo da

¹⁵³ MAYERS, Jorge. Língua, história e política na identidade argentina, 184-1880. In: PAMPLONA, Marco A. e DOYLE, Don H. (Orgs.). **Nacionalismo no novo mundo: A formação de Estados-Nação no século XIX**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

¹⁵⁴ MAEDER, Ernesto. *Op.Cit.*, p.747.

¹⁵⁵ Para consultar algumas obras publicadas por Gutierrez, acesse <www.books.google.com>.

prática política. Porém, como visto, nem sempre esses ideais eram seguidos, pois as diversas circunstâncias faziam com que os atores mudassem suas estratégias.

Após essa observação geral sobre o funcionamento da RBA, a próxima etapa será analisar, de modo específico, a seção de história americana do periódico. O objetivo geral é compreender quais são as principais características dessa seção, o que os organizadores entendiam como história e qual a importância dessa área do conhecimento para a formação da nação argentina que os organizadores almejavam.

2.Capítulo Segundo: HISTÓRIA E NAÇÃO EM LA REVISTA DE BUENOS AIRES.

O foco central deste capítulo é analisar e compreender a produção histórica de *La Revista de Buenos Aires*. O principal objetivo é apreender, de maneira geral, quais são as características da seção de história americana da RBA. Entretanto, para alcançar essa proposta, serão feitas algumas considerações sobre a produção histórica ao longo do século XIX na Argentina e também na Europa. Assim, o primeiro objetivo é mapear a historiografia atual para saber quais foram os estudos feitos, até esse momento, sobre a produção histórica que ocorreu na região do Prata ao longo do século XIX. Para tal, será feita uma revisão historiográfica procurando entender a relação entre a construção das nacionalidades e a história produzida no século XIX. A finalidade é perceber como ocorreu a associação entre a história e a formação das nações. Esse debate de caráter teórico será muito útil, pois permitirá compreender o sentido da história produzida pela RBA.

Em seguida, será feita uma revisão historiográfica a respeito do conceito de nação e da construção da nacionalidade na região do Rio da Prata. Trata-se de uma parte fundamental, pois nela serão analisadas a forma pela qual alguns intelectuais pensaram a história e a sua relação com a formação da nação argentina. A partir disso, será feita uma análise atenta do artigo *Estudios históricos, nuestros propósitos* (1863), escrito por Vicente G. Quesada. O texto esclarece qual era a ideia de história dos organizadores e apresenta quais eram os objetivos da seção histórica da revista.

Posteriormente, apresentaremos a seção de história, fazendo uma análise mais aprofunda sobre ela, buscando responder as seguintes questões: quantos artigos foram publicados; quais os temas dos artigos; qual era o formato desses artigos; qual o tema mais recorrente; quem eram os colaboradores; quem mais publicou artigos na seção. Ou seja, buscando levantar quais foram as principais características que marcaram a produção histórica da RBA.

Por fim, três assuntos serão abordados mais exhaustivamente: primeiro, será avaliada a percepção da revista sobre as províncias que formavam a Argentina; depois, por meio de um artigo de Quesada, o entendimento da RBA sobre a fronteira e os indígenas; por fim, discutir-se-á como a guerra com o Paraguai foi representada na revista. Esses três assuntos foram escolhidos tendo-se em mente o fato de serem assuntos politicamente relevantes na Argentina da década de 1860, além de constituírem-se como temas abordados pela historiografia atual.

2.1. História e Nação na Argentina do século XIX.

Tendo em vista que o objetivo deste capítulo é analisar e compreender as características da seção de história da RBA, é necessário, primeiramente, compreender a visão sobre história que havia na Argentina naquele período para, dessa maneira, confrontar a produção da revista com os outros projetos de história que existiam. Esse movimento é necessário porque a história ganhou enorme relevância política ao longo do século XIX, sendo um dos fatores cruciais para a formação das nações durante esse período. A relação entre as duas ideias – história e nação – foi bastante estreita no oitocentos. Todavia, a análise e o estudo crítico sobre essa relação são algo recente na historiografia, ocorrendo principalmente a partir do início da década de 1980 com alguns trabalhos que colocaram em evidência o debate a respeito do conceito de nação¹⁵⁶.

Segundo as ideias de Craig Calhoun, as narrativas históricas de caráter nacional e as reivindicações de uma identidade nacional primordial estão entrelaçadas. De acordo com ele, “a reivindicação de uma identidade nacional primordial é, na realidade, uma versão da narrativa histórica nacionalista”¹⁵⁷. Nesse sentido, Manoel Luiz Salgado Guimarães afirma que a invenção moderna das nações faz parte da história que emergiu ao longo da segunda metade do século XVIII e perpetuou-se no século XIX, história essa que impôs novas formas de lealdade política, buscando, no passado, a legitimidade que o tempo decorrido poderia assegurar às construções recentes¹⁵⁸.

François Dosse, por sua vez, ao se referir à constituição da identidade nacional francesa, afirma a essencialidade dos historiadores para a formação da ação francesa, visto que, segundo ele, “o historiador encarregou-se de enraizar o sentimento nacional na

¹⁵⁶ Entre as obras mais importantes desse debate, estão: ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Cia. das Letras, 2008, primeira edição de 1983. GELLNER, Ernest. **Nações e nacionalismo**. Trad. Inês Vaz Pinto. Lisboa: Gradiva, 1993, primeira edição de 1983 e HOBBSBAWM, E. **Nações e nacionalismo desde 1780**. São Paulo : Paz e Terra, 1990. Para um desdobramento das discussões suscitadas por essas obras consultar: BALAKRISHNAN, G. (Org.). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro : Contraponto, 2000.

¹⁵⁷ CALHOUN, Craig. O nacionalismo importa. In: DOYLE, D. e PAMPLONA, M (Orgs.). **Nacionalismo no novo mundo**. Rio de Janeiro : Record, 2008.

¹⁵⁸ GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Usos da História: refletindo sobre identidade e sentido. **História em Revista**, Pelotas, v. 6, dezembro de 2000, pp. 2 e 4.

população”¹⁵⁹. Entre esses historiadores Michelet foi um dos mais importantes. De acordo com Dosse, para Michelet, “o povo é a pedra de sua narrativa histórica e do sentido que dela extrai. Ele magnifica a narrativa fundante da nação francesa que se encarna na festa da Federação”¹⁶⁰. Posteriormente, outros historiadores franceses se dedicaram a essa tarefa de criar um mito original, e no final do século XIX, com a História reconhecidamente científica e já institucionalizada, essa tarefa se aprofundou. Segundo Dosse:

O historiador então não tem dúvida alguma quanto à sua função, que é central na nação. Com seu mito das origens, ele permite finalizar sua narrativa e legitimar o presente por meio do passado. Essa história beneficia-se de uma verdadeira transferência de sacralidade, iniciada por Michelet. Mas com Lavis e Monod, a ela se soma a ambição científica. Trata-se de uma história projetiva com a qual cada indivíduo, cada cidadão deve identificar-se, possibilitando assim a criação de um elo indissolúvel entre a coletividade nacional e os cidadãos prontos para o sacrifício extremo¹⁶¹.

Contudo, é importante lembrar que os historiadores alemães, no decorrer do século XIX, também se utilizaram da disciplina histórica com o objetivo de criar uma identidade nacional. Segundo Dosse, eles “desempenharam um papel fundamental na identidade nacional. Os historiadores foram os verdadeiros promotores do novo império nacional”¹⁶². Entre eles, Leopoldo Von Ranke e Johann Gustav Droysen merecem destaque. Ranke, por exemplo, além de ser importante para a constituição de uma história nacional, é considerado a maior figura da historiografia alemã e um grande responsável pelo reconhecimento que a história teve no século XIX.

A partir das ideias de Guimarães, podemos afirmar que “a história torna-se assim parte essencial do processo de criação das Nações, assim como a fixação de uma memória sagrada para esta invenção social.”¹⁶³ Todavia, além da dedicação dos historiadores a esta tarefa, tornou-se uma política de Estado o esforço sistemático de lembrar o passado através de comemorações e ritualizações baseadas nos feitos e nos grandes homens, bem como o

¹⁵⁹ DOSSE, François. A identidade nacional como forma organizadora do discurso histórico na França nos séculos XIX e XX. In: **História à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido**. São Paulo: Editora Unesp, 2001, p. 11.

¹⁶⁰ *Idem*, p. 15.

¹⁶¹ *Idem*, p. 18.

¹⁶² DOSSE, François. História e historiadores no século XIX. *Op.Cit.*, p. 24.

¹⁶³ GUIMARÃES, *Op.Cit.*, p. 04.

desenvolvimento de uma escrita da história nacional voltada para a pedagogia do novo cidadão nacional¹⁶⁴.

A partir do exposto até este momento, a questão que se segue diz respeito ao modo pelo qual essas ideias repercutiram na América ou, mais especificamente, na Região do Rio da Prata. Por esse motivo, a próxima etapa será entender de que maneira a história foi produzida na Argentina durante o século XIX e qual foi a relação dessa história com a formação da nação argentina, caso isso tenha ocorrido. Isso feito, teremos uma base para pensar o posicionamento da RBA nesse contexto e para entender qual foi sua importância e sua contribuição histórica dentro dessa conjuntura, tendo em vista que a sua seção de história foi uma das mais profícuas.

2.1.1.A produção histórica argentina no século XIX.

Diante disso, é importante compreender de que forma o processo de construção nacional ocorreu na região do Rio da Prata para, enfim, tentar entender qual foi a importância da história nesse processo.

Consultando a literatura sobre o tema “nação”, percebe-se que, por muito tempo, a atenção a essa problemática na sua relação com a Europa foi muito maior que aquela dedicada à sua relação com a América Ibérica, apesar de o livro que inovou as abordagens sobre o assunto, *Comunidade Imaginadas*, de Benedict Anderson, publicado no início da década de 1980, afirmar que a América foi o local onde o nacionalismo surgiu. Entretanto, depois da publicação de Anderson, a ideia de nação na América voltou a ser discutida, consolidando-se na década de 1990, principalmente a partir dos trabalhos do historiador argentino José Carlos Chiaramonte, que refutou de modo muito consistente as afirmações de Anderson¹⁶⁵ sobre o conceito de nação na América¹⁶⁶. Apesar de haver divergências¹⁶⁷ entre os estudiosos do

¹⁶⁴ Outra obra importante que aborda esse assunto é HOBBSBORN, Eric e RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1997.

¹⁶⁵ No capítulo três de *Comunidades Imaginadas*, Anderson afirma que o nacionalismo nas Américas surgiu a partir da circulação de ideias na imprensa e entre os funcionários criolos já no final do século XVIII. Chiaramonte, por sua vez, demonstrou que o surgimento de identidades nacionais na América Hispânica só começou a aparecer tempos depois da independência, sendo que, na região do Rio da Prata, especificamente, isso só teria ocorrido quatro décadas após a Independência.

¹⁶⁶ Sobre esse tema na América, consultar: DOYLE, D. e PAMPLONA, M (Orgs.). **Nacionalismo no novo mundo**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

¹⁶⁷ Sobre isso, consultar: CALHOUN, C. O nacionalismo importa. In: PAMPLONA, M e DOYLE, D. (Orgs.). **Nacionalismo no novo mundo**. Rio de Janeiro: Record, 2008, pp. 37-70.

assunto, é quase unanimidade a ideia de que as nações, como as conhecemos hoje, são construções históricas que surgiram apenas na era contemporânea, isto é, entre o final do século XVIII e o decorrer do XIX¹⁶⁸. Entretanto, o conceito é antigo e sofreu diversas modificações no tempo e no espaço.

No que diz respeito à América Hispânica, até algum tempo atrás, principalmente antes dos trabalhos de Chiaramonte, afirmava-se que as suas nações teriam surgido antes mesmo das independências, e que as guerras pela libertação contra a Espanha foram produtos de um ideal nacional. Entretanto, essa análise sempre esteve carregada de um ideal nacionalista¹⁶⁹. Segundo a historiadora Claudia Wasserman:

Grande parte desta primeira historiografia latino-americana considera as identidades nacionais como dados ontológicos, e as nações, como entidades sociais originárias, que estiveram presentes desde o período pré-colonial para alguns, desde a colônia para outros ou, mais frequentemente, desde as independências¹⁷⁰.

Tal ideia foi fruto de uma construção da historiografia do século XIX. No que tange a essa questão, Chiaramonte demonstra de maneira enfática em seus estudos que “em tiempos de las independencias no existían las actuales naciones iberoamericanas, ni las correspondientes nacionalidades”¹⁷¹. Para o historiador, “la nación no um fenómeno natural sino um producto histórico, transitório, que no siempre existió”¹⁷².

De acordo com o historiador argentino, realizar um estudo sobre esse tema requer muito cuidado, pois, “a dificuldade do tema que nos ocupa reside na inexistência do que poderíamos considerar uma ideia *verdadeira* do que seja nação, pressuposto que se expressa

¹⁶⁸ As obras que afirmam isso de maneira mais incisiva e que são mais citadas nos estudos sobre nação são, HOBBSBAWM, E. **Nações e nacionalismo desde 1780**. São Paulo : Paz e Terra, 1990 e GELLNER, Ernest. **Nações e nacionalismo**. Trad. Inês Vaz Pinto. Lisboa: Gradiva, 1993.

¹⁶⁹ Importante ressaltar que em relação ao Brasil essa afirmação também é verdadeira, porém, há pouco tempo se iniciou um discussão mais profunda sobre a formação da nação brasileira, tento em vista a ideia de construção após a sua independência. Consultar JANCSÓ, István e PIMENTA, João Paulo G. Peças de um mosaico (Ou apontamentos para o estudo de emergência da identidade nacional brasileira). In: MOTA, Carlos Guilherme. (Org.). **Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000)**. São Paulo: SENAC, 2000, pp. 127-175.

¹⁷⁰ WASSERMAN, Claudia. A primeira fase da historiografia latino-americana e a construção da identidade das novas nações. **História da Historiografia**. Ouro Preto: Edufop, n° 07, novembro/dezembro, 2011, p. 96.

¹⁷¹ CHIARAMONTE, José C. Fundamentos iusnaturalistas de los movimientos de Independência. **Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana E. Ravignani**, tercera serie, n°22, 2000, p. 33.

¹⁷² *Idem*, p. 37.

quando se começa a partir de definições”¹⁷³. Para ele, é necessário entender a ideia de nação a partir do modo pelo qual o termo era utilizado em um determinado local e momento específico. Nesse sentido, para entender a formação das nações na América e na região do Rio da Prata, é importante compreender como esses termos eram utilizados entre o final do século XVIII e a primeira metade do século XIX.

Segundo Chiaramonte, isso não pode ser feito sem que se leve em consideração o vocabulário político da época, que era fundamentado no jusnaturalismo, ou seja, no direito de natural e de gentes¹⁷⁴. Dessa maneira, seguindo suas considerações, é essencial entender que, na América, estava em vigência “um conceito de nação estranho a qualquer noção de etnicidade.”¹⁷⁵ O sentido do termo era essencialmente político “presente nos tratados de direito natural moderno e difundido por seu intermédio na linguagem política”¹⁷⁶. Esse sentido teria ganhado força com a Revolução Francesa, principalmente por ela dar ao termo uma ideia de soberania. Segundo François-Xavier Guerra:

a nação é uma comunidade soberana, formada pela associação voluntária de indivíduos iguais. Seu caráter contratual traz consigo sua soberania: dela procede toda a autoridade e todo o poder, entre eles o primeiro de todos, o constituinte, ou seja, a liberdade de escolher as próprias instituições¹⁷⁷.

Segundo o pensamento de Guerra, o que caracteriza o conceito moderno de nação a partir da Revolução Francesa é a ideia de soberania que ele passa a carregar¹⁷⁸. Além disso, como observa Chiaramonte, no século XVIII essa ideia de nação se associou com a noção de Estado, sendo que os manuais de direitos de gentes travam os termos como sinônimos¹⁷⁹. Todavia, isso não significa dizer que o termo, no sentido político, surge no momento da

¹⁷³ CHIARAMONTE, José Carlos. Metamorfoses do conceito de nação durante os séculos XVII e XVIII. In: JANCÓS, István (Org.). **Brasil: formação do Estado e da nação**. São Paulo/Ijuí: Hucitec/Unijuí/FAPESP, 2003, p. 82.

¹⁷⁴ *Idem*, p. 61.

¹⁷⁵ *Idem*, p. 73

¹⁷⁶ *Idem*, p. 71

¹⁷⁷ GUERRA, François-Xavier. A nação moderna: nova legitimidade e velhas identidades. In: JANCÓS, István (Org.). **Brasil: formação do Estado e da nação**. São Paulo/Ijuí: Hucitec/Unijuí/FAPESP, 2003, p. 53.

¹⁷⁸ Essa ideia também é corroborada por Chiaramonte, que afirma, sobre a Revolução Francesa, o seguinte: “ao fazer da nação o titular da soberania [...] conciliou a doutrina da soberania popular com a noção política de nação”. CHIARAMONTE, José Carlos. Metamorfoses do conceito de nação durante os séculos XVII e XVIII. *Op.Cit.*, p. 89.

¹⁷⁹ *Idem*, p. 78.

Revolução Francesa; pelo contrário, tanto Guerra como Chiaramonte afirmam de maneira similar que isso ocorreu através de um processo que se desenrolou no decorrer do século XVIII na Europa, principalmente na Espanha e na França.

A ideia de soberania presente no conceito nação é fundamental para se entender a importância que tiveram as províncias do Rio da Prata no momento posterior às independências. Como bem demonstram Guerra e Chiaramonte, a estrutura política do reino espanhol se manteve na América Ibérica após a guerra de independência, sendo que a soberania, nesse caso, recaía sobre as cidades/províncias, e não sobre as nações, como argumentavam alguns historiadores¹⁸⁰. Como afirma Guerra, durante o período colonial a cidade era muito mais que a constituição de um assentamento humano, ela era a unidade política de base. Para ele:

estas ciudades-provincias, para nombrarlas de manera simplificada, son pequeñas ‘repúblicas’, actores autónomos de la vida social y política e incluso tendencialmente ciudades-estados, si la autoridad del Estado llegara a desaparecer. Son actores políticos de primera magnitud, insoslayables en la vida política, pero también actores dominadores, contra los cuales han luchado y seguirán luchando otras ciudades concurrentes y muchos pueblos sujetos. La igualdad jurídica de los pueblos proclamada por la revolución encontrará aquí sus precedentes y su fundamentos¹⁸¹

Desse modo, durante a independência e por um período posterior, as cidades tiveram grande importância política devido ao seu caráter soberano, pois se tornaram o centro político em praticamente toda a América Ibérica, mas principalmente na Região do Rio da Prata¹⁸². Ainda nesse sentido, na região que hoje corresponde à República Argentina, depois da década revolucionária, “la ciudad cede paso a la emergencia de un nuevo protagonista político, la provincia autónoma, [...] una ampliación del papel político de las ciudades soberanas al punto de configurar un Estado Independiente”¹⁸³. Sendo assim, até a década de 1860, não existiu, de forma alguma, aquilo que conhecemos hoje como Argentina; o que havia eram diversas

¹⁸⁰ Principalmente CHIARAMONTE, José Carlos. **Cidades, províncias, Estados. Orígenes da nação argentina (1800-1846)**. São Paulo: Hucitec, 2009 e GUERRA, François-Xavier. **Modernidad e independencias. Ensayos sobre las revoluciones hispánicas**. Madrid: Ediciones Encuentro, 2009. Consultar também: CHIARAMONTE, José C. El federalismo argentino en la primera mitad del siglo XIX. In: CARMAGNANI, Marcelo (org.). **Federalismos Latinoamericanos: México/ Brasil/Argentina**. Ciudad de México: FCE, 1993.

¹⁸¹ GUERRA, François-Xavier. **Modernidad e independências. Op.Cit.**, p. 71

¹⁸² Além das cidades da Região da Prata, examinadas por Chiaramonte nas obras já citadas, o caso de Cartagena, na Colômbia, também pode servir como exemplo. Para esse caso, consultar: MÚNERA, Alfonso. **El fracaso de la nación. Región, clase y raza en el Caribe colombiano (1717-1821)**. Bogotá: Editorial Planeta Colombiana, 2008.

¹⁸³ CHIARAMONTE, José C. El federalismo argentino en la primera mitad del siglo XIX. **Op.Cit.**, p. 113.

províncias que funcionavam como Estados independentes e soberanos, os quais eram compreendidos como pátrias. De acordo com as ideias de Chiaramonte, “o sentimento de pátria, quando traduz a adesão ao grupo e lugar em cujo seio se criou, remete à cidade”¹⁸⁴.

O termo “pátria”, nesse caso, está envolvido em um sentimento de pertencimento ao local de nascimento – a cidade ou, posteriormente, a província. Como indica Guerra, o termo “pátria” era ligado ao particular, e detinha uma carga afetiva, pois “sempre remeteu aos vínculos primários, o país do pai e, em seu sentido derivado, o solo ou país natal”¹⁸⁵. Entretanto, ao falar sobre a Espanha no século XVIII, Guerra afirma que o termo começou a adquirir uma conotação mais ampla, a designar não apenas os locais particulares, mas a “pátria geral”, tornando-se sinônimo de “nação”, a partir do esforço da elite espanhola¹⁸⁶.

Em face disso, é possível inferir que foi apenas na década de 1850 que a ideia de nação sofreu uma modificação mais sistemática na região do Rio da Prata. Essa transformação ocorreu devido às mudanças políticas e institucionais desencadeadas a partir da segunda metade do século XIX e, também, por meio da ação de homens de letras que usaram a escrita para reforçar a unidade nacional. Institucionalmente, apenas depois da batalha de Pavón, em 1861, foi possível que as províncias se unissem em um estado unitário e sob as mesmas leis para formarem um estado nacional, sendo que após essa união as disputas políticas entre elas ainda se mantiveram por alguns anos.

Como demonstrado no primeiro capítulo, tal tentativa de unificação já havia ocorrido após a derrota de Juan Manuel de Rosas em 1852. Contudo, Buenos Aires foi contrária à constituição criada pelas demais províncias, que formaram a denominada *Confederación*, gerando, com isso, uma divisão entre Buenos Aires e as províncias do interior, que estavam unidas sob o governo de Urquiza¹⁸⁷. Assim, o período que corresponde à derrubada de Rosas até a década de 1880 é apontado pela historiografia como a época em que ocorreu a denominada “etapa de la organización nacional”, conforme as palavras de Marta Bonaudo¹⁸⁸, e foi justamente a partir da década de 1860, período ao qual corresponde o início da publicação da RBA, que se iniciou a formação da nação argentina.

¹⁸⁴ CHIARAMONTE, José Carlos. **Cidades, províncias, Estados.** *Op.Cit.*, p. 77.

¹⁸⁵ GUERRA, François-Xavier. A nação moderna: nova legitimidade e velhas identidades. *Op.Cit.*, p. 43.

¹⁸⁶ *Idem*, p. 44.

¹⁸⁷ ROMERO, J. L. **Breve historia de la Argentina.** Buenos Aires : Fondo de Cultura Económica, 2011.

¹⁸⁸ BONAUDO, Marta. Modo de Prólogo. *Op.Cit.*, p.13.

Mediante esse contexto, é importante compreender de que maneira ocorreu a escrita da história sob tal conjuntura política. A historiografia sobre esse assunto é muito recente, pois, embora alguns trabalhos tenham sido desenvolvidos durante a década de 1990, a grande parte deles foi escrita a partir da década de 2000. Olhando para eles, em um primeiro momento, é perceptível a existência de duas linhas de análise: a primeira é voltada para as primeiras décadas posteriores à guerra de independência, e a segunda estuda a história produzida a partir de 1880, momento no qual se localiza a fundação da historiografia argentina. Percebe-se, portanto, uma lacuna na historiografia, na medida em que não existem trabalhos a respeito da produção histórica que ocorreu na Argentina entre 1860 e 1880.

Antes de analisar a historiografia sobre a história na região do Rio da Prata, é imprescindível abordar rapidamente a concepção de história na América Hispânica. Segundo a historiadora Claudia Wasserman, a historiografia latino-americana foi iniciada pelos militares e políticos que participaram ativamente dos processos de emancipação colonial, tais como Bolívar, Mariano Moreno e José Bonifácio¹⁸⁹. Além disso, a autora afirma que, desde o início do período independente, uma das preocupações que emergia dos textos históricos era relativa à nação. Nesse sentido:

A historiografia latino-americana do século XIX esteve marcada pela caracterização dos obstáculos à consolidação das nações latino-americanas e pelas tentativas de solucionar os problemas que se apresentavam à construção das novas nacionalidades¹⁹⁰

De acordo com Guillermo Zermeño Padilla, a história produzida na América Ibérica começou a sofrer as modificações que haviam ocorrido na Europa a partir de meados do século XVIII apenas no início do século XIX. Em suas palavras, a mudança:

ocorreu no meio ibero-americano entre 1808 e 1823, propiciado não tanto por um movimento intelectual como por movimentos sociais e políticos que originaram a desarticulação o império espanhol e português. Assim, as mudanças políticas são o que move a transformação semântica da história, sem que exista uma elaboração intelectual prévia¹⁹¹.

¹⁸⁹ WASSERMAN, Claudia. *Op.Cit.*, p. 97.

¹⁹⁰ *Idem*, p. 104.

¹⁹¹ PADILLA, Guillermo Zermeño. História, experiência e modernidade na América ibérica, 1750-1850. *Alm. braz.*, São Paulo, n. 7, 2008. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/alb/n7/a01n7.pdf>> Acessado em: 10 de Agosto de 2010.

Todavia, o autor ressalta que essa mudança não ocorreu de forma simultânea em todas as regiões do continente. Ademais, os estudos de Padilla têm como objetivo entender de que maneira a mudança no conceito de “história” ocorreu na América, tendo como ponto de partida os estudos desenvolvidos por Koselleck sobre o caso alemão. Assim, ele afirma que existem coincidências entre os dois casos, o que se deve muito à imprensa e à sua inserção em lugares estratégicos no momento das revoluções, o que contribuiu para o compartilhamento de referências intelectuais e políticas¹⁹². Para Padilla:

Se pode postular que a transformação semântica da história na América ibérica passa pela redefinição dos projetos imperiais espanhol e português. É com as independências que se inicia um processo de re-elaboração conceitual da herança imperial no seio do vocabulário político e social. Na medida em que o futuro esperado não se manifeste, a experiência moderna da história irá assumindo o perfil de uma permanente transição. Como uma forma de compensar a instabilidade, serão tecidas histórias gerais que expliquem as origens da nação assim como permitem vislumbrar o futuro esperado¹⁹³.

Para concluir a reflexão relativa à América e iniciar a reflexão relativa ao Rio da Prata, cabe citar um exemplo da região platina para demonstrar como as guerras de independência iniciaram um processo de ruptura na concepção de história. Segundo o historiador argentino Fabio Wassermann:

La revolución no provocó un quiebre en el marco en el que era pensada la historia, pero alentó nuevos usos que afectaron al concepto. En efecto, el acelerado proceso de politización e ideologización, el hecho de experimentar vivencias inéditas, la apertura de nuevos horizontes de expectativa, la necesidad de dotar de sentido al proceso en curso, de hacer propaganda y de reivindicar a sus protagonistas, sumados a otros factores como la proliferación de impresos, le dieron mayor densidad al concepto de historia, a la vez que se generalizó y comenzó a tener nuevos usos políticos en los que, a la par de su carácter retórico, cobraban mayor valor sus funciones pedagógica, pragmática y crítica¹⁹⁴.

Nesse sentido, Fabio Wassermann produziu um dos trabalhos mais importantes sobre esse tema nos últimos anos. Em sua tese de doutorado *Entre Clio y la Polis: Conocimiento histórico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860)*, que acabou se tornando livro, o autor demonstra em amplo trabalho com muitas fontes como ocorreu a produção histórica nesse período. Seu objetivo, de maneira geral, foi analisar dois temas: o

¹⁹² *Idem*, p. 24.

¹⁹³ *Idem*, p. 25.

¹⁹⁴ WASSERMANN, Fabio. La historia como concepto y como práctica: conocimiento histórico en el Río de la Plata. **História da historiografia**. Ouro Preto: Edufop, n° 04, março, 2010, p. 22.

primeiro, os meios pelos quais se procurou dar forma ao conhecimento histórico entre 1830 e 1860; o segundo, as representações do passado local presentes nos discursos das elites¹⁹⁵.

Evocar essa pesquisa neste momento é relevante porque, por meio dela, pode-se entender de que maneira a produção histórica se dava antes de a RBA surgir. Wassermann afirma que a recepção do historicismo romântico, que se tornou uma das principais correntes intelectuais da vida pública, ocorreu, na região do Rio da Prata, no início da década de 1830.¹⁹⁶ O historiador afirma, porém, que as representações do passado e o seu sentido foram afetados pela indeterminação política que existia na região – causada, nesse caso, pelo conflito entre as províncias.

Na esteira das afirmações de Wassermann, o historiador argentino Elías José Palti assevera que a denominada *Generación de 37* teria sido a precursora do historicismo romântico na Região do Rio da Prata. Para o autor, essa *linguagem política*:

Proveerá el marco categorial a partir del cual se articulará la obra de la Geración de 37 y le permitirá a ésta intentar diseñar un concepto de la nacionalidad. Y también concebir su propio lugar en ella como grupo intelectual, el primero en el Río de la Plata que habrá de definirse a sí mismo primariamente como tal, es decir que legitimará su intervención en la escena política en función de la posesión de un capital simbólico, de un cierto saber de lo social¹⁹⁷.

Na sequência, Palti afirma que o objetivo desse grupo de letrados era “descubrir ese principio oculto que rige la evolución nacional, proveer una unidad de sentido a su aparente caótico transcurso, y dotarla así de una conciencia más precisa de su propia identidad”¹⁹⁸. Para isso, a história seria algo fundamental, mostrando-se como um dos meios para atingir os objetivos desejados. Os letrados que formavam esse grupo, porém, tinham dificuldades em produzir uma história nos moldes românticos devido às disputas políticas da época. Para Palti:

Su producción se desplegará a partir de esa tensión que emanaba de la simultánea necesidad e imposibilidad de dar expresión a un curso histórico que no parecería ceñirse a ningún orden racional, que desafiaría las leyes que presiden el desarrollo de las sociedades, según estos mismo autores las concebían. La producción del romanticismo rioplatense presentará así una asimetría notable. Mientras que su obra

¹⁹⁵ WASSERMANN, Fabio. **Entre Clio y la Polis: Conocimiento histórico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860)**. Buenos Aires: Editorial Teseo, 2008, p. 18.

¹⁹⁶ *Idem*, p. 31.

¹⁹⁷ PALTÍ, Elías José. **El momento romântico: nación, historia y lenguajes políticos en la Argentina del siglo XIX**. Buenos Aires : Eudeba, 2009, p. 35.

¹⁹⁸ *Idem*.

literaria y doctrinaria señala una cima en América Latina, su obra historiográfica resultará sumamente débil y tardía¹⁹⁹.

Seguindo o mesmo raciocínio, Palti e Wassermann afirmam que havia um paradoxo na época, pois, ao mesmo tempo em que se afirma a necessidade da produção histórica, sua elaboração era dificultada pela situação política²⁰⁰. Assim, apesar de a história nacional ser um ponto importante dentro do romantismo, esse movimento, na região do Prata, não conseguiu elaborar:

textos capaces de articular en una misma trama el pasado y el presente de alguno de los pueblos asentados en el territorio del antiguo Virreinato en una historia dotada de una dirección precisa y que, a la vez, permitiera reconocerlo como una comunidad poseedora de una identidad distingui-ble por una serie de rasgos que se hubieran ido desarrollando durante ese mismo trayecto o que fueran preexistentes a él. Es decir, lo que vulgarmente se conoce como una historia nacional²⁰¹.

Sendo assim, salienta Wasserman, o movimento romântico na região é muito singular, pois os seus membros concentraram seu interesse nos problemas do presente e na criação de projetos para o futuro. Segundo o autor, “la nación y la nacionalidad eran para ellos entidades a construir y no el fruto de una larga historia previa”²⁰².

Apesar de não ter havido produção de uma história nacional, Wassermann concluiu que as principais características da produção histórica daquele momento foram:

a) su consideración como actividades literarias orientadas por fines pragmáticos, ya sean políticos, cívicos, económicos, territoriales o de prestigio personal o familiar; b) el hecho de mostrar mayor interés en la concreción de la iniciativa que en sus contenidos y en el conocimiento preciso que podía aportar; c) en estrecha relación con lo anterior, la valoración que se hacía de su necesidad para vincularse con centros culturales, personalidades y asociaciones prestigiosas que, a su vez, podrían legitimar a los actores y sociedades locales; d) la imposibilidad de sustraerse de la conflictiva vida pública que, sumado a la debilidad institucional y a la falta de condiciones materiales, permiten explicar su carácter trunco, incoherente y precario²⁰³.

É necessário salientar então que a conjuntura das décadas de 1830 até 1860 produziu relatos históricos que, de acordo com Wassermann, não tinham como protagonistas nações ou qualquer outra forma de comunidade política, como cidades ou províncias. Esses relatos

¹⁹⁹ *Idem*, p. 28.

²⁰⁰ WASSERMANN, Fabio, *Op.Cit.*, p. 246.

²⁰¹ *Idem*, p. 92.

²⁰² *Idem*, p. 93.

²⁰³ *Idem*, p. 247.

históricos eram, antes, protagonizados por “figuras, facciones, valores, principios o configuraciones socioculturales”²⁰⁴.

Contudo, na década de 1850, Bartolomé Mitre, considerado pela historiografia o mais importante historiador argentino do século XIX, começou a postular sobre a preexistência de uma nacionalidade que, segundo ele, daria fundamento ao estado nacional que se pensava em construir. De acordo com José Alves de Freitas Neto:

nas páginas de Mitre, fixou-se certo modelo de produção historiográfica que construiu uma visão sobre o passado argentino, que tomou em consideração continuidades, semelhanças e diferenças, inserindo-se entre os discursos fundadores da Argentina após sua consolidação territorial²⁰⁵.

A produção histórica de Mitre foi um processo. De acordo com Wasserman, em suas duas primeiras edições da *História de Belgrano*, em 1858 e em 1859, ele estava mais preocupado em racionalizar sobre o culto do herói do que em desenvolver os elementos germinais da nacionalidade argentina, o que ocorreu apenas nas edições de 1876 e 1887. Isso pode ser explicado, pois, pelo fato de que “el verdadero sentido de un relato histórico nacional sólo podría alcanzarse cuando lograra consolidarse un orden político-institucional o, al menos, cuando se lo considerara viable e irrecusable”²⁰⁶, o que só ocorreu de fato em 1861.

Conforme enfatiza Wassermann, a maneira como foi entendida a guerra de independência da região também é algo importante para que a História produzida pela RBA seja compreendida. Segundo o historiador argentino, a denominada *Revolución de Mayo* sempre esteve presente na produção histórica do período por ele analisado, sendo privilegiada por aqueles que produziram algum tipo de relato histórico. Disso se depreende que a Revolução, apesar das diversas interpretações distintas causadas principalmente pelo embate político entre os diversos grupos, tornou-se o *mito das origens* para os povos do Rio da Prata. Nas palavras de Wassermann:

Esta entronización se debió al extendido consenso en caracterizarla como un acto fundacional, como una ruptura que había inaugurado una nueva era. Más aún,

²⁰⁴ *Idem*, p. 248.

²⁰⁵ FREITAS NETO, José Alves, As histórias de Mitre: A Argentina e seus “outros”. In: NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel (org.). **Figurações do outro na história**. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 389.

²⁰⁶ WASSERMANN, Fabio, *Op.Cit.*, p. 99.

muchos consideraban que en verdad había dado inicio a la Historia con mayúscula en la región.²⁰⁷

Como dito, no que tange à produção histórica no período consequente, ou seja, nas décadas de 1860 até 1880, poucos estudos foram feitos. Alejandro Eujanian é um dos historiadores argentinos que hoje se preocupam com a produção desse período. Eujanian desenvolveu uma breve pesquisa, apresentada em congresso, mas ainda não publicada²⁰⁸, intitulada *Por una historia nacional desde las provincias. El frustrado proyecto de Vicente Quesada em La Revista del Paraná*, na qual faz uma análise do periódico publicado por Quesada no início da década de 1860 e demonstra sua ânsia em contribuir com a construção de uma história nacional²⁰⁹.

Além desse estudo, Eujanian possui outro, publicado, no qual fala sobre um debate entre Bartolomé Mitre e Vélez Sarsfield que ocorreu em meados da década de 1860 a respeito do livro *Historia de Belgrano*, publicado por Mitre. No debate, que ocorreu nos jornais da época, Sarsfield critica algumas afirmações de Mitre a respeito do papel desempenhado pelos povos do interior nas guerras de independência²¹⁰. Todavia, é necessário informar que essa análise ocupa uma pequena parte do artigo, sendo o restante destinado à discussão entre Mitre e López no início de 1880. Eujanian sustenta que o debate entre os dois homens de letras teria sido o momento de fundação da historiografia argentina do século XX²¹¹. Entretanto, afirma que os momentos em que ocorreram os dois debates eram diferentes, visto que, quando a querela entre Mitre e López ocorreu, já haviam sido retirados os últimos obstáculos para a consolidação definitiva do Estado Nacional e, ao mesmo tempo, já havia sido “fijado el consenso respecto al futuro deseado y el camino que debía recorrerse para llegar a él por parte de la burguesía liberal”²¹².

Seguindo essa ideia, Eujanian afirma que houve uma mudança nos aspectos e nos objetivos dos debates. Em suas palavras:

²⁰⁷ *Idem*, p. 163.

²⁰⁸ O autor enviou por correio eletrônico o texto da sua apresentação.

²⁰⁹ EUJANIAN, Alejandro, *Por una historia nacional desde las provincias. El frustrado proyecto de Vicente Quesada em La Revista del Paraná*. Texto apresentado em **X Jornadas Interescuelas / Departamentos de Historia**. Rosário, 20 al 23 de septiembre de 2005.

²¹⁰ EUJANIAN, Alejandro. *El surgimiento de la crítica*. In: CATTARUZZA, Alejandro (Org.). **Políticas de la historia: Argentina 1860-1960**. Buenos Aires: Alianza, 2003, p. 22.

²¹¹ EUJANIAN, Alejandro. *El surgimiento de la crítica*, *Op.Cit.*, p. 27.

²¹² *Idem*, p. 28.

Entre esos años, la crítica irá definiendo um campo de batalla cada vez menos ligado a problemas de tipo interpretativo –aspecto que se halla en el centro del debate entre Veléz Sarsfield y Mitre – y ello no porque la interpretación dejara de estar en cuestión sino porque cada vez más ella se vería subordinada a la legitimidad y grado de autoridad aquel que promovía. Al tiempo que se pasaba de una crítica que, sin dejar de ser valorativa, comenzaba a adquirir rasgos normativos y, con ello, a influir en la fijación de reglas relativas al trabajo del historiador²¹³.

Palti corrobora a ideia de Eujanian de que a obra histórica de Mitre só tomou uma forma definitiva em sua quarta versão, já na década de 1880, porque, anteriormente, “la empresa de reconfigurar la imagen de un pasado desgarrado por los enfrentamientos civiles que se inicia tras la caída de Rosas no podría sobrevivir al fuerte contraste que significó la fractura producida entre Buenos Aires y la Confederación”²¹⁴. A partir disso, o historiador argumenta que apenas a consolidação definitiva do Estado Nacional permitiria conceber uma história tramada genealógicamente. A ordem política e o aparecimento da nação, segundo ele, acabariam com o “divorcio de las elites ilustradas argentinas con sus tradiciones y su legado histórico, tornando ya decisivamente menos dramáticas las controversias históricas que aún se agitaban”²¹⁵. Para finalizar sua argumentação, Palti afirma: “lo cierto, sin embargo, es que dicho proceso no careció de contradicciones, y la polémica entre Mitre y López es ilustrativa de ello”²¹⁶.

Tendo em vista essas afirmações, o foco, de agora em diante, recairá sobre a história produzida pela RBA ao longo da década de 1860. A proposta é perceber as permanências e rupturas da escrita histórica em relação aos outros dois períodos aqui delineados.

2.2. Os propósitos dos estudos históricos na RBA.

Para iniciar a análise da seção de história, realizar-se-á, antes de tudo, o exame de um artigo publicado nessa seção em dezembro de 1863 – no número oito, Tomo II – por Vicente G. Quesada, intitulado *Estudios históricos, nuestros propósitos*²¹⁷. Nesse artigo, fundamental para que a produção histórica da RBA seja entendida, o autor buscou informar seus leitores

²¹³ *Idem*, p. 39-40.

²¹⁴ PALTÍ, Elías José. *Op.Cit.*, p. 93.

²¹⁵ *Idem*.

²¹⁶ *Idem*.

²¹⁷ QUESADA, Vicente G. Estudios historicos, nuestros propositos. **La Revista de Buenos Aires**. Tomo II, ano I, nº 08, Dezembro de 1863, pp, 544-552.

sobre os objetivos e os planos dos organizadores a respeito da seção de história da revista, esclarecendo o que eles pretendiam publicar e escrever e quais eram suas expectativas e seus preceitos.

No artigo, o que mais chama a atenção é a importância que o autor destina à história e ao papel que ela deve desempenhar junto aos problemas políticos envolvendo as províncias e a unidade nacional. Com isso, ao iniciar sua exposição, Quesada já afirma algo que será recorrente ao longo de todo o texto, o interesse dos organizadores em publicar artigos históricos sobre todas as províncias, e não apenas sobre Buenos Aires. Além de demonstrar essa preocupação, durante o texto Quesada pede, repetidas vezes, para que o restante da sociedade argentina colabore com a revista enviando documentos sobre as províncias²¹⁸.

Desde o início do artigo, portanto, é possível observar uma de suas características mais importantes. Ao escrever sobre um dos objetivos, o autor afirma: “Trataremos que *La Revista* sea un vínculo que sirva para estrechar las relaciones de los diversos miembros que componen la República, señalando con esta mira sobre el libro de la historia el lento pero evidente progreso de este país”²¹⁹. Quem seriam esses membros? Nesse momento, Quesada não deixa que a resposta transpareça em seu texto, mas, em um segundo momento, ao falar mais especificamente sobre os textos históricos, ele afirma: “¿No es verdaderamente lamentable que, argentinos, ignoremos, no decimos la historia de Jujuí ó Santiago, por ejemplo, sino mas aun, tal vez hasta loque producen, lo que fueron, lo que son y lo que pueden ser esos pueblos hermanos?”²²⁰.

A partir disso, o autor explicita o problema da divisão que havia entre as províncias, como já comentado anteriormente. Todavia, utiliza o termo “argentinos” para designar não apenas aqueles que viviam em Buenos Aires²²¹, mas todos os que habitavam as outras províncias, que ele chama de irmãs, demonstrando assim a opinião dos organizadores sobre a divisão entre elas. Em seguida, reitera a ideia de unidade, opondo-se à separação:

Levantar el espíritu nacional por el recuerdo de lo que fuimos, reavivar el fuego sagrado de la democracia por la popularización de las queridas tradiciones de

²¹⁸ Rapidamente consultando as 96 edições da Revista se percebe que diversos artigos a respeito de várias províncias foram publicados ao longo de sua existência.

²¹⁹ QUESADA, Vicente G. Estudios historicos, nuestros propositos. **La Revista de Buenos Aires**. Tomo II, ano I, nº 08, Dezembro de 1863, p. 485.

²²⁰ *Idem*, p. 488

²²¹ Sobre isso, ver: CHIARAMONTE, José Carlos. **Cidades, províncias, Estados**. *Op.Cit.*, p. 69.

nuestra época heroica, agrandar los horizontes salvando los límites de la patria local para fijar la vista en los límites de la patria nacional: - hé ahí nuestra aspiración²²².

Nesse trecho, pode-se verificar uma grande carga afetiva, digna de um discurso ufanista, ou seja, de um discurso de características nacionalistas. O autor aponta, ainda, para algo que vai resgatar mais enfaticamente adiante, as fronteiras entre as províncias. Fala também em ampliar os horizontes, superando os limites da pátria local para olhar para os limites da pátria nacional. Isso é fundamental porque deixa claro que, antes desse momento, as províncias, como afirma Chiaramonte, tinham caráter de pátrias soberanas, mas, após as transformações que ocorreram, era necessário pensar a nação de outra maneira, e Quesada, como um homem de letras de seu tempo, buscava levar justamente isso aos seus pares.

Ademais, outra característica desse excerto é a importância destinada ao passado, presente nas referências às tradições e às guerras de independência como a “época heróica”, algo importante para levantar o espírito nacional – como se as tradições e as guerras representassem todos que faziam parte da pátria. Apesar de o autor, nesse trecho, não falar explicitamente de história, logo adiante ele afirma:

Estudiar la historia de cada provincia, sus producciones, sus riquezas, sus rentas, su organización, para fortalecer el espíritu de fraternidad y borrar las fronteras provinciales por el amor de la patria común: he ahí nuestra tendencia²²³

Pode-se perceber, com isso, que os criadores da RBA entendiam e queriam difundir a ideia de que a nação deveria ser vista como a união das províncias, que deveriam reunir-se sob as mesmas leis e o mesmo governo, apagando o que restava das fronteiras entre elas. No trecho seguinte, Quesada ainda reforça o papel da história e o principal objetivo da seção a ela dedicada na revista:

Aspiramos simple y modestamente á facilitar por medio de la Revista la publicación de documentos históricos, á despertar el interés por el estudio de la historia patria, de nuestras cosas, de nuestro país, de nuestros hombres, para formarnos sabiendo lo que somos y á lo que podemos y debemos aspirar. Para conocer á donde vamos, es preciso saber de donde venimos; para pensar en el porvenir, es necesario no olvidar el pasado. Para utilizar las enseñanzas de la historia y evitar los males y los escollos de otros tiempos, es necesario conocerlos; en una palabra, es preciso no caminar sin rumbo, sin plan, sin idea.²²⁴

²²² QUESADA, *Op.Cit.*, p. 488.

²²³ *Idem.*

²²⁴ *Idem.*, p. 488.

Não resta dúvida de que, por parte de Quesada e dos colaboradores, visto que ele fala em nome de todos, existia uma ideia de unir as antigas pátrias locais em uma pátria comum, a Argentina. Porém, naquele momento, isso era um projeto, conforme demonstrado, baseado em um ideal civilizador. Além disso, Quesada deixa transparecer, nesse trecho, que a sua concepção de história estava em consonância tanto com a que era pensada na Europa quanto com aquela considerada por outros letrados da Argentina. Sua preocupação estava voltada para o futuro, diferente do passado violento e bárbaro. Nas suas palavras: “Para conocer á donde vamos, es preciso saber de donde venimos; para pensar en el porvenir, es necesario no olvidar el pasado”.

O que se pode e se deve questionar a respeito desse projeto é, justamente, o quanto essa pátria comum, essa nação, seria realmente comum e envolveria todas as províncias. A questão surge da possibilidade de argumentar-se que, nessa nova configuração político-institucional que surgiu no início da década de 1860, Buenos Aires, como já demonstrado pela historiografia²²⁵, tentaria sobrepor-se às outras províncias. A revista, como será visto no próximo tópico, demonstra preocupar-se com essa possibilidade, e tenta diminuir a possível supremacia de Buenos Aires sobre as outras províncias.

Quesada, ao falar sobre os documentos que poderiam servir para estudar a História das províncias, afirma: “Reunir estos antecedentes sobre cada provincia argentina y publicarlos, es en nuestra opinion, facilitar los estudios á que se prestarian esas noticias en beneficio de cada localidad y de la nacion toda”²²⁶. Além de afirmar que as províncias fazem parte do que ele considera Argentina, o autor lança mão do termo “nação”, empregando-o com o mesmo sentido do termo “pátria” anteriormente utilizado, ou seja, tomando-os como sinônimos. Naquele momento, portanto, ambos os termos correspondiam a uma Argentina formada pelas províncias, que, nas décadas anteriores, eram autônomas e soberanas.

Entretanto, os aspectos mais característicos do artigo dizem respeito ao tratamento da ideia de uma nação Argentina unificada despendido pelo autor e à importância delegada à história na concretização dessa unificação. Em determinado momento, Quesada afirma: “Deseamos que esa ignorancia cese, que aprendamos á conocernos para poder amarnos, y á

²²⁵ Sobre isso, ver: DONGHI, Túlio Halperin. **Una nación para el desierto argentino**. Buenos Aires: Centro editor de America Latina, 1982.

²²⁶ *Idem*, p. 489.

este fin, es la historia que nos servirá de **vínculo**”²²⁷. Importante resaltar que, ao longo do século XIX, a relação entre história e nação foi recorrentemente explorada.

É importante destacar, então, o trabalho de Chiaramonte sobre o nacionalismo, no qual o autor afirma que este “atribui à História uma missão superior à de um simples campo do conhecimento humano, na forma de um serviço particular à nação à qual pertence o historiador”²²⁸. No que tange ao Rio da Prata, esse processo se iniciou no momento em que o Romantismo chegou à região. Segundo o historiador:

Pois só a partir da difusão do Romantismo e da mudança radical que ele incorporou no que se refere à valorização do passado na conformação do presente, e a sua peculiar cunhagem dos significados de palavras como *povo* e *nação*, começaria a ser abandonado o pressuposto contratual da origem da nação e a se impor o chamado *princípio de nacionalidade*²²⁹.

Para Chiaramonte e outros historiadores argentinos como Jorge Myers²³⁰, esse fenômeno começou com a denominada Geração de 37, um grupo formado por vários letrados que tinham a preocupação de pensar uma identidade. Esse foi, porém, um processo longo, que só tomou corpo a partir da segunda metade do século XIX. É necessário frisar que os criadores da RBA devem ser incluídos nessa lista, mas com um adendo: eles estavam produzindo história em um momento posterior, no qual seu discurso já era mais bem recebido. Agora, cabe, pois, analisar a seção de história da revista para compreender como os organizadores colocaram em prática as suas aspirações e objetivos.

2.3. A seção de História da Revista de Buenos Aires.

Após analisar o artigo escrito por Vicente G. Quesada a respeito dos propósitos e objetivos da seção histórica da RBA, é possível perceber que a intenção dos organizadores era contribuir para a construção de uma história de caráter nacional, ou seja, eles tinham interesse em produzir uma História que retratasse a Argentina como um todo, não apenas como Buenos

²²⁷ Grifo nosso. *Idem*, p. 488.

²²⁸ CHIARAMONTE, José Carlos. Metamorfoses do conceito de nação durante os séculos XVII e XVIII. *Op.Cit.*, p. 63.

²²⁹ CHIARAMONTE, José Carlos. **Cidades, províncias, Estados.** *Op.Cit.*, p. 256.

²³⁰ MYERS, J. Língua, história e política na identidade argentina, 1840-1880. In: DOYLE, D. e PAMPLONA, M (Orgs.). **Nacionalismo no novo mundo.** Rio de Janeiro : Record, 2008. Também pode ser consultado DONGHI, Túlío Halperin. **Una nación para el desierto argentino.** Buenos Aires: Centro editor de America Latina, 1982.

Aires. Além disso, ficou explícita a intenção de Quesada e de Viola em usar a disciplina histórica para “apagar” os vestígios de disputas entre as províncias.

A seguir, analisar-se-á detalhadamente a seção de história da revista para que se apreenda qual foi a preocupação dos organizadores ao longo dos oito anos em que a RBA ficou em atividade. O objetivo é saber quais foram os assuntos mais abordados, quem escrevia na seção de história e como eles organizavam a seção, tornando possível, dessa forma, uma breve comparação entre os propósitos enunciados e o que foi realmente feito no decorrer da publicação da revista.

Uma primeira observação que deve ser feita sobre a seção de História da RBA é que ela é intitulada como seção de *Historia Americana*, o que demonstra, desde o princípio, uma preocupação dos organizadores com a história dos outros países da América – no caso, a América Ibérica, principalmente a de colonização espanhola. Na pequena introdução sobre a seção, no *Prospecto* que acompanha o primeiro número da RBA, os criadores deixam claro seu posicionamento a respeito da história da América:

Los trabajos de ella versarán sobre los hechos que han tenido lugar en las posesiones españolas desde la época de la Conquista, y especialmente desde la revolucionaria, hasta la nuestra; comprenderán la vida de Americanos ilustres en las armas ó en las letras, y se ocuparán á veces de las ciencias naturales solo en cuanto digan relación a nuestros territorios²³¹.

Além do que diz respeito à América, esse pequeno trecho revela outras inquietações de Quesada e Viola sobre a seção de História. Entre elas, está o desejo dos dois em dedicar espaço na revista para os homens ilustres de toda a América, e não apenas para os argentinos. Outra inquietação diz respeito ao período abordado pelos artigos da seção, que, conforme o *Prospecto*, abarcaria os acontecimentos que ocorreram desde a época da conquista, destacando-se os eventos da época revolucionária.

Um dos temas mais recorrentes na seção é o da guerra de independência. No entanto, muitos dos artigos que dela tratam são biografias de personagens importantes, como San Martín e outros de seus participantes. Porém, levando em conta a afirmativa de Fabio Wassermann de que a guerra de independência era considerada o mito fundador da história argentina²³², esse tema só será abordado no capítulo três desta dissertação.

²³¹ Prospecto. **La Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, tomo I, nº 1, maio de 1863, p. 04.

²³² WASSERMANN, Fabio. **Entre Clio y la Polis. Op.Cit.**, p. 163.

Ainda sobre a vinculação entre a história da Argentina e a história da América, há, novamente no *Prospecto*, outra explicação sobre como os criadores da RBA entendiam a relação entre as duas histórias e sobre qual era a importância da América para eles:

La República Argentina, la Oriental del Uruguay y la del Paraguay, serán los principales objetos de los trabajos históricos de la Revista, pero no los únicos; Chile y el Perú son atletas de una fuerza y de un mismo campo de batalla en la guerra titánica de la Independencia. Su historia es nuestra historia, y la nuestra es la suya. Bolívar y O'Higgins son de la patria de San Martín y de Belgrano, de la Patria Americana; y pretender reducirse á la República Argentina en la época de su emancipación, fuera desgajar su historia.

Diante desse trecho, pode-se constatar, de maneira enfática, a ideia já apresentada no primeiro capítulo de que, além de uma identidade argentina que estava em formação, havia, entre os letrados da época, uma identidade americana, que surgiu no momento pós-independência e que, como visto, permaneceu durante o século XIX. O termo “*Patria Americana*”, utilizado nesse trecho, serve como exemplo dessa constatação, pois, como já demonstrado, a ideia de pátria carregava um forte sentimento de pertencimento ao local²³³, do que se pode inferir que os organizadores também se sentiam americanos, e não somente argentinos.

A partir do *Prospecto* e do artigo analisado anteriormente, já se podem perceber algumas das características que marcam a seção de História. Entre elas, destacam-se a ideia de americanismo, o foco nas biografias de personagens importantes, a necessidade em coletar documentos para escrever a história, a busca por uma unidade nacional no que se refere às províncias e, ainda, a ideia de disponibilizar mais espaço na seção para os temas referentes à independência e aos acontecimentos posteriores.

Ainda que essas características sejam marcantes no *Prospecto*, no artigo que apresenta os objetivos dos organizadores e na própria seção, analisadas todas as edições da RBA, podem-se reconhecer outras características. Uma delas é a importância que os criadores do periódico destinam à história das instituições. A esse respeito, Quesada tece um comentário no artigo *Estudios históricos, nuestros propósitos*, afirmando que um dos objetivos é destinar uma série de artigos que “comprenda[m] la historia de la fundación de los establecimientos de beneficencia, tarea que ya hemos llenado y la de los conventos, iglesias y edificios públicos de esta capital, que vamos á emprender”²³⁴.

²³³ GUERRA, François-Xavier. A nação moderna: nova legitimidade e velhas identidades. *Op.Cit.*

²³⁴ QUESADA, Vicente G. Estudios historicos, nuestros propositos. *Op.Cit.*, p. 544.

Para tanto, o criador da RBA ressalta a importância da colaboração de outras pessoas, principalmente para resgatar documentos referentes às instituições que seriam estudadas. O objetivo desses artigos seria, segundo ele, o “respecto á la historia de esta capital”²³⁵, e, conforme o apresentado, os organizadores, ao longo de algumas edições da RBA, realmente se preocuparam em publicar artigos referentes a diversas instituições. No Tomo I, por exemplo, formado pelas primeiras quatro edições, foram publicados dois artigos, um referente ao porto de Buenos Aires, denominado *Apuntes y documentos para servir á la historia del puerto de Buenos Aires*, escrito por Manuel Ricardo Trelles e dividido no decorrer dos três primeiros números da revista, e um escrito por Quesada sobre a fundação de um abrigo para crianças abandonadas, intitulado *Fundación de la cusa de niños espósitos en Buenos Aires (1779)*. O segundo artigo é menos extenso e se caracteriza por ser um texto escrito quase sem a utilização de fontes, no qual apenas se narram o como e o porquê da criação do abrigo. O primeiro, no entanto, enquadra-se mais nos objetivos colocados por Quesada, pois, além de uma análise feita por Trelles, são apresentados alguns documentos que, segundo o autor, estariam sendo publicados pela primeira vez na RBA.

Os exemplos poderiam se seguir por várias páginas, mas vale salientar que, nos primeiros e nos últimos tomos, vários artigos sobre instituições diversas foram publicados, sendo que, por um longo período, do Tomo VII até o Tomo XVIII, não se publicou nenhum texto tal como esses. Do ponto de vista de quais instituições foram contempladas pelos autores, encontram-se, entre os que foram publicados, textos que se referem a igrejas, a casas de caridades, a colégios de órfãos, a hospitais e a conventos.

Outra característica marcante da seção de História e que recebeu uma atenção muito grande dos organizadores foram as coleções de documentos. A prática de colecionar documentos para que fossem utilizados nos estudos históricos foi recorrente no século XVIII e XIX, e, como apresentado no início deste capítulo, no momento em que ocorreu a transformação da disciplina histórica esse foi um dos pilares do historicismo. Segundo Fabio Wassermann, ao se referir aos primeiros estudos históricos no período posterior à independência, naquele momento, para os letrados:

no cabía duda que la historia, si quería constituirse en una forma de conocimiento válida, tenía que basarse en el análisis crítico de documentos. De ahí la importancia

²³⁵ *Idem*, p. 545.

assignada a una práctica que comenzó a extenderse durante esos años: la edición de colecciones documentales²³⁶.

Pedro de Angelis, que, na segunda metade da década de 1830, publicou sua *Colección de documentos relativos a la Historia Antigua y Moderna de las Provincias del Río de la Plata*, foi o primeiro letrado a criar esse tipo de coleção na região do Rio da Prata. Seus objetivos eram “sistematizar el conocimiento existente sobre territorios potencialmente ricos y legitimar reclamos territoriales”²³⁷. Cabe dizer, porém, que, depois dele, outros fizeram esse mesmo trabalho. Para Wassermann, é fundamental ressaltar que essas coleções “eran consideradas hitos en el desarrollo cultural de la región que, por eso mismo permitia colocarla a la altura de los centros más adelantados y prestigiosos”²³⁸. Diante dessas ideias, é necessário observar que os organizadores da RBA também tinham a intenção de compilar e possibilitar o conhecimento de documentos ainda inéditos. Quesada, ao falar sobre a importância dos documentos, afirma:

ni poseemos los medios de formar colecciones indispensables para tomar en buenas fuentes los datos necesarios. Aspiramos simple y modestamente á facilitar por medio de la Revista la publicación de documentos históricos, á despertar el interés por el estudio de la historia patria. [...] Reunir datos y noticias, no décimos escribir la historia nacional y provincial, es obra difícil y lenta; mas aun, es obra que para darle cima será necesario quizá, la cooperación de la autoridad. Al hablar de esta cooperación no nos referimos á suscripciones, nó, sino á la remisión de esos datos y noticias que tal vez solo existen en los archivos oficiales ó en las colecciones de uno que otro bibliófilo. ¿Se nos rehusará esa cooperación? No lo creemos²³⁹.

Pode-se perceber, nesse trecho, quando comparado com o período anterior ao qual foi produzido, certa continuidade, ao menos no que diz respeito à noção da necessidade de documentos de base para se escrever a História. Quesada e Viola ainda se preocupavam, tal como aqueles que vieram antes deles, em adquirir e disponibilizar documentos, principalmente os oficiais, que possibilitassem o desenvolvimento da história. Para isso, como o trecho supracitado demonstra, fazem um apelo aos arquivos e aos colecionadores para que contribuíssem com sua tarefa.

Pode-se dizer que esse objetivo foi cumprido, pois, no tempo em que a RBA ficou em circulação, muitos documentos foram disponibilizados. Além daqueles que se referem às

²³⁶ WASSERMANN, Fabio. La historia como concepto y como práctica: conocimiento histórico en el Río de la Plata (1780-1840). *História da Historiografia*: Ouro Preto, nº4, março de 2010, p. 28.

²³⁷ *Idem*, p. 29.

²³⁸ *Idem*, p. 31.

²³⁹ QUESADA, Vicente G. Estudios historicos, nuestros propositos. *Op.Cit.*, p. 548-549.

instituições – como atas de fundação, que já foram brevemente abordadas aqui –, houve a publicação de diversos documentos sobre outros temas. No Tomo V, por exemplo, o artigo intitulado *Las fronteras y los indios - Documentos históricos: memorial del Procurador Síndico al Cabildo sobre establecer poblaciones al Sud*, que foi apresentado como inédito, disponibiliza diferentes documentos sobre as fronteiras indígenas.

Porém, não foram publicados apenas documentos oficiais. Além dos estudos biográficos, foram divulgadas, como documentos, as memórias póstumas de personagens importantes. Algumas delas eram precedidas por breves introduções, cabendo ressaltar que a maioria pertencia a militares. Como exemplo, pode-se citar o artigo publicado no Tomo VI intitulado *Escritos postumos del general don Toribio de Luzuriaga, precedido de una noticia biográfica por el doctor Don Vicente G. Quesada, (inédito)*, ou o artigo publicado Tomo XI com o título *Apuntes póstumos del coronel Don Segundo Roca (inéditos) - Precedidos de una introducción por el coronel don Geronimo Espejo*.

Diversos outros documentos foram publicados pelos organizadores da RBA. No Tomo XIV, por exemplo, foi reproduzida uma carta de Rivadavia para Pueyrredon, sob o título de *Documentos para la historia - Carta autógrafa de don Bernardino Rivadavia al Director supremo del Estado, Don Juan Martín Pueyrredon*. No índice do tomo, a publicação foi indicada como inédita, e em sua brevíssima introdução de apenas algumas linhas, além da informação de que a carta é assinada, há a afirmação de que o documento seria importante para iluminar a biografia do distinto argentino Rivadavia. O assunto discutido na carta era a negociação para uma monarquia na região do Rio da Prata. Além dessa, outras cartas sobre diferentes temas foram publicadas no decorrer das edições. Dentre essas, pode-se citar uma correspondência publicada no Tomo XXIII com o título *Guerra civil argentina - Campaña de Cuyo – 1841 - Documentos históricos - Carta del general don Gregorio Araoz de la Madrid*, que, diferentemente da carta citada anteriormente, não tem nenhum tipo de introdução.

Entre diversos outros tipos de fontes publicadas na seção de história da RBA, há um diário que pertenceu a um oficial do exército durante as guerras de independência. Esse documento foi publicado no Tomo XVI da revista e se intitulava *Diario militar de las operaciones del Ejército Libertador del Perú, desde el 18 de agosto de 1820*. Diferentemente de outros artigos publicados, em que costumava haver uma introdução ou um comentário sobre sua importância, esse foi publicado sem qualquer nota explicativa, a não ser uma única nota de rodapé sobre sua origem:

Este diario fué remitido á fines de 1820 con recomendación, por don Bernardo Vera, autor del himno nacional de Chile, á uno de sus parientes en la Provincia Argentina de Santa Fé, entre cuyos papeles se ha encontrado el original, cuyo autor es un oficial del Ejército Libertador²⁴⁰.

Diante desses exemplos, é possível afirmar que os organizadores da RBA tentaram atingir o seu objetivo de publicar documentos que pudessem contribuir para que a história da Argentina e da América fossem escritas. Cabe ressaltar ainda que, na introdução da carta de Pueyrredon à Rivadavia, o autor do artigo, provavelmente um dos organizadores, explicitou a intenção de disponibilizar documentos que pudessem ser utilizados pelos historiadores.

É importante citar, neste momento, outros documentos que foram publicados pelos organizadores e que permitem analisar outra característica da seção de história. Tais documentos dizem respeito às províncias que formam a Argentina, e sua importância reside no fato de que, conforme comentado anteriormente, a formação da nação argentina foi complicada pelos conflitos entre as províncias, que se tornaram um Estado Nacional apenas no início da década de 1860. Para os criadores da RBA, como pode-se ver no artigo *Estudios históricos, nuestros propósitos*, a história deveria servir como um meio para apagar o passado de conflitos e contribuir para a criação de uma pátria unificada, tornando possível um maior conhecimento sobre as províncias que formavam o país. Baseado nessa expectativa, Quesada, em diversos momentos, pediu para que seus leitores colaborassem e disponibilizassem documentos que pudessem contribuir para a escrita da história dessas províncias.

Essa preocupação dos organizadores se revelou em uma série de artigos e publicações de documentos sobre as províncias. Logo no Tomo I, no número dois da RBA, Quesada publicou o artigo *Noticias y documentos históricos sobre la provincia de Catamarca*²⁴¹, trabalho no qual se propôs a, além de disponibilizar alguns documentos referentes à província, fazer um resumo sobre a sua história política, seu território, sua economia, sua população e, ainda, sobre como a RBA conseguiu os documentos.

A esse artigo seguiram-se outros, e vale a pena destacar os vários publicados a partir do Tomo VII, também por Quesada, sobre as atas de fundação de diversas capitais de província, todos intitulados *Actas de fundación de las ciudades capitales de provincia en la República Argentina*. No tomo em questão, publicaram-se artigos referentes a Buenos

²⁴⁰ **La Revista de Buenos Aires**. Tomo XVI, Agosto de 1868, Ano VI, nº, 64, pp. 558-569.

²⁴¹ QUESADA, Vicente G. Noticias y documentos históricos sobre la provincia de Catamarca. **La Revista de Buenos Aires**, tomo I, Ano I, nº 2, Junho de 1863, pp. 196-213.

Aires²⁴², a Córdoba²⁴³ e a Rioja²⁴⁴. A essa série seguiu-se um artigo no Tomo VIII a respeito de Catamarca²⁴⁵ e um no Tomo IX sobre Jujuy²⁴⁶. Todos eles se caracterizam por apresentarem, além de documentos oficiais, uma caracterização de cada região.

Isso vai ao encontro do objetivo proposto pelos organizadores, que é reafirmado no artigo sobre Jujuy. Em determinado momento do texto, Quesada explana sobre a importância da História citando um autor francês²⁴⁷ para, em seguida, certificar:

No se concibe un pueblo sin historia, como no existe un individuo sin recuerdos; darse cuenta del pasado, estudiarlo con ánimo tranquilo y con miras serias para aprovechar las lecciones de la experiencia, es una tarea digna si tiene por objeto evitaren el porvenir los mismos errores. Para apreciar lo que somos, como pueblos, como personalidad ante las demas naciones creemos deber remontarnos hasta los orijenes de la formación de las diversas ciudades que hoy constituyen la nación Argentina, como entidades federales, como provincias.

Desse trecho, podem-se deduzir diversas características da percepção histórica do criador da RBA, dentre elas a ideia de que a história servia como um meio para corrigir os erros do passado – ainda que, ao mesmo tempo, perceba-se uma preocupação maior com o futuro, característica típica da história feita a partir de meados do século XVIII. Contudo, o fundamental desse fragmento é, pois, a reafirmação do fato de as províncias formarem uma única nação, bem como da necessidade de se estudar suas origens. É indispensável ressaltar, neste momento, que outros artigos, a respeito de outras províncias, foram publicados até o fim da circulação da RBA, alguns com documentos, e outros apenas com relatos. Como exemplo, pode-se citar um artigo presente no Tomo XIX sobre Santiago del Estero, cujo título é *Documentos referentes á la erección en provincia federal del territorio de Santiago del*

²⁴² QUESADA, Vicente G. Actas de fundación de las ciudades capitales de provincia en la República Argentina – Buenos Aires. **La Revista de Buenos Aires**, tomo VII, Ano II, nº 25, Maio de 1865, pp. 44-56.

²⁴³ QUESADA, Vicente G. Actas de fundación de las ciudades capitales de provincia en la República Argentina – Córdoba. **La Revista de Buenos Aires**, tomo VII, Ano III, nº 27, Julho de 1865, pp. 346-365.

²⁴⁴ QUESADA, Vicente G. Actas de fundación de las ciudades capitales de provincia en la República Argentina – La Rioja. **La Revista de Buenos Aires**, tomo VII, Ano III, nº 28, Agosto de 1865, pp. 530-540.

²⁴⁵ QUESADA, Vicente G. Actas de fundación de las ciudades capitales de provincia en la República Argentina – Catamarca. **La Revista de Buenos Aires**, tomo VIII, Ano III, nº 29, Setembro de 1865, pp. 43-53.

²⁴⁶ QUESADA, Vicente G. Actas de fundación de las ciudades capitales de provincia en la República Argentina – Jujuy. **La Revista de Buenos Aires**, tomo IX, Ano III, nº 34, Fevereiro de 1866, pp. 220-240.

²⁴⁷ O autor é André de Bellecombe (1822-1897), autor da obra *Histoire du Château, de la Ville et des Seigneurs et Barons de Montpezat et de l'Abbaye de Pérignac*.

*Estero*²⁴⁸. Esse artigo, constituído pela ata que tornou o território de Santiago del Estero independente, traz, em uma nota de rodapé, uma afirmação sobre a importância dessa publicação para o debate sobre os limites das províncias²⁴⁹, um assunto que estava em evidência e que preocupava os organizadores da RBA.

No Tomo XX, Quesada publicou o texto *Documentos históricos - Antecedentes para la cuestión de límites interprovinciales*²⁵⁰, no qual divulga dois documentos que, segundo ele, seriam úteis para se resolver um problema atual – à época – sobre os limites entre as províncias de Buenos Aires e Santa Fé. Ao afirmar que o objetivo “es reunir los antecedentes históricos que puedan ilustrar la cuestión así como, todas las que le son correlativas”²⁵¹, deixa claro, porém, que não quer resolver o problema, mas apenas chamar a atenção dos responsáveis para os dados apresentados, demonstrando mais uma vez a preocupação em criar um Estado Nacional unificado e sem conflitos²⁵².

Além desses, no decorrer dos noventa e seis números da RBA, a série de artigos publicados pelo colaborador Damian Hudson sobre a província de Cuyo, denominados *Recuerdos históricos sobre la provincia de Cuyo*, também chama a atenção. Só nos primeiros doze tomos da RBA foram publicados dezoito artigos distribuídos por oito tomos. Nos últimos doze tomos, porém, o número de artigos aumentou, chegando a vinte quatro artigos distribuídos em todos os tomos. No primeiro artigo da série, publicado no Tomo III, Hudson, integrado com o discurso dos organizadores, afirma que era necessário escrever a história das províncias no que concernia à “grandiosa revolucion”, pois, segundo ele, todas elas seguiram os passos de Buenos Aires após 25 de maio de 1810. Entretanto, “poco ó nada conocidos son de la actual jeneracion los sucesos que tuvieron lugar en cada uno de ellos”²⁵³.

Por esse motivo, afirma que o objetivo do seu trabalho era escrever a história da província de Cuyo desde a época revolucionária até a década de 1840 a partir das narrativas

²⁴⁸ QUESADA, Vicente G. Documentos referentes á la erección en provincia federal del territorio de Santiago del Estero. **La Revista de Buenos Aires**. Tomo XIX, ano VII, nº 76, agosto de 1869, pp. 531-544.

²⁴⁹ *Idem*, p. 531.

²⁵⁰ QUESADA, Vicente G. Documentos históricos - Antecedentes para la cuestión de límites interprovinciales. **La Revista de Buenos Aires**. Tomo XX, ano VII, nº 76, agosto de 1869, pp. 192-.

²⁵¹ *Idem*, p. 193

²⁵² O assunto será abordado com mais profundidade no item 4.1 desta dissertação.

²⁵³ HUDSON, Damian. Recuerdos históricos sobre la provincia de Cuyo. **La Revista de Buenos Aires**, tomo III, Ano I, nº 9, janeiro de 1864, p. 03.

de algumas pessoas que atuaram na guerra de indenpendência. Além disso, conclama, nessa breve introdução, outras pessoas a participarem dessa tarefa:

Invitamos á los hombres estudiosos de las demás provincias á hacer otro tanto, á fin de que compilados estos anales, sirvan á dar mayor acopio de luz y de verdad al que ha de escribir la historia general de la República Argentina²⁵⁴.

Diante do exposto, fica explícito que o objetivo não é apenas falar das províncias, mas fazer com que elas, através da história, sejam inseridas na história da República Argentina, como se desde o início de sua independência já fizessem parte de um Estado Nacional que estava sendo constituído no momento em que a RBA era publicada.

Para finalizar a análise sobre a importância destinada à história das províncias, vale ressaltar um trecho de um artigo escrito por Quesada presente no Tomo XXII – o antepenúltimo tomo publicado. Trata-se de um texto sobre a fundação da cidade de Catamarca, que acabou servindo para o organizador fazer uma introdução na qual critica a falta de interesse do governo e da sociedade em contribuir para a tarefa de escrever a história das províncias e da Argentina. Segundo ele:

Si nuestras tareas no hubiesen tenido que paralizarse em presencia de la indiferencia de los gobiernos y del pueblo, habríamos ya completado las monografías que nos propusimos sobre todas y cada una de las provincias, y hoy, tendrían que reconocer que nuestras tareas tienen objetos prácticos al indagar los antecedentes históricos del país, para encontrar la fácil solución de los problemas del presente²⁵⁵.

Além de criticar a falta de apoio, Quesada aproveita para engrandecer o trabalho realizado por ele e por Viola, demonstrando, mais uma vez, a sua intenção de fazer parte do debate público sobre a constituição do Estado Nacional. Assim como Hudson, Quesada defendia a ideia de que escrever a história das províncias era escrever sobre os “antecedentes históricos del país”, defendendo, com isso, mais uma vez, a necessidade de se pensar a Argentina, por meio da história, como uma unidade. Desse modo, explicita sua convicção de que a história, nesse caso por meio dos documentos, era fundamental para que os problemas práticos da nação fossem resolvidos.

Em seguida, Quesada fala sobre o problema da falta de recursos para manter o periódico circulando:

²⁵⁴ *Idem*, p. 04.

²⁵⁵ QUESADA, Vicente G. Fundación de la ciudad de Catamarca. **Revista de Buenos Aires**. Tomo XXII, ano VIII, nº 87, julho de 1870, p. 390-398.

Pero limitados á nuestros solos medios y á la generosa cooperación de algunos desinteresados amigos de la historia, nuestra publicación no ha podido entrar en un plan serio y bien concertado; por que para desarrollarlo seria preciso hacer gastos que nadie paga, y tenemos que conformarnos á hacer solo aquello que es posible con nuestros recursos personales.

Hemos creído conveniente esta digresión para mostrar la importancia de los servicios que esta publicación ha podido prestar al país entero, si este hubiese favorecido nuestra empresa; pero la indeferencia de los unos, el egoísmo de los otros y las pequeñas pasiones de no pocos, han reducido la circulación de esta Revista, y por consiguiente, no contando con una suscripción numerosa, es imposible pagar agentes para buscar y compilar los documentos necesarios para estos estudios²⁵⁶.

O discurso de Quesada afirma que apesar da falta de recursos havia vontade por parte dos organizadores em continuar desenvolvendo o trabalho, que, em sua concepção, era importante para o país. Porém, afirma que a falta de interesse da sociedade e interesses individuais estavam prejudicando a RBA. Os organizadores dão a entender que perderam o apoio existente nos primeiros anos, e que, por intrigas de algumas pessoas, a revista estava com problemas.

Em 1871, a revista parou de circular, e os organizadores não explicaram os motivos. Porém, nesse mesmo ano, Quesada tornou-se diretor da Biblioteca Nacional, o que consequentemente influenciou no fim da RBA. Por ser um cargo importante para as letras argentinas, pode-se pressupor que o organizador mantinha uma estreita relação com o governo, formado, desde a eleição de 1868, pelo presidente Sarmiento e seu vice Alsina, que era aliado político de Quesada. Sendo assim, pode-se questionar, portanto, quais seriam os indivíduos contrários à RBA. Certamente eles não faziam parte do governo. Seria, então, um dos colaboradores? Gutierrez e López, os participantes mais importantes, criaram seu próprio periódico em 1871, a *Revista del Rio de la Plata*. Isso se trata, porém, de uma simples suposição, já que não existem elementos que confirmem por que a RBA deixou de ser publicada.

Diante do exposto, cabe ressaltar que os organizadores tentaram usar esse instrumento para promover uma história de caráter nacional abarcando todas as províncias, apesar do título ser *La Revista de Buenos Aires*.

Além do mais, algumas outras características da seção de história da RBA ainda podem ser acrescentadas. Entre elas, está o interesse pelo período colonial da América. Embora os organizadores tenham afirmado que privilegiariam a história posterior à independência, isso não significa dizer que não levariam em conta a história do período colonial. Pelo contrário, vários artigos sobre essa época foram publicados, muitos deles

²⁵⁶ *Idem*, pp. 390-391.

referentes a diversas partes da América – fato pelo qual, mais uma vez, podemos dizer que a região do Rio da Prata não foi a única privilegiada.

Dos textos dessa natureza que devem ser destacados, dois foram editados no Tomo VI da RBA e tratam de um mesmo assunto: o descobrimento da região do Rio da Prata. O primeiro, intitulado *El descubrimiento del Rio de la Plata*²⁵⁷, foi publicado por Diego Barros Arana, um historiador chileno – conforme explicação dada em nota de rodapé, esse artigo não era inédito, pois já havia sido lido em um “círculo de amigos de las letras de Santiago de Chile”. O segundo se tratava de um texto inédito e foi publicado por Bartolomé Mitre. Nesse artigo, intitulado *Descubrimiento del Rio do la Plata*, o historiador se preocupou em rebater algumas das afirmações feitas por Barros Arana no artigo publicado em janeiro²⁵⁸.

Os outros artigos a respeito do período colonial que devem ser mencionados foram escritos por Vicente Fidel López, que publicou uma série de artigos sobre os povos do Peru e sua língua sob o título de *Estudios Filológicos y Etnológicos sobre los pueblos y los idiomas que ocupaban el Perú al tiempo de la conquista*²⁵⁹. Ao longo da revista, foram publicados seis artigos dessa série, cujo objetivo era, segundo a apresentação feita por Juan Maria Gutierrez, comprovar, por meio do estudo da língua, que os povos peruanos eram descendentes das mais importantes civilizações Européias e Asiáticas.

Vicente Fidel López escreveu outros artigos sobre esse mesmo tema, como o seu *Estudio sobre la colonización del Perú por los Pelasgos Griegos en los tiempos prehistóricos, demostrada por el análisis comparativo de las lenguas y de los mitos*²⁶⁰, no qual procurava demonstrar a ligação entre os povos peruanos e os gregos, que, segundo ele, poderiam ter colonizado a América. Ainda sobre os povos do antigo Peru, redigiu os textos *Sistema astronómico de los antiguos Peruanos*²⁶¹, *De las religiones y de los mitos del Perú antiguo*²⁶²

²⁵⁷ ARANA, Diego Barros. El descubrimiento del Rio de la Plata. **La Revista de Buenos Aires**. tomo VI, ano II, nº 21, janeiro de 1865, pp. 88-99.

²⁵⁸ MITRE, Bartolomé. Descubrimiento del Rio do la Plata. **La Revista de Buenos Aires**. Tomo VI, ano II, nº 23, março de 1865, pp. 419-430.

²⁵⁹ LÓPEZ, Vicente Fidel. Estudios Filológicos y Etnológicos sobre los pueblos y los idiomas que ocupaban el Perú al tiempo de la conquista. **La Revista de Buenos Aires**. Tomo VII, VIII e IX.

²⁶⁰ LÓPEZ, Vicente Fidel. Estudio sobre la colonización del Perú por los Pelasgos Griegos en los tiempos prehistóricos, demostrada por el análisis comparativo de las lenguas y de los mitos. **La Revista de Buenos Aires**. Tomo XIII, nºs 51, 52 e 53.

²⁶¹ LÓPEZ, Vicente Fidel. Sistema astronómico de los antiguos Peruanos. **La Revista de Buenos Aires**. Tomo XVI, ano VI, nº 63, Julho de 1868, pp. 321-356.

e *Dinastías Peruanas - Según Montesinos*²⁶³. Todos faziam parte de um livro sobre os povos antigos do Peru que López tinha o objetivo de lançar.

Cabe ainda dizer que, em 1865, os organizadores publicaram um livro à parte, contendo treze textos referentes ao período pré-revolucionário, sob o título *Memorias e noticias para servir á la historia antigua de la republica Argentina*²⁶⁴. Cada artigo dessa obra se referia a uma província, o que demonstra o interesse dos organizadores em construir uma história que visava a incluir todas as províncias na história nacional. Na advertência que antecede os textos, os organizadores afirmam que o objetivo era criar uma *Biblioteca* por meio da qual pudessem ser divulgados escritos que não se encaixavam na RBA. Além disso, afirmam que gostariam de manter essa prática, mas nenhum outro exemplar como esse foi publicado.

2.3.1. A fronteira e os indígenas na visão de Vicente G. Quesada.

Entre os diversos assuntos importantes que eram debatidos durante o período em que a RBA circulou, havia um que percorreu todo o século XIX: a fronteira e os indígenas, por extensão. Quando ocorreu a independência, as Províncias Unidas do Rio da Prata reivindicaram para si os territórios que, desde meados do século XVIII, eram considerados parte do império espanhol – entre eles a região da Patagônia até o Estreito de Magalhães. Apesar de esse território ser reivindicado desde a independência, só foi realmente ocupado no final do século XIX, como parte do processo de formação da nação Argentina. Segundo Mónica Quijada:

los procesos de construcción nacional del siglo XIX se caracterizaron por dos fenómenos estrechamente relacionados: por un lado, la expansión de una voluntad homogeneizadora, entendida como la construcción de una nación de ciudadanos unidos en la identificación de referentes comunes que convirtieran a una sumatoria de individualidades en un colectivo cohesionado; por otro, la consolidación de una ideología territorial que implicó la unificación y consolidación del espacio nacional en su percepción tanto simbólica como física. De tal forma, la dimensión simbólica

²⁶² LÓPEZ, Vicente Fidel. De las religiones y de los mitos del Perú antiguo. **La Revista de Buenos Aires**. Tomo XIX, ano VII, nº 75, Julho de 1869, pp. 321-368.

²⁶³ LÓPEZ, Vicente Fidel. *Dinastías Peruanas - Según Montesinos*. **La Revista de Buenos Aires**. Tomo XX, ano VII, nº 79, novembro de 1869, pp. 325-338.

²⁶⁴ QUESADA, Vicente G. e VIOLA, Miguel N. (Orgs.). **Memorias e noticias para servir á la historia antigua de la republica Argentina**. Buenos Aires, Imprenta de Mayo, 1865. Esse livro encontra-se disponível integralmente em <www.books.google.com>.

y material del territorio y la dimensión étnica de la interacción social formaron los dos campos de una misma ecuación²⁶⁵.

De acordo com a historiadora, a defesa desse amplo território, cujos limites estavam definidos pela história, mas não pela ocupação efetiva, foi feito através do termo “fronteira”. A sociedade utilizou, ao longo do oitocentos, a ideia de *fronteras interiores* para diferenciar os espaços que eram ocupados pelo poder estatal. Note-se ainda que, no decorrer do século XIX, a delimitação dessa fronteira interior e o avanço das instituições sobre as terras foram feitas mediante a expansão militar, ou seja, utilizando a força²⁶⁶.

Para Quijada, na região do Rio da Prata, a percepção de um território nacional não ocupado esteve na base de uma conceituação específica que moldaria o processo de construção nacional. Assim, devido às condições territoriais, formulou-se, na Argentina, a noção de deserto, que representaria um vazio. Esse “vazio” teria três conotações: a primeira dizia respeito ao fato de o estado não alcançar esses territórios, ou seja, de ele não ter domínio institucional sobre o que está dentro de suas fronteiras. A segunda, difundida por pensadores como Juan Bautista Alberdi, dizia respeito ao território desabitado, e, segundo Quijada, “esta forma de entender el concepto de ‘desierto’ sólo era posible porque la construcción nacional argentina, liderada por el litoral bonaerense, no consideró a los indígenas de frontera como potenciales vecinos y productores”. A terceira e última noção, resumida por Sarmiento, está ligada à ideia de um espaço bárbaro, isto é, que gerava barbárie, sendo o oposto da ideia de civilização. Desse modo, lutar contra o deserto transformou-se em um programa civilizatório no século XIX²⁶⁷.

Nas palavras de Quijada, porém:

[as] “fronteras interiores” estaban lejos de ser una línea trazada en el espacio. Por el contrario, reflejaban un ámbito amplio de interacción entre dos culturas – la occidental de la sociedad mayoritaria y la representada por los grupos indígenas independientes del poder central – donde tenía lugar procesos de aculturación y mestizaje y se realizaban diversos tipos de intercambios²⁶⁸

Nesse sentido, apesar de a década de 1870 ter sido marcada pela conquista efetiva dos territórios dominados pelos diversos grupos indígenas por meio da força militar, nem sempre

²⁶⁵ QUIJADA, Mónica. Nación y territorio: la dimensión simbólica del espacio en la construcción nacional argentina. Siglo XIX. **Revista de Indias**. Vol. LX, n° 219, p. 373.

²⁶⁶ *Idem*, p. 379.

²⁶⁷ *Idem*, p. 380.

²⁶⁸ *Idem*, p. 379.

a relação de fronteira entre os civilizados, também chamados de cristãos, e os indígenas foi marcada pela força, apesar de sempre ter sido conflituosa. Na década de 1860 e em outros momentos, as relações entre o governo e alguns grupos se deram por meio de tratados e de acordos informais que as regulavam. De acordo com Sabato:

Desde de mediados de la década de 1860 hasta fines de la 1870 se firmaron numerosos tratados, que abarcaban temas diversos, desde el control del territorios y fronteras hasta los montos de las partidas que el gobierno argentino entregaba a los indígenas²⁶⁹.

Considerando a importância desse assunto para a formação do Estado Nacional, os organizadores da RBA abordaram-no em diversos artigos, tais como o de Vicente G. Quesada, apresentado em quatro partes – sendo a terceira um conjunto de fontes – e publicado entre setembro de 1864 e janeiro de 1865. Além de elucidar a opinião de Quesada sobre os indígenas e a fronteira, o artigo é exemplar no que diz respeito à forma como o organizador da RBA produz uma análise histórica.

Em seus objetivos, afirma que pretende discutir o aspecto atual do problema, pois deseja transmitir recomendações para as pessoas competentes²⁷⁰. Para isso, inicia o artigo pela época colonial, demonstrando como foi a relação entre os espanhóis e os indígenas e afirmando que existem duas versões para a guerra travada entre eles: de acordo com a primeira, os índios teriam invadido as terras para roubar o gado, o que teria levado ao conflito, enquanto, na segunda, a guerra é vista como fruto da tentativa de conquista protagonizada pelos espanhóis, e os roubos praticados pelos indígenas são uma reação ao fato de suas terras terem sido invadidas e dominadas à força já no início do século XVII.

Apesar das diferenças, salienta Quesada, os dois lados concordam que a guerra deveria acabar. Para o autor, por sua vez, nesse primeiro momento, foi a violência dos espanhóis e a maneira injusta com que eles trataram os indígenas que levaram ao conflito. Nas suas palavras:

las grandes invasiones, los ataques á las poblaciones y á los pueblos, no tuvieron por único origen el robo, sino la venganza de injusticias y atrocidades cometidas con aquellos salvajes. La sangre produce la sangre y la guerra llegó á tomar proporciones verdaderamente alarmantes y desastrosas²⁷¹.

²⁶⁹ SABATO, Hilda. Historia de la Argentina, 1852-1890. *Op.Cit.*, p. 260.

²⁷⁰ QUESADA, Vicente G. Las fronteras e los índios. **La Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, Tomo V, nº 17, setembro de 1864.

²⁷¹ *Idem*, p. 33.

Apesar desses primeiros conflitos, o tempo fez com que os índios adquirissem a necessidade de realizar trocas comerciais com os espanhóis, o que levou, conseqüentemente, a uma “revolução” em seus costumes e ao desejo de paz.

Nesse momento do artigo, sobressaem-se algumas interpretações importantes, pois, primeiro, o autor percebe o indígena como o “outro” em contraposição a um “nós” constituído pelos brancos, sendo essa uma ideia que se mantém ao longo do texto – o que, como demonstrou Quijada, era comum na sua época. Quesada propaga esse “outro” como não civilizado, pois, como já dito, a “revolução” que levou à paz estava ligada ao contato que lhes permitiu o comércio, ou seja, ao adquirirem hábitos “nossos”, os índios deixaram de ser bárbaros, segundo a concepção difundida por Sarmiento, fazendo com que a relação entre as partes fosse então possível. Contudo, ao mesmo tempo em que vê o índio como esse outro não civilizado, vê os espanhóis como os conquistadores, e a visão sobre eles construída por Quesada não é uma visão positiva. Apesar de não serem tratados como selvagens ou bárbaros, suas atitudes são consideradas injustas e eles são vistos como os responsáveis pelo conflito.

Na sequência, Quesada relata a tentativa do governo espanhol de construir e manter essa fronteira expondo as relações travadas entre as duas partes. Entre ambos, havia tanto momentos de paz como de conflitos, e muitos deles eram causados pelos espanhóis. Para comprovar isso, utiliza-se de documentos históricos, como ordens do rei, e relatos dos homens que eram encarregados das fronteiras, além de outros textos sobre os acontecimentos. No decorrer do texto, não deixa de emitir sua opinião sobre a maneira pela qual o governo da Espanha lidou com os grupos indígenas, e mantém sua posição de que foram as atitudes dos espanhóis as responsáveis pelo conflito. Ao relatar um confronto que ocorreu em 1786, no qual os índios atacaram algumas povoações, afirma: “Esto prueba lo que hemos dicho, que los ataques de los indios no tienen algunas veces por único objeto el robo, siuó las represalias, la venganza de ofensas ó atrocidades perpetradas con ellos.”²⁷²

Além disso, Quesada defende, ainda, que a fronteira não deveria simplesmente ser uma barreira militar, mas um local povoado por cristãos, pois somente dessa maneira seria realmente possível manter o território e civilizar os indígenas. Na sequência, assegura ter havido intenções para que isso ocorresse, mas defende que elas deveriam ter sido concretizadas na época em que ele escrevia. Feito isso, conclui:

En estos combates la civilización ha tenido una conitnua oscilación, ganando territorios efímeramente para abandonarlos después, depositando empero sobre

²⁷² *Idem*, p. 44.

aquel suelo vírjen el jermen fecundo de la vida comercial futura, dejando en el salvaje necesidades que para satisfacerlas tiene que aproximarse á los cristianos, para fundir su raza en la que por la fuerza expansiva de su civilización ha de venir á dominarlos al fin²⁷³.

Nesse trecho, Quesada confirma o pensamento de sua época sobre a questão indígena, reafirmando a necessidade de domínio sobre o território e a possibilidade de incorporar o índio desde que ele aceitasse a civilidade, o que, pare ele, era algo predestinado. É possível pensar que, embora possa existir uma pequena diferença entre o pensamento de Quesada sobre a maneira de se lidar com o indígena e o predominante, essa não deveria ser uma opinião exclusivamente sua. Nos capítulos seguintes de seu artigo, Quesada continuou defendendo a assimilação pacífica dos índios, porém isso nunca ocorreu.

Na sequência do trecho supracitado, o organizador da RBA relata os acontecimentos do período por ele denominado de “governos pátrios”, e mantém sua ideia de que a melhor solução para a questão era povoar a fronteira e integrar os indígenas sem violência, citando os momentos em que isso aconteceu como bons exemplos. Assim, relata, por exemplo, utilizando algumas fontes, como ocorrera a tentativa de domínio do território ao longo dos “governos pátrios”.

A independência, entendida pelos letrados da época como o acontecimento fundador da nação, é explorada no segundo artigo da série. Em 1810, no momento da revolução, as fronteiras eram povoadas por cristãos, mas eles eram poucos e, desamparados pelo governo, estavam indefesos, o que levou ao seu desapego pela terra²⁷⁴. Conforme afirma Quesada:

No se vincula el hombre á la tierra sino por el amor - amor á la propiedad, amor á la familia - y si en vez de propietarios son meros ocupantes, aquella tierra que solo poseen efímeramente, no les inspira el amor de lo *suyo*, ese dulce goce del jefe de familia, que trabaja para él y con la esperanza de que disfruten los que vienen de él. Los verdaderos habitantes de las campañas eran en general tributarios de los dueños del territorio, quienes les concedían el permiso de habitar sus campos ó eran pobladores sin título fuera de las fronteras oficiales²⁷⁵.

A situação, porém, não era boa nem para os habitantes cristãos da fronteira nem para os índios, que continuavam tendo suas terras invadidas e revidando a isso com violência. Entretanto, com a Revolução, havia esperança de que a situação dos povos indígenas pudesse mudar:

²⁷³ *Idem*, p. 57.

²⁷⁴ QUESADA, Vicente G. Las fronteras e los indios, **Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, Tomo V, nº 18, setembro de 1864, pp. 189-190.

²⁷⁵ *Idem*, p. 191.

La noticia del cambio de gobierno llevada por el coronel citado (Garcia) debió llegar á las lejanas tolderías de la pampa quizá con todo el prestigio de una revolución encabezada por americanos, realizada en nombre de la libertad, **y debieron experimentar cierta satisfacción los rudos corazones de los salvajes, al saber que los hijos de su misma tierra, arrojaban á los conquistadores europeos, oriundos de remotos países.** Quizá pensaron que un nuevo porvenir debía ofrecerles la revolución así sin duda se los hizo entender el coronel Garcia²⁷⁶.

Esse trecho é exemplar para entender o significado da Revolução para Quesada e seus pares. Para eles, a Revolução era uma mudança importante na postura dos americanos em relação aos estrangeiros, mudança essa que poderia beneficiar até os indígenas, que, por sua vez, apesar de pertencerem à mesma terra, não eram vistos como americanos, mas sim como um povo diferente.

Logo após a Revolução, alguns caciques encontraram-se com o novo governo para felicitá-lo e para ratificar a paz entre eles, que estava em vigor desde alguns anos antes da independência. Segundo Quesada, o discurso de Feliciano A. Chiclana aos filhos do deserto, foi feito em nome da liberdade e versou sobre o do poder dos novos homens que, com novas ideias, reconheciam o santo dogma da fraternidade e da igualdade. Quesada elogiou esse discurso, mas afirmou que a troca de governo foi pouco benéfica para os indígenas.

Ao relatar os avanços da fronteira, os confrontos e os acordos entre as tribos indígenas e o governo, Quesada mantém seu discurso de não violência, de povoamento da fronteira com objetivo de integrar os povos à sociedade, civilizando-os. Para isso, utilizava fontes com objetivo de validar seu artigo, recorrendo inclusive a jornais da época revolucionária e a relatos de fronteiras que, de acordo com ele, seriam indispensáveis para se escrever essa história. Porém, em determinados momentos, esse seu discurso de povoamento e de integração torna-se contraditório. Um dos mais emblemáticos exemplos pode ser encontrado no trecho em que, ao falar sobre a participação de Federico Rauch, enaltece-o como um herói²⁷⁷, embora ele tenha sido um dos homens que comandou o exército contra os indígenas e que contribuiu para a expansão da fronteira utilizando-se de métodos violentos.

A contraditoriedade do seu discurso torna-se ainda mais explícita quando, por exemplo, comparamos seu elogio a Federico Rauch a trechos nos quais aponta para certa passividade dos indígenas frente à colonização, como este, retirado do final do segundo capítulo do artigo, no qual questiona o posicionamento perante os índios:

²⁷⁶ *Idem*, p. 192. Grifo meu.

²⁷⁷ *Idem*, p. 212.

en esta guerra incesante, en esta invasión creciente de la población hacia el desierto, poco se ha hecho por mejorar la condición del indio, por hacerlo abandonar la vida nómada, para fijarlo en poblaciones permanentes. Sin embargo, cuando se ha intentado la colonización de los indígenas, ellos no la han resistido²⁷⁸.

No capítulo final, Quesada mostra que o governo de Rosas também tentou lidar com os indígenas por meio de acordos, mas que, na maioria das vezes, utilizou-se da violência para tentar expandir a fronteira e conquistar mais territórios. Nesse momento, o autor destaca uma operação realizada em 1835 com o objetivo de dar mais segurança às fronteiras e que, para ocorrer, contou com uma cooperação entre as províncias, algo visto como um acontecimento positivo²⁷⁹.

Na sequência, Quesada narra os fatos de uma expedição realizada na década de 1830 sob o comando de Rosas e, a partir disso, questiona sua violência, que só teria gerado mais violência em vez de solucionar a questão. Sobre esse tipo de investida, diz:

Las expediciones puramente militares marcaran su huella por sus triunfos; pero al retirarse volverá la chusa del indio á vengar la sangre de sus hermanos derramada por los blancos. Para algunos espíritus superficiales parecerá una utopia hablar de civilizar á los indios, y con desden dirán - ¡atrás los visionarios! Pero no olvidemos las lecciones de la experiencia ni los enseñamientos de la historia. Bastará que citemos un ejemplo de lo que ha pasado en los Estados Unidos.²⁸⁰

Nesse trecho, Quesada recorre ao exemplo dos índios *Cherokees*, dos Estados Unidos, mostrando que eles haviam sido civilizados e que, agora, possuíam propriedades e bens materiais como os brancos, questionando-se assim se, por isso, os índios norte-americanos seriam superiores²⁸¹.

No final do seu artigo, o autor enfatiza a necessidade de incorporar os indígenas por meio de um processo de civilização com vistas a torná-los parte da sociedade, desde que sem violência. Afirma, ainda, que as fronteiras deveriam ser armadas, mas apenas para a defesa, e propõe três medidas: a primeira, organizar o exército para não haver problemas na fronteira; a segunda, criar uma lei agrária; e a terceira, a realização de um concurso, pelo governo, de memórias sobre a organização e a defesa da fronteira e sobre as maneiras de submeter os índios com o intuito de que a melhor delas fosse adotada e seu criador, recompensado.

²⁷⁸ *Idem*, p. 215.

²⁷⁹ QUESADA, Vicente G. Las fronteras e los indios, **Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, Tomo VI, nº 21, janeiro de 1865, p. 48.

²⁸⁰ *Idem*, p. 56.

²⁸¹ Para uma breve comparação entre a guerra contra os indígenas no sul da Argentina e nos Estados Unidos, consultar: PASSETI, Gabriel, **Indígenas e criollos: Política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852-1885)**. São Paulo: Alameda casa editorial, 2012.

2.3.2. O Paraguai na RBA.

Durante o período em que a RBA foi publicada, os países do cone sul entraram em conflito – na denominada Guerra da Tríplice Aliança. Esse fato se deu em meados da década de 1860, durante a presidência de Bartolomé Mitre, e a participação da Argentina gerou um intenso debate entre os homens de letras do país. Com alguns se posicionando favoráveis à guerra e outros contrários, a discussão sobre o assunto passou a fazer parte do debate público travado, na época, por meio dos periódicos. De acordo com Sabato:

Desde el comienzo, la guerra despertó la polémica pública. La prensa periódica fue un escenario fundamental de debate, así como un medio de difusión clave sobre la marcha del conflicto. Si bien al principio la mayor parte de los diarios porteños encendieron sus luces patrióticas, a poco de andar, las posiciones críticas fueron ganando espacio²⁸².

Ora, a intenção aqui será entender qual foi o posicionamento da RBA perante essa guerra. Relembrando o título completo do periódico e o seu já citado *Prospecto*, relembramos também que um dos objetivos da sua seção de história era justamente se dedicar à história da República do Paraguai. Contudo, analisando-se essa seção, foi possível perceber que a história da do Paraguai não foi contemplada pelos artigos da revista no decorrer de suas 96 edições, e somente um artigo pode ser relacionado à guerra²⁸³. Apesar de ter sido escrito quase um ano antes do início do conflito, o conteúdo do artigo pode ajudar na compreensão dos motivos que levaram a RBA a publicar poucos textos sobre o Paraguai. Intitulado *Reflexiones sobre los destinos del Paraguay*²⁸⁴ e escrito por José T. Guido, ele foi publicado em dois números da revista: o primeiro em setembro e o segundo em outubro de 1863.

O artigo, de maneira geral, discorre sobre a história do Paraguai desde a época colonial para refletir, a partir disso, sobre o destino do país. É importante lembrar, pois, que no número três da RBA, em uma nota sobre as assinaturas da revista, afirma-se:

El señor don Félix Egusquiza, cónsul general de la república del Paraguay, acaba de suscribirse por cincuenta ejemplares á la Revista de Buenos Aires. Al agradecer esta noble y franca protección de uno de los gobiernos de las tres repúblicas á las que

²⁸² SABATO, Hilda. **Historia de la Argentina, 1852-1890**. *Op.Cit.*, p. 169.

²⁸³ Outros dois artigos sobre o Paraguai foram publicados, porém, não apresentam relações com a guerra. São eles: MOLAS, Mariano A. Descripción histórica de la Antigua provincia del Paraguay. **La Revista de Buenos Aires**, Buenos Aires, Tomo IX, nº 33, Janeiro de 1866. e Una fiesta en el Paraguay en 1804. **La Revista de Buenos Aires**, Buenos Aires, Tomo XXI, nº 82, Fevereiro de 1870.

²⁸⁴ GUIDO, José T. Reflexiones sobre los destinos del Paraguay. **La Revista de Buenos Aires**, Buenos Aires, Tomo II, setembro de 1863. e GUIDO, José T. Reflexiones sobre los destinos del Paraguay. **La Revista de Buenos Aires**, Buenos Aires, Tomo II, outubro de 1863.

hemos dedicado la Revista, llamamos la atención sobre la liberalidad con que el del Paraguay, protege las letras americanas estimulando así la literatura naciente de estos países²⁸⁵

Talvez a assinatura da RBA pelo governo do Paraguai tenha feito os organizadores elogiarem a república vizinha, mas também é possível que houvesse uma simpatia pelo governo, independente das assinaturas.

O texto segue muito elogioso ao governo paraguaio. Desde o seu início, ao referir-se à sua geografia e à sua natureza, existe um tom enaltecendor. Sobre o período colonial, o autor afirma que o domínio espanhol foi prejudicial para o Paraguai, como o foi para os outros países, mas engrandece os Jesuítas pelo seu trabalho com os indígenas, e alega que, após a sua expulsão pelo governo da Espanha, a região ficou pior²⁸⁶. Em seguida, o autor discute o período da independência relatando as disputas políticas e dedicando uma atenção especial a José Gaspar de Francia, afirmando que esse político manteve um governo muito pessoal durante trinta anos, causando certo atraso apesar de o país não ter os problemas que seus vizinhos têm.

Com a morte de Francia e a ascensão de outro governante, o texto passa a falar sobre as relações entre o Paraguai e a região do Rio da Prata, que, naquela época (década de 1840), era governado por Rosas. O autor assegura que havia muita pressão das províncias do Rio da Prata, como Corrientes, que pretendiam tomar territórios pertencentes ao Paraguai. Além disso, Rosas prejudicava a economia paraguaia dificultando a navegação pelos rios da região. O governo paraguaio, então, comandado por Carlos Antonio López, pai de Francisco Solano López, resistia à pressão do vizinho, e chegou a entrar em conflito com a província de Corrientes.

Entonces el gobierno paraguayo levantó su tono á la altura de la magnitud de esas ofensas. Declaró que resistirla vigorosamente á la incorporación por la fuerza á la Confederación; y que era indigno proponer á un pueblo la renuncia voluntaria de los derechos revindicados²⁸⁷.

Pode-se dizer, portanto, que José Guido, em seu artigo, acabou defendendo a atitude do governo paraguaio perante seu vizinho e perante o governo de Rosas, sempre apresentado de maneira pejorativa, conforme o hábito da maioria dos homens de letras na década de 1860.

²⁸⁵ Subscripciones Oficiales. **La Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, Tomo I, nº 3, julho 1863

²⁸⁶ GUIDO, José T. Reflexiones sobre los destinos del Paraguay. **La Revista de Buenos Aires**, Buenos Aires, Tomo II, setembro de 1863, p. 59-60.

²⁸⁷ *Idem*, p. 65.

A partir de então, Guido passa a elogiar de maneira mais enfática o governo de López. No início do artigo do mês de outubro, afirma:

Si los resultados han de regular el juicio histórico, es necesario confesar que la organización laboriosa llevada á cabo por el ciudadano Carlos A. López, y el impulso enérgico á todos los resortes del Estado han sido el fruto de una razón iluminada por el patriotismo y madurada largos años en la meditación filosófica. La República levantó en muy poco tiempo su ejército y su marina á una fuerza superior á las necesidades de su defensa inmediata, y capaz de abroquelarla contra las mas formidables asechanzas²⁸⁸

O autor elogia a sociedade paraguaia, sua economia e suas forças militares. Afirma que a queda de Rosas em 1852 contribuiu para melhorar a relação entre a Argentina e o Paraguai – “la batalla de Caseros en 1852 puso término al estéril y funesto entredicho del gobierno argentino con el del Paraguay”²⁸⁹ – e expõe as relações exteriores do Paraguai, avisando que, apesar dos pactos firmados na década de 1850 sobre o uso dos rios, os limites com o Brasil e Argentina ainda estavam pendentes. Guido lamenta a morte de Carlos López e comenta a ascensão de seu filho, o general Solano López:

La elección unánime del Congreso confirmó la esperanza de la República, y aun el voto laudable de la afición paterna. El general López fué designado al supremo poder por sus servicios distinguidos dentro y fuera del país, y por sus altas prendas. Hoy en el verdor de la edad, cifra su gloria en la de su patria, que le ha elevado sobre el pavés de una popularidad, productiva de fuerza y esplendor para el gefe capaz de conservarla.²⁹⁰

Ao finalizar o artigo, elogia novamente o Paraguai, mas dessa vez com as sugestões de que o país deveria manter a estabilidade institucional preferindo a justiça ao esplendor e de que, além disso, deveria conservar a confiança dos povos amigos e o respeito de seus rivais.

Baseado nesse artigo e também na nota sobre as assinaturas, é possível imaginar que, antes da guerra, havia uma empatia dos letrados da revista pelo país vizinho. Contudo, com o início dos conflitos que envolveram a Argentina em 1865, o governo de Mitre implantou um estado de sítio, que durou até 1868. Segundo Sabato, essa situação:

Posibilitó que se ejerciera censura sobre la prensa y que se cerraran temporariamente algunos de los órganos más virulentos. Ello no impidió, sin embargo, la circulación

²⁸⁸ GUIDO, José T. Reflexiones sobre los destinos del Paraguay. **La Revista de Buenos Aires**, Buenos Aires, Tomo II, outubro de 1863, p. 144.

²⁸⁹ *Idem*, p. 147.

²⁹⁰ *Idem*, p. 153.

de discursos, publicaciones y periódicos com duras críticas al gobierno y a la conducción de la guerra, sobre todo a medida que esta se prolongaba²⁹¹.

Uma das pessoas afetadas pela instituição do estado de sítio implantado pelo governo foi justamente Miguel Navarro Viola, um dos organizadores da RBA. Na edição número 37 de maio de 1866, a revista publicou, em sua seção de direito, além de um texto sobre a história do estado de sítio na Argentina²⁹², as defesas de Juan José Soto, escritas por Navarro Viola e apresentadas ao juiz federal. Ao que tudo indica, depois disso, Navarro Viola foi exilado em Montevideu, onde escreveu, ainda em 1866, além de um pequeno livro com textos criticando o governo, intitulado *El despotismo del estado de sitio de la Republica Argentina*, uma representação ao congresso sobre a inconstitucionalidade do estado de sítio. Mais precisamente sobre a guerra, Viola escreveu um livro chamado *Atrás el Imperio*, no qual critica o conflito²⁹³.

Essa querela entre um dos organizadores da RBA e o governo federal comandado por Mitre, que dizia respeito tanto à guerra como ao estado de sítio, pode ter sido a responsável pela não publicação de artigos sobre o Paraguai e sobre a guerra, já que causa certo estranhamento o fato de a revista indicar interesse em escrever sobre o Paraguai, mas publicar, depois de começado o conflito, apenas dois artigos.

É muito difícil afirmar com convicção que esse tenha sido o pretexto para a não publicação de textos sobre o tema, porém, cabe ressaltar que o único artigo que cita Solano López possui um tom extremamente elogioso, sem contar também com o elogio de feito ao governo do Paraguai pela assinatura da revista. Assim, é possível supor que os organizadores, para não indispor a RBA com o governo de Mitre, tenham preferido não publicar nada sobre o assunto. Contudo, cabe salientar que mesmo o “esquecimento” de determinados assuntos pode demonstrar as ideias que se têm sobre eles. Dadas todas essas condições, é lícito pensar que os organizadores não concordavam com a guerra, mas, por receio, deixaram de opinar sobre o tema.

²⁹¹ SABATO, Hilda. **Historia de la Argentina, 1852-1890**. *Op.Cit.*, p. 270.

²⁹² Los presos políticos del estado de sitio ante la justicia federal de la república. **La Revista de Buenos Aires**, Buenos Aires, Tomo X, maio de 1866, pp. 121- 144.

²⁹³ O livro **El despotismo del estado de sitio de la Republica Argentina** foi consultado na Biblioteca Nacional da Argentina em novembro de 2012. O segundo livro, **Atrás el Imperio**, não pode ser consultado, mas existem algumas informações sobre o seu conteúdo e ele é citado em SABATO, Hilda. **Historia de la Argentina, 1852-1890**. *Op.Cit.*, p. 271.

Esses exemplos demonstram a grande diversidade de temas presentes na seção de história da RBA. Além disso, evidenciam quais eram as principais inquietações dos organizadores do periódico. Tendo em vista o que foi exposto, é importante fazer uma conclusão sobre a seção de história e sobre a posição da RBA na produção histórica no decorrer do século XIX argentino: pode-se dizer, feita a análise, que houve tanto mudanças quanto permanências no que diz respeito à produção histórica anterior; no que diz respeito à produção posterior, há também modificações e continuações.

Em relação à história anterior, é preciso ressaltar que a mudança se deu no caráter político da escrita, percebendo-se claramente que, à época da revista, existia uma intenção mais enfática de produzir uma história de caráter nacional e de apagar os problemas que existiam em relação às províncias. No mais, permanecia ainda um determinado “amadorismo”, no sentido de que a história produzida não era institucionalizada. Além disso, a ideia de coletar fontes como meio de se escrever a História ainda era muito forte. Cabe ressaltar, ainda, que a ideia da *Revolución de Mayo* como o acontecimento fundamental da História argentina se manteve, o que será o foco do próximo capítulo.

No que diz respeito à relação com a história produzida posteriormente, principalmente a partir da década de 1880, já é possível perceber na RBA um discurso histórico de caráter nacionalista, que procurou criar uma ideia de unidade antes de que ela de fato existisse. Porém, como o demonstrado, parte da historiografia afirma que isso ocorreu de maneira mais enfática a partir do debate entre Bartolomé Mitre e Vicente Fidel López na década de 1880. Assim, é necessário certificar que, apesar de os dois historiadores terem uma produção histórica mais regular e de terem publicado vários estudos sobre o tema, isso não invalida o aparecimento de características de uma história nacionalista na RBA. Entretanto, uma distinção que deve ser ressaltada está na forma pela qual essa história era produzida, pois, na década de 1880, ela já tinha adquirido um caráter mais formal e institucional.

A partir deste capítulo, em que foi possível constatar algumas das características da seção de história americana e compreender a importância que os organizadores da RBA destinavam a essa disciplina, o objetivo do próximo será aprofundar a análise e focá-la em apenas um tema, a guerra de independência, pois esse é o assunto que mais aparece na seção – além de ser aquele considerado, como visto neste capítulo, como o mito de origem da nação argentina. Assim, procurar-se-á apreender o modo como a RBA constrói a história da independência e quais seus possíveis usos na construção de uma ideia de nação.

3. Capítulo Terceiro: *LA REVOLUCIÓN DE MAYO* COMO MITO DE ORIGEM.

O objetivo desse capítulo é analisar alguns artigos da seção de história cujo tema central é a guerra de independência. Essa escolha ocorreu por dois motivos. Em primeiro lugar, esse é o assunto que mais aparece na seção, ainda que em diferentes tipos de artigos – entre os que mais se destacam estão biografias de personagens que participaram da guerra, documentos da época e relatos de batalhas. Em segundo lugar, porque o tema esteve fortemente presente nas narrativas históricas rioplatenses ao longo do século XIX. A chamada *Revolución de Mayo*, que ocorreu em 1810, é considerada o mito fundador da Argentina, sendo por isso extensamente debatida ao longo do século XIX. Assim, a finalidade aqui será entender de que modo os criadores da RBA e seus colaboradores interpretaram esse acontecimento e como a revolução de independência foi compreendida e analisada pelos letrados que escreveram na revista. Além do mais, também se buscará investigar se seus escritos sobre maio de 1810 concordavam com a história produzida anteriormente e, caso existam diferenças, quais são.

Para tanto, antes da análise dos artigos, haverá uma introdução demonstrando como a história da independência foi escrita antes da RBA. O objetivo é mostrar de que modo a revolução de maio tornou-se o mito de origem da nação argentina, o que permitirá uma comparação entre a história produzida pela revista e a história precedente. Para a análise feita na sequência, optou-se por selecionar os mais significativos artigos cujo tema é a revolução. Sendo assim, o trabalho será pautado, primeiro, por um texto que faz parte da seção de variedades, mas cujo conteúdo é muito esclarecedor no que diz respeito ao pensamento dos organizadores sobre a revolução. Isso contribuirá, portanto, para que a visão dos criadores da RBA sobre esse importante acontecimento seja entendida.

Depois, analisar-se-á, de forma aprofundada, o artigo *Recuerdos historicos*, visto se tratar do único texto que analisa a história da revolução, sendo, portanto, essencial para que se compreendam as ideias da RBA a respeito desse fato. Em seguida, serão analisados, ainda, alguns artigos biográficos de personagens que participaram da guerra de independência. Essas biografias são numerosas e tratam de diversos personagens. Dentre eles, merece destaque San Martín, cuja biografia, devido sua importância histórica, será interpretada mais detalhadamente. Através desses artigos, é possível perceber o discurso nacionalista e a

importância conferida aos heróis da revolução, que, muitas vezes, eram confrontados com os caudilhos, sempre considerados responsáveis pelos problemas da Argentina.

Por fim, será analisado um artigo que compara a vida do herói argentino San Martín com a de outro libertador da América, Simón Bolívar. O texto demonstra que a visão construída a respeito de Bolívar é ambígua, principalmente quando ele é comparado ao libertador argentino.

3.1. O Mito de Origem.

Fazendo um levantamento quantitativo dos artigos publicados na RBA pode-se afirmar que o tema mais divulgado na seção de história foi a independência. Entre esses artigos, encontram-se biografias de heróis da guerra, narrativas sobre batalhas e conflitos e documentos da época revolucionária, como relatos de batalhas, cartas e diários, entre outros. Todavia, uma questão importante que fica explícita nesse levantamento é que existe apenas um artigo que faz uma análise histórica da revolução. No restante, ela é um pano de fundo para a discussão de outros assuntos. Apesar disso, os textos ainda apresentam a opinião dos letrados sobre ela.

Desde o *Prospecto*, a guerra de independência tem destaque no periódico. Na parte destinada à seção de história, os organizadores afirmam que os textos sobre a época revolucionária receberiam mais destaque. Além disso, ao informar sobre os estudos referentes aos outros países do continente, usam a expressão “*guerra titânica*” para se referir à guerra de independência²⁹⁴, um termo que remete à mitologia grega e demonstra o quanto esse acontecimento era considerado de extrema importância para os criadores da RBA.

No artigo *Estudios históricos, nuestros propósitos*, fundamental para entender a ideia de história presente na RBA, a guerra de independência também ganhou destaque. Em determinado momento do texto, ao referir-se à época da revolução, Quesada afirma que ela foi “*nuestra época heroica*”²⁹⁵, valorizando e glorificando esse período. No mesmo texto, há ainda uma referência aos personagens que lutaram na guerra, que são tratados como os heróis da revolução que ajudaram a fundar a pátria. Os personagens mais destacados, nesse sentido, são San Martín e Belgrano.

²⁹⁴ *Prospecto*. **La Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, Tomo I, nº 1, maio de 1863, p. 04.

²⁹⁵ QUESADA, Vicente G. Estudios historicos, nuestros propositos. **La Revista de Buenos Aires**. Tomo II, ano I, nº 08, Dezembro de 1863, pp. 544-552.

Sendo assim, esses dois breves exemplos e o levantamento quantitativo feito aqui já demonstram que a RBA sempre deu grande atenção à independência. Contudo, isso não era novidade na época em que ela surgiu. Segundo Wassermann, desde o início do período independente, a *Revolución de Mayo* foi considerada um evento importante pelos letrados da região do Rio da Prata. De acordo com ele, a revolução, de maneira consensual, foi vista como “un acto fundacional, como una ruptura que había inaugurado una nueva era. Más aún, muchos consideraban que en verdad había dado inicio a la Historia con mayúscula en la región. De ese modo el proceso revolucionario se constituyó en um mito de Orígenes para los pueblos rioplatenses”²⁹⁶.

Entretanto, se havia um consenso em torno do mito, havia o problema de torná-lo um relato histórico consensual. Conforme Wassermann, isso ocorria por dois motivos: o primeiro era o curto distanciamento entre o fato e os que se propuseram a escrever sobre ele; o segundo, os efeitos indesejáveis da revolução – as guerras entre as facções políticas e os conflitos ideológicos e regionais, que, com o passar do tempo, foram se tornando mais fortes. Se alguns culpavam o passado colonial pelos problemas pós-revolucionários, muitos acreditavam que a guerra de independência tinha sua parcela de culpa, pois derrubou a antiga ordem sem saber como substituí-la.

Havia, pois, a certeza de que a revolução deu início a um processo cujo rumo incerto suscitava algumas dúvidas, “por qué no podía accederse plenamente a los bienes materiales y morales que había prometido y cuáles eran los medios más adecuados para poder alcanzarlos”. Para Wassermann, a resposta dessa questão foi uma das principais preocupações dos políticos e letrados da época, fazendo com que muitos retornassem à revolução buscando respostas para os problemas presentes. Assim:

no era tanto un pasado glorioso que se quería rememorar, sino más bien el inicio de un proceso inacabado cuyo curso debía ser desentrañado y enderezado si se quería arribar a buen puerto. Es por eso que sus representaciones e interpretaciones estuvieron más claramente condicionadas por los conflictos que animaron la vida pública que las referidas al pasado colonial y al mundo indígena²⁹⁷.

Entre as diversas histórias produzidas desde a época da independência, destacam-se as da geração de 37 e de Bartolomé Mitre. Essas interpretações sobre a revolução foram difundidas e ganharam relevância na região do Rio da Prata influenciando muitos homens de

²⁹⁶ WASSERMANN, Fabio. **Entre Clio y la Polis. Op.Cit.** p. 163.

²⁹⁷ *Idem*, p. 164

letras. Entender essas histórias é, pois, compreender de que maneira os participantes da RBA adotaram esses discursos ou criaram outros.

A respeito dos escritos da geração de 37, no que se refere às ideias de Sarmiento e Alberdi²⁹⁸, Wassermann segue a interpretação de Botana, afirmando que:

Los jóvenes románticos entendían que la Revolución había promovido una ruptura en la historia de la región cuyo propósito era poner fin no sólo al dominio colonial sino al estancamiento al que éste la condenaba irremediabilmente. De eso no parecía caber duda alguna. Ahora bien, a pesar de los esfuerzos hechos en ese sentido, esa ruptura no había logrado alcanzar sus propósitos: aunque se había dado a luz una sociedad que había hecho suyos el régimen republicano de gobierno y algunos principios liberales e ilustrados, su fisonomía seguía siendo en buena medida la del antiguo régimen. [...] Los jóvenes románticos consideraban entonces a la revolución como un proceso inconcluso cuyo legado era también problemático y conflictivo. Sin embargo, también entendían que se trataba del único punto de partida válido para su proyecto político al haber inaugurado un nuevo ciclo histórico que permitió insertar a la región en la senda del progreso y de la civilización²⁹⁹.

Para esses letrados, a história da Argentina começava com a revolução, sendo ela o ponto de partida do novo país, mesmo com os problemas que ocasionou. A época colonial não fazia parte dessa história, pois o rompimento deixou apenas características ruins do antigo regime, e por isso era necessário pensar na nova nação a partir desse ponto. Diante disso, Wassermann argumenta que não é possível caracterizar essa narrativa como nacional, visto que ela foi produzida por textos, e não por uma obra histórica – além de excluir o passado colonial, que segundo ele, é fundamental para construir a história nacional.

3.2. A RBA e a história da independência.

Compreender a visão da RBA sobre a revolução de 1810 requer, primeiramente, a análise de um texto publicado em fevereiro de 1868 na seção *Variedades* do Tomo XV. Apesar de não ser um artigo com características de narrativa histórica, e sim uma notícia referente a um concurso de história, o texto apresenta a visão dos organizadores sobre a guerra de independência e sobre o governo de Bartolomé Mitre.

Intitulado *Certámenes Históricas*, o artigo assinado por Quesada tinha o objetivo de informar sobre um concurso promovido pelo governo da província de Buenos Aires. Nesse concurso, pretendia-se que estudiosos produzissem narrativas históricas sobre duas datas

²⁹⁸ BOTANA, Natalio. **La tradición Republicana**, *Op.Cit.*

²⁹⁹ WASSERMANN, Fabio. **Entre Clio y la Polis**. *Op.Cit.*, p. 203-204.

consideradas fundamentais para a história da pátria: 25 de maio de 1810 e 09 de julho de 1816. Esses textos, de acordo com o regulamento, seriam lidos em praça pública.

No início do texto, Quesada aproveita a oportunidade tanto para elogiar o governo da província pela medida, pois a entendia como incentivo aos estudos históricos, como para criticar o governo de Mitre:

Las luchas políticas por una parte, el interés transitorio de los partidos por otra, alejan a nuestros gobiernos de todo aquello que tiende á levantar el espíritu y á desarrollar la inteligencia, cuando juzgan lejanos los frutos que se prometen. Es el interés del día, la política militante lo que los absorbe, descuidando con frecuencia los intereses permanentes. En vez de preocuparse de las reformas sociales y de las necesidades económicas del país, creen encontrar popularidad en glorias militares y en sueños de predominio individual.³⁰⁰

O governo de Mitre já estava acabando quando o artigo foi publicado³⁰¹, e, pelo trecho citado, torna-se clara a indignação do autor com o governo federal. Essa crítica tem muito em comum com os artigos de história a respeito da revolução de 1810 publicados na RBA, pois traz em si a ideia de que as disputas políticas, a violência que fazia parte delas e a tentativa de promoção pessoal atrapalhavam o desenvolvimento nacional. Entretanto, essa análise não era, em si, inovadora, pois a história produzida por Alberdi e Sarmiento já remetia à revolução e aos problemas surgidos no momento posterior. Pode-se dizer que, agindo assim Quesada procurou igualar Mitre aos caudilhos – os grandes responsáveis, de acordo com os homens de letras portenhos, pelos problemas argentinos pós 1810.

Depois dessa introdução, há o decreto do governo com as regras do concurso. Entende-se que a RBA, enquanto periódico que reflete o pensamento de seus organizadores e colaboradores, ao elogiar o gesto e publicar o decreto com entusiasmo, concorda com os termos e ratifica a posição do governo da província. Nesse sentido, é importante também analisar esse decreto, que demonstra qual história deveria ser estudada:

siendo el conocimiento de la historia nacional, una necesidad y un deber por parte de los argentinos, sobre todo si se estudia en las manifestaciones de mas trascendencia, ó en sus episodios mas heroicos, como son entre nosotros la revolución de mayo de 1810, y la declaración solemne del Congreso de Tucuman que los abrieron la era inolvidable de la libertad é independencia de la pátria³⁰²

³⁰⁰ QUESADA, Vicente G. Certámenes históricos. **La Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, tomo XV, nº 58, fevereiro de 1868, p. 279.

³⁰¹ Mitre governa até outubro de 1868, quando Sarmiento assume a presidência.

³⁰² QUESADA, Vicente G. Certámenes históricos. *Op.Cit.* p. 280.

As duas datas exaltadas como heroicas e mais importantes demonstram que o mito de origem continuava vivo durante a década de 1860. Além disso, cabe ressaltar que o concurso era patrocinado pelo governo de Buenos Aires, o que evidencia a preocupação do governo provincial em contribuir, por meio de incentivos, para a construção de uma história nacional .

No restante do decreto, são apresentados os temas que deveriam ser abordados. Os textos sobre a revolução de maio, por exemplo, deveriam conter o “Verdadero carácter de la revolución y si el designio de los que la hicieron en 1810, era el emancipar estos pueblos de la metrópoli, ja perseverando en la forma monarquica ó cambiando el sistema de Gobierno”. O texto sobre a declaração de independência, por sua vez, deveria contemplar pelo menos a “Situación de la América meridional española, y especialmente de los pueblos que componían el Vireinato de Buenos Aires, antes de declararse la independencia”³⁰³.

Por meio desse decreto, o governo encaminhava a forma como a história da Argentina deveria ser escrita e, também, a forma pela qual os textos produzidos seriam julgados. Fizeram parte do júri Juan María Gutiérrez, Guillermo Rawson, José Mármol, Luis J. de la Peña, Juan Carlos Gómez, Luis Domínguez e Vicente G. Quesada, todos homens de letras. A presença de Quesada e de Gutiérrez confirma a ligação entre a RBA e o concurso, o que permite afirmar a existência de uma aproximação intelectual que buscava construir a história nacional e de uma aliança política entre o governador de Buenos Aires, o autonomista Adolfo Alsina³⁰⁴, que assina o decreto, e os organizadores da RBA, explicando-se, assim, a crítica de Quesada a Mitre, rival político dos autonomistas.

Após a publicação do decreto, Quesada reafirma seu apoio ao concurso e explana sua opinião sobre a importância do estudo desses acontecimentos:

la emancipación es un hecho, y es necesario ahora dar á este hecho las formas y los medios de que se convierta en el bienestar del mayor número de los habitantes de la República. Para llegar á este fin, es preciso estudiar todo lo que tienda al desenvolvimiento de la libertad, á la garantía de la propiedad y del individuo, como base precisa para estimular el trabajo y la riqueza³⁰⁵.

Para ele, a independência foi tão importante para a Argentina que o seu estudo contribuiria para o avanço social do país. Em sua concepção, a independência estava relacionada à liberdade, aos direitos dos indivíduos e ao direito de propriedade, bases para o

³⁰³ *Idem.*

³⁰⁴ SABATO, Hilda. **Historia de la Argentina, 1852-1890. Op.Cit.**, p. 141.

³⁰⁵ QUESADA, Vicente G. Certámenes históricos. *Op.Cit.*, p. 282.

trabalho e a riqueza. Essas afirmações são fundamentais para entender o projeto de nação almejado por ele e por seu grupo, a saber, tornar a Argentina um país civilizado com base na liberdade e no progresso, ideias que, segundo Quesada, surgiram com a revolução. Sua argumentação segue:

Cuando un Gobierno estimula estos estudios, tiende inevitablemente á mejorar la condición del pueblo; porque propende á que analice cual es la causa del mal que aqueja al país y lo acostumbra á que piense en los medios de mejorar la condición de la mayoría. **La historia no es la simple narración de los hechos pasados cronológicamente referidos, sino el estudio del movimiento social y político que se opera en un país, de sus tendencias, de sus necesidades, de sus aspiraciones**³⁰⁶.

Nesse trecho, há uma breve definição de História. A concepção mostrada pelo autor é essencialmente romântica. Quesada entende que o papel da disciplina histórica é contribuir para a construção da imagem da nação, buscando-se, no mito de origem, as respostas para entender o que é a Argentina e qual deve ser o caminho para solucionar seus problemas, assim como os historiadores alemães e franceses haviam feito ao longo do século XIX³⁰⁷. Mais adiante, retoma o assunto sobre a importância da independência e da revolução:

Estudiemos entonces el pasado, investiguemos por que caminos estraviados **ha venido el país al lamentable estado político y económico en que se encuentra**, y nuevos horizontes señalarán el verdadero sendero que conduce á la realización de los propósitos que enjendraba la revolución y la independencia³⁰⁸

Além de reafirmar o que já havia exposto em seu texto sobre a importância de estudar a revolução e de seguir os seus propósitos, o autor volta a criticar o governo de Mitre ao afirmar que o país estava em condições ruins. Ademais, esse trecho revela que nosso organizador vê no governo de Mitre uma continuação dos problemas que afetaram o país após a independência, como se as mudanças que foram implantadas depois da queda de Rosas não tivessem surtido efeitos positivos. Quesada aponta Mitre como seguidor dos caudilhos, acusados de acabar com os ideais da revolução por muitos intelectuais, inclusive pelo próprio Mitre em suas obras históricas³⁰⁹. Portanto, é notório que o discurso histórico foi utilizado

³⁰⁶ *Idem*, grifo meu.

³⁰⁷ DOSSE, François. História e historiadores no século XIX. *Op.Cit.* e GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Usos da História: refletindo sobre identidade e sentido. *Op.Cit.*

³⁰⁸ QUESADA, Vicente G. Certámenes históricos. *Op.Cit.*, p. 283, grifo meu.

³⁰⁹ BOTANA, Natalio. *Op.Cit.*

como um instrumento político no qual o inimigo sempre era relacionado aos caudilhos e à barbárie e contraposto à civilização.

Ainda sobre isso, Quesada afirma que os governos militares, referindo-se ao do presidente em exercício, sempre estiveram errados. De acordo com ele, esse problema só seria resolvido quando o povo participasse da vida pública e elegeisse os melhores e mais honrados governantes, pois somente assim “evitará así se repitan los desastres de los gobiernos que se nacen en los campos de batalla”. Era preciso implantar uma democracia em que o povo fosse o governo, criando, de acordo com Quesada, uma sociedade civilizada³¹⁰. Contudo, era importante educar a população, e por isso ele apoiava o concurso, visto como meio de incentivar o conhecimento histórico. Todavia, era necessário mais:

Así es que creemos que la organización del Instituto Histórico debe hacerse ya, como el medio de promover, centralizar y dirigir estos estudios, para despertar en el pueblo el gusto y el hábito de las lecturas serias y de la investigación de la verdad. Si se espera que lleguen esos tiempos de plácida calma y de bien estar, nos alejamos ante el fantasma de nuestra mente que huye de nosotros cada vez que creemos acercarnos.³¹¹

Quesada volta a insistir na importância da história como o meio de contribuir para a formação de um Estado Nacional. A pátria deveria ser diferente da que vigorava no momento em que escrevia, ela precisava ser civilizada e as liberdades individuais deveriam ser respeitadas, assim como o progresso material precisaria ser a preocupação do governo. A história, nesse caso, serviria para entender os erros cometidos pelos caudilhos no momento posterior à independência, possibilitando, assim, a retomada do verdadeiro propósito da revolução: uma sociedade livre e educada.

Todavia, trata-se de um discurso recorrente na época, tendo sido adotado por vários intelectuais. Era comum contrapor barbárie e civilização e julgar os inimigos, quaisquer que fossem, como bárbaros. Os organizadores da RBA não fugiram à regra, e defenderam seus pontos de vista na esfera pública como todos os outros. Para eles, pelo menos em seus artigos, era importante educar a sociedade visando à civilização, e a história seria parte desse processo de educação, mesmo que fosse utilizada para atacar politicamente os desafetos – como no caso de Mitre.

³¹⁰ QUESADA, Vicente G. Certámenes históricos. *Op.Cit.*, p. 286.

³¹¹ *Idem*, p. 284.

3.3. Uma história da Revolução.

Entre os artigos de história publicados pela RBA, parte significativa deles tinha como tema a guerra de independência. Todavia, algo que chama atenção nesses textos é que apenas um deles se propôs a explicar, por meio dos acontecimentos em uma ordem cronológica, como ocorreu a revolução. Isso, porém, não era novidade, pois, de acordo com Wassermann, na época anterior à RBA, havia uma “escasez de relatos sobre el proceso revolucionario capaces de dotar de sentido a los hechos a través de una narración de los mismos”³¹². O primeiro a fazer um relato histórico dessa maneira foi Deán Gregorio Funes, em 1816, com seu livro *Bosquejo de nuestra revolución desde 25 de mayo de 1810 hasta la apertura del congreso nacional, el 25 de marzo de 1816*. Mas foi apenas com Bartolomé Mitre, décadas depois, com sua obra sobre Belgrano, que se criou uma história da *Revolución de Mayo*³¹³.

Diante do exposto, é fundamental analisar o artigo da RBA que tinha o objetivo de escrever a história da Revolução, que foi escrito por Luis V. Varela e publicado em três números da revista ao longo dos Tomos XVI e XVII. O artigo intitula-se *Recuerdos historicos* e, de acordo com os organizadores da RBA, havia sido escrito para concorrer no concurso histórico, mas seu autor acabou decidindo não participar.

No artigo, Varela afirma não se considerar um historiador, e diz que ainda faltavam muitos documentos para que fosse possível escrever a história da Revolução. Afirma que sua intenção não era abordar os feitos e os homens, mas sim “la altura de los pensamientos de estos, y las consecuencias naturales de aquellos”, – afirmando um caráter puramente filosófico-histórico de seu trabalho. O autor ainda entende que estudar a história factual é muito mais importante e muito mais complexo, por isso, “no hacemos, pues, sino medir los resultados de los hechos, y la importancia de las ideas de los hombres que descuellan en la lucha de nuestra independencia”³¹⁴. Mas acredita que:

Ellos (os historiadores), algún día, darán á la juventud elementos para hacer un estudio, no ya de la filosofía de la historia, sino de los hombres y los hechos; y, recién entonces, con la guía de maestros competentes, de pensadores profundos que hayan gastado su vida en el estudio especial de nuestra patria y los sucesos que la constituyeron en una Nación; recién entonces decíamos, podrá la posteridad formar

³¹² WASSERMANN, Fabio. **Entre Clio y la Polis. Op.Cit.**, p. 179.

³¹³ *Idem*, p. 180.

³¹⁴ VARELA, Luis V. Recuerdos históricos. **La Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, Tomo XVI, nº 63, julho de 1868, p. 387.

su juicio imparcial sobre los hechos que nos dieron una patria independiente, y sobre los hombres que nos legaron, con su nombre, la herencia de sus virtudes y sus glorias; ó la deshonra de sus ambiciones y delitos³¹⁵.

Outra ideia presente em seu artigo é o tempo. Para ele, a revolução ainda era um acontecimento recente, o que prejudicava o estudo de sua história, visto que ainda havia homens vivos que fizeram parte dela. De acordo com Varela, as décadas que separavam a revolução do momento em que ele vivia não eram suficientes para o historiador tornar-se imparcial, o que ele não consegue ser ao longo do artigo, pois, muitas vezes, como visto em outros artigos de outros autores na RBA, não se eximiu de opinar sobre os acontecimentos. Em consonância com o pensamento de muitos letrados argentinos, como Quesada no artigo sobre o concurso histórico, o autor entende que a revolução foi um acontecimento paradoxal, pois foi um evento positivo que acabou gerando problemas posteriormente. Sobre os motivos que haveriam levado os homens à independência, afirma:

los hombres mas competentes y que mas se han ocupado de estudiar nuestra historia, aun no han podido averiguar apunto fijo, cual fué la verdadera idea revolucionaria dé los patriotas; y si se buscan en la vida pública de estos, las causas que prepararon y produgeron la revolución, encontramos que la idea económica, mas que la política, fué la que los llevó á la independéncia.³¹⁶

Apesar de não estar certo sobre a causa da revolução e de pender mais para o lado econômico, ele considera que a ideia da independência esteve presente entre os homens desde o momento que se iniciou a revolução, em maio de 1810. Ademais, afirma que as ideias de liberdade já apareceram na região antes dos acontecimentos revolucionários, e que a liberdade econômica foi realmente essencial para a independência. Para exemplificar seu argumento, cita Belgrano, tido como um dos grandes heróis da revolução:

también, podemos, y con fundamento, encontrar los primeros trabajos revolucionarios en estas comarcas, desde que Belgrano entraba á formar parte del Consulado de Buenos Aires, y desde que Vieytes, en el *Semanario*, trataba las cuestiones económicas de las colonias; y buscar allí las causas de esos trabajos. La idea que mas preocupó á nuestros prohombres fué siempre, y especialmente al principio, la de la libertad industrial y comercial; y durante mucho tiempo, miraron la garantía de sus derechos civiles, con preferencia á la de los derechos políticos, que en el estado y régimen del Virreynato no eran los mas importantes³¹⁷

³¹⁵ *Idem*, p. 383.

³¹⁶ *Idem*, p. 384.

³¹⁷ *Idem*, p. 385.

Mesmo que o objetivo do artigo fosse explicar o pensamento e as ideias dos homens na época revolucionária, sem deter-se em fatos e nomes, ele não consegue escapar disso. Sua história sobre a revolução está carregada de um sentimento nacionalista de características românticas, e inicia o texto fazendo uma relação entre o surgimento do cristianismo e a revolução de maio, pois os eventos de 1810 estariam interligados com outras revoluções que mudaram a história da humanidade.

Para Varela, três grandes feitos formariam a base da liberdade humana, a revolução cristã, a revolução protestante e a revolução americana, mas a liberdade só poderia existir em sociedades que se encontrassem sob a teoria da igualdade. Para explicar essa sua relação, argumenta que durante muitos séculos a terra viveu um caminho incerto, no qual o poder militar era o direito. Contudo:

Una gran revolución era necesaria para cambiar el orden político de esas Naciones, cuya historia aún hoy mismo nos asombra. Un hombre apareció en la Judea, y ese hombre era el famoso revolucionario que habían anunciado los profetas. Jesús predicaba una religión, cuyo significado grande han comprendido los pueblos que hoy la siguen. De los labios inspirados de aquel sabio brotaron las teorías de una gran política; las teorías de la República Universal, encerrada en solo tres palabras: *Igualdad, Libertad, Fraternidad*³¹⁸.

Conforme seu pensamento, quando Jesus, um revolucionário assim como os argentinos da década de 1810, apareceu para salvar o mundo, seu sangue regou o caminho que conduziria o povo da terra à conquista da liberdade. Essa liberdade, por sua vez, estava baseada na teoria política da República Universal, que contestava o poder militar dominante antes de Cristo. Essa República Universal, uma nova ordem política, estava baseada, por sua vez, nos preceitos de igualdade, liberdade e fraternidade.

Desse modo, o autor constrói uma história relacionando mudanças políticas e acontecimentos divinos, colocando o principal evento cristão como o início de um processo que influenciaria todo o mundo, e também a Argentina, e afirmando indiretamente que as mudanças relacionadas ao republicanismo eram de ordem divina – inclusive a revolução de maio de 1810.

De acordo com sua abordagem, a revolução protestante teria ocorrido por causa das ambições de alguns monarcas e da propagação fanática de ideias cristãs, que acabaram ocasionando muitos problemas. Devido a isso, Calvino e Lutero fizeram uma revolução que teria introduzido a liberdade de consciência. Para ele, Cromwell também havia sido

³¹⁸ *Idem*, p. 388.

importante, pois, ao matar o rei Carlos I, demonstrou que não havia diferença entre as pessoas. Não havia, portanto, sangue azul, e o sangue de todos seria igual. Por fim, aponta Washington como o responsável por proclamar a fraternidade entre os povos que formavam as colônias inglesas na América.

Para Varela, todos esses acontecimentos estavam relacionados entre si e faziam parte de um encadeamento lógico: as revoluções colocaram em prática a teoria política proclamada por Cristo, a partir do que Lutero e Calvino proclamaram a liberdade, Cromwell a igualdade e Washington a fraternidade. Assim, “esos tres hechos, el Cristianismo, la Reforma, y la Revolución Americana, ligados por esa cadena misteriosa que á la larga une las grandes ideas para grandes propósitos, han venido á formar la base de la República democrática moderna”³¹⁹.

Essa cadeia de acontecimentos e as ideias pregadas por Cristo inevitavelmente haveriam de chegar à América espanhola, e, segundo nosso autor, isso ocorreu primeiramente na tentativa de revolução liderada por Tupac Amaru no Peru, que, apesar de ter sido silenciada, “en las márgenes del Plata se reconocia como una gloria americana, y quedaba arraigada en el suelo fecundo de la América, regada por el bautismo sagrado de la sangre de un mártir; de la sangre de Tupac-Amaru”³²⁰.

Porém, embora a revolução no Peru tivesse sido importante e tivesse influenciado a América, para ele, a grande inspiração para a região do Rio da Prata foi outra. “Esas ideas, admiradas desde lejos, inflamaban el corazón de los nativos de toda la América, preparando el camino que debia conducir sus patrias á la imitación del ejemplo que Washington, ofreciera en los Estados Unidos”³²¹. A Revolução Francesa, apesar de ser considerada grandiosa, era entendida por ele como um produto das ideias norte-americanas, mas que, na França, porque as ambições desfiguraram seu objetivo, acabaram afogadas em sangue derramado sem consciência.

Com isso, Varela acabou produzindo uma ligação entre os acontecimentos e mostrando o caminho que as ideias cristãs percorreram até aparecerem na Argentina:

La revolución, pues, que dio por resultado la independencia de las Provincias Unidas del Rio de la Plata, **no empezó, como se supone, el 25 de mayo de 1810**. La primera mañana del Cristianismo fué su cuna. El 4 de julio de 1776, fué la aurora de

³¹⁹ *Idem*, p. 390.

³²⁰ *Idem*, p. 391.

³²¹ *Idem*, p. 392.

la emancipación americana, porque Washinton representaba en ese momento á la América toda, levantándose potente, para recobrar su libertad querida; esa libertad que el derecho de la fuerza, habia encadenado con la conquista, y cuyas cadenas, al correr del tiempo, fueron tronchadas por la fuerza del derecho. La revolucion de Tupac-Amaru, fué el primer esfuerzo de las Colonias Españolas para conquistarlas³²².

O trecho resume o seu pensamento e apresenta o argumento de que a Argentina era participante da história universal, revelando que a ideia de história nacional estava se consolidando, pois, na narrativa histórica de Varela, o passado colonial passou a fazer parte da História – diferentemente do que ocorria antes, como nos textos de Alberdi e Sarmiento³²³.

La mañana del 25 de Mayo no era sino la obra del tiempo; era el latido del corazón de Washington repercutiendo en el corazón de Moreno y de Belgrano, el alma y el brazo de la revolución argentina, era la espada de Laffayette templando el acero de San Martín; ese grito revolucionario era la consecuencia lógica del convencimiento que el pueblo habia adquirido en 1806 de su pujanza; era el opimo fruto que ofrecía la semilla sembrada en la Reconquista y la Defensa. [...] Esse dia, espiraba un orden político despótico que excluía del Gobierno y la cosa pública á los que babian nacido en América, y tomaba forma un pensamiento que hacia tiempo calentaban en su mente los hombres únicos capaces de llevar á cabo la obra grande de constituir nacionalidades importantes, con las colonias que, durante cerca de tres siglos, habían sido los mas lucientes florones de la corona Española.³²⁴

O discurso apresenta as mudanças na história argentina como acontecimentos naturais, em que o império espanhol aparece como o vilão despótico responsável por excluir os americanos do governo de suas próprias terras. A igualdade e a liberdade surgidas da revolução protestante não existiam na América, porém, como desígnio divino, esses ideais, junto com a fraternidade posta em prática nos Estados Unidos por Washington, atingiram a América e os heróis argentinos antes da revolução. Assim, acaba criando a ideia de que aqueles homens eram os escolhidos, e apenas eles seriam capazes de levar adiante a obra de construir a nação.

Entretanto, se alguns homens foram importantes e merecem ser citados por serem os responsáveis pela implantação da república, o povo também teve participação ativa na revolução, pois, segundo ele:

tenia ya la conciencia de su poder, y el convencimiento de sus derechos. Los nativos habían luchado en las calles de las ciudades contra los invasores extranjeros; los esclavos estaban en las filas al lado de sus amos; las matronas y las vírgenes habían sentido su sus venas el calor de la sangre que amaba el suelo en que se mecía en

³²² *Idem*. Grifo nosso.

³²³ WASSERMANN, Fabio. **Entre Clio y la Polis**. *Op.Cit.*

³²⁴ VARELA, Luis V. Recuerdos históricos. *Op.Cit.*, p. 393.

cuna, y todos, hombres y mujeres, ancianos y niños, habían pronunciado la palabra, *patria*, y esa patria no la tenían, porque eran extranjeros en la misma tierra que les vio nacer³²⁵

Deve-se ressaltar que a análise de Varela sobre a independência mostrava-se diferente das feitas por outros escritores da época. Ele exaltou o povo, inclusive os escravos, como seres políticos que tinham consciência de sua situação, fazendo parecer que o ideal republicano já era parte do cotidiano da sociedade, como se a civilidade estivesse presente. Suas afirmações, com isso, opõem-se às ideias de intelectuais como Sarmiento e Alberdi, que declaravam não existir entre as massas uma cultura política, sendo necessário formar cidadãos educados e civilizados³²⁶. Todavia, deve-se questionar se esse pensamento englobava toda a região.

Apesar de não explicitar, o autor deixa transparecer que o povo de Buenos Aires foi o responsável pela independência, e que a população da cidade estava preparada para a revolução, pois os portenhos estavam participando de batalhas desde 1806. De acordo com Varela, a escola da guerra educa as massas guerreiras e forma as ideias dos homens pensadores³²⁷, e sendo assim, para que a guerra revolucionária ocorresse, só faltava o pretexto, e ele foi dado por Napoleão.

Na sequência, afirma que os líderes da revolta – Belgrano, Peña e Saavedra – já estavam pensando em liberdade e em outra forma de governo, e garante também que Belgrano queria a independência e que contava com o apoio daqueles que participavam da junta, que haviam aceito seu plano de não derramar sangue. Inicia-se, assim, a construção do herói nacional, o indivíduo responsável por pensar a independência de maneira civilizada, já que não queria uma guerra sangrenta, entendida pelos intelectuais pós-independência sempre como representação da barbárie. Entretanto, o plano de Belgrano não se concretizou, e a relação entre os *criollos* e os espanhóis tornou-se insustentável. Por esse motivo, os espanhóis tiveram que abrir os portos para o comércio com outras nações, dentre elas a Inglaterra, um fato marcante para independência:

Abiertas las puertas del Rio de la Plata á las mercaderias de los puertos extranjeros, con la invasión del progreso, venia el aumento de la renta; y la civilización se hacia por el concurso de elementos heterogéneos, que congregados al objeto de explotar la naturaleza virgen de estas comarcas, tenían un interés vital y directo en el adelanto

³²⁵ *Idem.*

³²⁶ BOTANA, Natalio. **La tradición Republicana**, *Op.Cit.*

³²⁷ VARELA, Luis V. Recuerdos históricos. *Op.Cit.*, p. 393.

de las colonias. Los patriotas lo comprendieron y apoyaron el comercio libre; los españoles europeos, veían con él cerrarse una de las arterias que alimentaba el tráfico de la madre patria, y se opusieron.³²⁸

Novamente a ideia de civilização é apresentada junto com o ideal de progresso: ela chega pelo porto e por influência da Inglaterra, vista como um país avançado e como exemplo a ser seguido, diferentemente da Espanha, entendida como atrasada e como usurpadora das riquezas americanas. Contudo, deve-se ressaltar que parte desse pensamento, principalmente em se tratando da ideia de progresso e civilização, era dos letrados que escreviam em meados do século XIX.

Para Varela, a guerra pela independência se iniciou quando os espanhóis não permitiram o comércio livre entre os americanos, patriotas e defensores da Argentina, e outros países – “el comercio *independiente*, era el precursor del Gobierno *independiente*”³²⁹. Com isso em mãos, ao se considerar o trecho citado, pode-se ver que o autor reafirma a importância dessa questão econômica para o início da guerra pela liberdade. Há, no trecho, uma demarcação clara de uma oposição entre os patriotas e os espanhóis, o que cria uma ideia de nacional como se esse sentimento já existisse entre os *criollos*, defensores da liberdade da colônia, em oposição aos espanhóis, vilões que pensavam apenas nos interesses da Metrópole: “De un lado el elemento español, el elemento que procuraba todas las ventajas para la España, con perjuicio de las colonias: del otro lado el elemento nacional, el elemento nativo, que veía en el suelo que le sirvió de cuna el patrimonio eterno de sus hijos.”³³⁰

Varela reitera, ainda, que a figura de Belgrano foi decisiva para que a Argentina conquistasse sua liberdade, e declara que, ao seu lado, estiveram Moreno e Saavedra, os pensadores e chefes da independência. Contudo, pergunta-se quem seriam os autores dessa independência, e sua resposta declara, novamente, o povo:

Todos los patriotas, todos, todos, sin nombre propio alguno; y esto es lo grande, lo sublime de ese estremecimiento político, que agitándose en las márgenes del Plata, traspasó los Andes y fué á conmover hasta los americanos del tibio Ecuador [...] Esa manifestación espontánea de todo un pueblo, de todo un mundo, estaba en la conciencia de todos, y la veían aproximarse con el lento curso que la fuerza de los acontecimientos le imprimía.³³¹

³²⁸ VARELA, Luis V. Recuerdos históricos. **La Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, tomo XVI, nº 64, agosto de 1868, p. 551.

³²⁹ *Idem*, p. 552.

³³⁰ *Idem*, p. 551.

³³¹ *Idem*, p. 553.

De acordo com o autor, a participação popular foi de suma importância para a liberdade da Argentina, visto que os habitantes de Buenos Aires estariam prontos para a independência porque tinham consciência da sua situação e dos seus direitos. Para ele, os líderes teriam agido em nome da população, que saiu às ruas contra o governo dos espanhóis, representados pela figura de Cisneros. Clamando pela liberdade, a atitude do povo lembrava a dos revolucionários franceses de 1789, e assim “por fin lució el 25 de Mayo de 1810, y á la luz de su aurora, los corazones patriotas se sintieron inflamados por la ambición de su libertad y su independencia. Era un día de completa revolución. La lluvia caía á torrentes sobre el pueblo, que la despreciaba.”³³²

A imagem dos habitantes de Buenos Aires comparada à do povo francês em 1789 é emblemática, pois denota a importância destinada por Varela à revolução. Ao relacionar essas duas situações, ele cria a imagem de um povo civilizado, instruído e consciente de seu papel social tal como os franceses, vistos como exemplos a serem seguidos. Entretanto, cabe ressaltar que essa representação idealizada do povo e da sociedade era algo típico do momento em que Varela escrevia a história da revolução. Ao retratar a população da época revolucionária dessa forma, ele criou uma ideia de sociedade que estava sendo construída a partir da opinião do grupo intelectual ao qual ele pertencia.

Em sua conclusão, publicada no tomo seguinte, Varela reafirma a ideia de que a data para se celebrar a liberdade argentina não deveria ser 1816, e sim 1810, mesmo que naquele momento a Argentina ainda fizesse parte da Espanha:

las colonias españolas, en el Rio de la Plata, deben contar la suya (independencia) desde el 25 de mayo de 1810, día en que la fuerza de la opinión pública echó por tierra las autoridades constituidas por un poder despótico monárquico, y asumieron por primera vez en la América Española la soberanía que ejercía el monarca, declarando que esa soberanía residía originariamente en el pueblo, y era fuente de todo poder público³³³.

Cabe destacar, nesse trecho, um pensamento que se faz presente no decorrer de todo o texto. Ao justificar a independência da Argentina baseado na ideia de que a soberania recaía sobre o povo e de que, por isso, eles tinham o direito de se libertar do poder monárquico, caso fosse esse opressor, Varela baseia-se no “direito natural e de gentes”, a fonte utilizada por diversos intelectuais americanos no período pós-independência para defender o direito dos

³³² *Idem*, p. 556.

³³³ VARELA, Luis V. Recuerdos históricos. **La Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, tomo XVII, nº 65, setembro de 1868, p. 33.

novos países de lutar por sua liberdade. Tal fato corrobora a tese defendida por Chiaramonte, na qual o autor explica como esse discurso foi utilizado para defender as independências dos novos países sul-americanos³³⁴.

Varela explica porque a junta criada pelos argentinos manteve a lealdade a Fernando VII. Segundo ele, em 1810, os chefes não sabiam ainda qual sistema de governo adotariam, mas já se consideravam soberanos, pois governavam a si próprios e faziam tratados como se estivessem livres. Os acontecimentos não estavam, então, de acordo com o papel, pois a junta de governo usava o nome do rei apenas como um artifício, “un artifício leal, puesto que la bula del Papa Alejandro VI, hizo de las colonias patrimonio del monarca y no de la monarquía española, y, por tanto, preso aquel, esta no tenia derecho legal alguno para gobernarlas”³³⁵. Essa situação, devido a sua anormalidade, não duraria muito tempo, ainda mais tendo-se em vista que a Argentina já tinha até uma bandeira, um símbolo importante que representava a liberdade daquele povo. Após as batalhas travadas por San Martín e Belgrano em 9 julho de 1816, houve então a declaração oficial de independência, uma data marcante não apenas para a Argentina, mas para toda a América.

Segundo Varela, “el movimiento del 25 de mayo, era el primer grito de independencia lanzado por las colonias españolas á la faz del universo; y ese grito, que había estado comprimido durante tanto tiempo, fué tan potente, tan vibrante, que repercutió en todo el continente”³³⁶. O autor cria, assim, uma ligação entre os argentinos e os outros povos americanos, afirmando que os primeiros foram os responsáveis por incentivar a liberdade dos outros países, construindo, assim, a imagem dos heróis argentinos como heróis da América.

A história sobre a independência produzida por Varela apresenta uma característica importante da denominada história nacional. De acordo com Wassermann, o que caracterizou uma história de caráter nacional durante o século XIX foi a preocupação em falar sobre todos os períodos relacionados ao país, e, no caso da Argentina, essa história deveria incluir, portanto, seu passado colonial³³⁷, o que já havia sido feito por Bartolomé Mitre em seus livros. Se essa foi uma preocupação para Mitre, também o foi para Varela, que, apesar de não se deter minuciosamente nos detalhes e acontecimentos da época colonial, como fez em

³³⁴ Esse tema já foi discutido no início do capítulo dois.

³³⁵ *Idem*, p. 38.

³³⁶ *Idem*, p. 35.

³³⁷ WASSERMANN, Fabio. **Entre Clio y la Polis. Op.Cit.**

relação ao período da independência, atrela a história da Argentina, em alguns momentos do texto, a uma origem pré-independência.

Para isso, o autor desenvolve uma analogia entre a vida dos povos e a vida dos homens alegando que ambos nascem, passam pela infância e, por fim, atingem a maioridade. Desse modo, Varela constrói uma lógica histórica para explicar a independência, que teria ocorrido já na maioridade.

Desde la conquista, durante un largo trascurso de tiempo, en el que los colonos y los salvajes se disputaban el dominio del suelo, en combates sangrientos y frecuentes; durante esa época en que los europeos erraban por las comarcas, levantando pueblos de la nada, imponiendo leyes, y destruyéndose entre ellos mismos; durante ese tiempo, decíamos, las colonias españolas *nacían* al mundo civilizado, y, sin personalidad política ninguna, continuaron una vida de *infancia*, como la del niño que se deja conducir por donde le llevan, sin saber donde vá, hasta que, instituido el Virreynalo, en las invasiones inglesas, el *pueblo nativo*, em medio de la lucha, de la sangre y de las balas, adquirió el convencimiento de su fuerza.

Habia llegado á la mayor edad, y la fuerza viril de sus músculos, retemplada por el espíritu del amor ala pátria que germinaba en su alma, se probaba en el combate heróico entre el invasor y el dueño de la tierra.

Las colonias del Rio de la Plata inauguraron una época nueva desde entonces. Los pueblos, comenzaron á hacer comparaciones, y encontraron en ellas suposición anormal, agena á las leyes de la naturaleza y de las Naciones cultas. [...] El hombre que cumple veinte y cinco años se emancipa. Las colonias habian llegado á la mayor edad, y preso el monarca que las gobernaba, salían, por derecho, de la patria potestad. La independencia, pues, fué el resultado legal de los sucesos y los tiempos.³³⁸

É possível ver, nesse excerto, a “evolução” da história argentina. Há, novamente, uma crítica ao domínio espanhol, que não foi capaz de desenvolver a região, o que só viria a ocorrer momentos antes da independência, justamente quando os donos da terra, já carregados de um amor patriótico, tiveram que se defender dos inimigos. Na sequência, há uma reafirmação do fator natural da independência e da liberdade, e o trecho se encerra com uma fundamentação da história na lógica criada por meio da analogia entre o desenvolvimento dos homens e das nações.

Apesar de construir uma história bastante positiva sobre o papel dos argentinos, visto que englobou o povo, os dirigentes e os heróis, Varela conclui o artigo com uma crítica a um determinado grupo. Se, ao escrever sua história, ele difere, em alguns aspectos, de outros intelectuais, incluindo o povo como um agente importante, por exemplo, ele também afirma categoricamente, como outros letrados, que os problemas que surgiram após a independência ocorreram devido aos caudilhos. Seu argumento sobre os problemas posteriores à revolução se baseia no fato de que:

³³⁸ VARELA, Luis V. Recuerdos histórico. *Op.Cit.*, p. 35.

la revolución de Mayo solo pensó en la Independencia de la patria, y nuestros padres, educados en una escuela monárquica, privados de los elementos y libros que hacen conocer á los pueblos la conveniencia de los régimenes políticos que adoptan, no tenían una idea de la república, ni de sus ventajas.

Os problemas que influenciaram na divisão e nas brigas entre os dirigentes que comandavam a política, eram resquícios dos anos em que esses homens viveram sob o regime monárquico dos espanhóis habituados com a anarquia. Porém, os responsáveis foram os líderes das províncias, o que ele chama de *caudillo*

Con Artigas en la Banda Oriental, con Ramires en Entre Rios, con Bustos en Córdoba, con López en Santa Fé, con Guemes en Salta, con un caudillo, en fin, en cada Provincia; cada una se erigió un gobierno propio, y desconociendo al Director General, trajeron el desquicio de la Nación, encendiendo la hoguera de los celos y las enemistades entre porteños y provincianos, y produciendo, á la larga males, que recién hoy la generacion presente procura remediar³³⁹.

Ao finalizar o texto, é a esse grupo que ele critica, defendendo que esses fatos levaram o país, sempre visto como algo que já existia antes mesmo da revolução, a sofrer durante 40 anos com guerras internas causadas e mantidas pelas figuras bárbaras que eram as lideranças das províncias. A época na qual Varela escrevia já era, porém, nova, uma época na qual já haviam acontecido mudanças e na qual os responsáveis pelos problemas haviam sido derrotados. Na sua visão, a constituição de 1860 era o maior símbolo de que a união havia retornado ao país e de que as disputas entre as províncias acabariam. Vale destacar, ainda, o final do texto, que se encerra de uma maneira bastante ufanista, concordando com os demais intelectuais da época no que diz respeito à importância do progresso e da civilização para o futuro do país:

Felizmente, los pueblos hoy se hallan unidos. Catorce Estados se han congregado á la sombra de la bandera que recuerda las glorias argentinas; cobijados por ella, el progreso y la civilización se dilatan en todos los ámbitos de la República; y mañana, cuando los músculos de fierro del ferro-carril los haya ligado mas, y envueltos en una red de alambres eléctricos, se transmitan instantáneamente su pensamiento y sus socorros, los argentinos podrán, agradecidos y tranquilos, doblar la rodilla ante el Dios que rige los destinos de los pueblos, y grabar con letras de oro, en el libro sagrado de la historia, solo tres fechas, que encierran el epítome de una historia digna de la pluma de Plutarco. 25 de mayo de 1810! 9 de julio de 1816! 22 de setiembre de 1860.³⁴⁰

³³⁹ *Idem*, p. 42.

³⁴⁰ *Idem*, p. 48.

3.4. A revolução de independência e seus personagens.

Belgrano, San Martín e Simón Bolívar foram alguns dos mais recorrentes nomes na seção de história da RBA. Se o artigo de Varela foi o único dedicado exclusivamente à história da revolução, não faltaram meios para os organizadores e colaboradores abordarem o tema da independência, sendo a biografia o mais comum deles. Vários foram os personagens contemplados, desde os mais famosos e conhecidos atualmente, como os supracitados, até outros, menos consagrados pela historiografia. Entre todos os personagens, San Martín foi o principal em um grande número de textos, recebendo diversos elogios.

De maneira geral, todos os homens que participaram da guerra foram considerados patriotas e heróis, pois contribuíram de maneira fundamental para a Argentina libertar-se da opressão dos espanhóis. É possível, portanto, encontrar características comuns a todos esses textos, independente do posto ocupado pelo biografado. Tais propriedades comuns demonstram a tentativa, por parte dos letrados, de construir uma ideia do período da independência na qual os combatentes e revolucionários que nela lutaram fossem, mesmo antes das batalhas, patriotas que pensavam na liberdade e na Argentina como um país livre.

A preocupação em escrever a história por meio de personagens considerados importantes aparece logo no primeiro tomo da RBA. Nos primeiros quatro números, San Martín³⁴¹, Belgrano³⁴² e Fray Luis Beltran³⁴³ foram biografados – os dois últimos com textos breves, e San Martín com um artigo mais extenso. Além deles, Francisco de Borja Vasconcelos, sargento do exército libertador, foi tema de um texto que relata sua participação na batalha de Maipú, em 1818. Tal texto, apesar de não se caracterizar como biografia, relata a participação do Sargento na guerra e o distingue como patriota.

A característica fundamental desses artigos é que eles foram construídos por meio do engrandecimento da história de vida dos homens biografados, que passaram a ser apresentados como argentinos que lutaram pela independência de sua pátria. Isso fica explícito nesta introdução às memórias de Gregorio Araoz de La Madrid:

³⁴¹ IRIGOYEN, Bernardo de. Recuerdos del general San Martín. **Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, Tomo I, nº 3 e 4, julho e agosto de 1863.

³⁴² IRIARTE, Tomas. Fragmentos históricos – El general Belgrano. **Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, Tomo I, nº 1, maio de 1863.

³⁴³ QUESADA, Vicente G. Fray Luis Beltran, teniente coronel del ejército de los Andes. **Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, Tomo I, nº 4, agosto de 1863.

Volúmenes enteros podrían escribirse si se tratara de reunir en un cuerpo las acciones heroicas y los rasgos de valor con que nuestros mayores hicieron inmortal la historia de nuestra independencia, enseñando al mundo y á sus propios dominadores que la América española era digna de apellidarse libre y vivir independiente.³⁴⁴

No caso de Vasconcelos, o relato sobre sua participação na guerra é representativo da maneira pela qual os espanhóis eram tratados em comparação aos argentinos. Vasconcelos foi aclamado como “guerreiro da independência”, um homem que lutava pela pátria, que, mesmo ferido em combate, conseguiu lutar contra quatro ou cinco espanhóis, “dominados de esa iracundia vengativa y sanguinaria en que ardían por esos tiempos los españoles, aun contra los mas inofensivos americanos.”³⁴⁵ A ideia aqui apresentada é, claramente, a de um argentino civilizado lutando contra os dominadores violentos, bárbaros.

No caso do Fray Luis Beltran, Quesada escreve uma breve biografia enfatizando sua participação na guerra. Ao relatar o momento em que o religioso decide lutar contra os espanhóis, o autor constrói a imagem ideal do patriota:

La revolución de la independencia lo encontró en su celda, oscuro y resignado, pero la ínteligencia del fraile estaba preparada para la libertad; aquellas ideas conmovieron su corazón y agitaron su inteligencia. La celda fué desde entonces estrecha para él; el convento le pareció pequeño, sobre todo sentía que podía ser útil á su país y no se resignaba á ser pasivo espectador de aquel movimiento de regeneración.³⁴⁶

Conforme o texto, a guerra pela independência teria retirado o religioso de uma situação desconfortável, e ele, como um homem sábio e educado, sentiu-se tocado por uma aura revolucionária, o que o fez abandonar o convento onde estava desde menino para juntar-se aos outros patriotas que lutavam por seu país. Cabe ressaltar o fato do que, segundo o relato de Quesada, ele aceitou essa situação por ser um homem com muitos conhecimentos, fato que o fez compreender o papel que deveria desempenhar.

Essa situação é uma característica recorrente nas biografias que aparecem na RBA: os patriotas são sempre homens inteligentes que entendiam a situação e, por isso, decidiam doar sua vida pela causa revolucionária de um país que já existia, mas que ainda era dominado pelos violentos espanhóis. Eis que reaparece, novamente, a dicotomia civilização e barbárie.

³⁴⁴ MUÑOZ, Juan Ramon. Memorias postumas del General argentino Don Gregorio Araoz De la Madrid. **Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, Tomo II, nº 8, dezembro de 1863.

³⁴⁵ ESPEJO, Gerónimo. El sargento Vasconcelos, episodio de la batalla de Maipú, el 5 de abril de 1818. **Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, Tomo I, nº 4, agosto de 1863.

³⁴⁶ QUESADA, Vicente G. Fray Luis Beltran, teniente coronel del ejército de los Andes. *Op.Cit.*, p. 536.

Os argentinos dessa época eram sempre apresentados como civilizados, patriotas e defensores de uma causa justa. Em outra passagem, isso se torna ainda mais explícito:

Los servicios del fraile eran cada día mayores; el capitán Beltran no era ya el humilde sacerdote, sino el valiente campeón de la causa de la patria. Su entusiasmo reflexivo habia adquirido un brillo mayor, la convicción habia doblado su energía y su valor, su inteligencia parecía elevarse á medida que se ensanchaban los horizontes de los países en que era reclamado el ausilio del ejército y el esfuerzo de los argentinos. Fray Luis habla cedido su lugar al capitán Beltran³⁴⁷.

Assim como Beltran, Gregorio Araoz de la Madrid também foi representado como um herói patriótico, que deveria figurar ao lado do nome de San Martín devido aos seus feitos militares no Alto Peru. Entretanto, de acordo com a RBA, esse homem valoroso “no cesó de batallar hasta 1855 en que murió, siempre resuelto y abnegado, y en defensa siempre de los principios de nuestra revolución y de toda buena causa”³⁴⁸, sendo que a boa causa à que se refere o texto é, obviamente, aquela defendida pelos intelectuais que escreviam na revista, a causa da civilização:

y fiel á sus antecedentes combatió sin descanso á los caudillos del interior, durante las épocas mas difíciles de la revolución argentina. Asistió á las campañas del Brasil en los años 1827 y 28, y en la gloriosa lucha contra el dictador Rosas, figuró siempre al lado de los generales Lavalle y Paz, con quienes compartió las glorias y los reveces³⁴⁹.

Sendo assim, a história produzida na RBA tinha como objetivo criar uma estreita ligação entre os acontecimentos revolucionários e a ideia de civilidade, em voga nos meados do século XIX, a partir de seus personagens, sempre caracterizados como homens sábios e valorosos. As biografias tinham o objetivo de demonstrar que os heróis da época da independência defendiam as mesmas ideias que os grupos políticos com os quais os autores mais se identificavam, como fica claro no trecho citado. Os organizadores e participantes da RBA apresentavam-se, de certo modo, como continuadores e seguidores daqueles heróis, e usavam de suas memórias para criar o ambiente político desejado por eles: “Sea esta publicación un pequeño tributo rendido á la amistad y al heroísmo, y sirva ella de punto luminoso donde el patriota argentino pueda detener su mirada en medio de la oscura noche que una prolongada anarquía dilata sobre el horizonte de su patria!”³⁵⁰

³⁴⁷ *Idem*, p. 539.

³⁴⁸ MUÑOZ, Juan Ramon. *Op. Cit.*, p. 483.

³⁴⁹ *Idem*.

³⁵⁰ *Idem*, p. 486.

Essa ideia também aparece em outras passagens. No Tomo XVII, Antonio Zinny escreve a biografia de Ignacio Alvarez y Thomas³⁵¹, um peruano que participou da guerra pela independência da Argentina e da América, além de ter ocupado cargos políticos e de ter sido embaixador pelo novo estado do Rio da Prata. Na introdução do artigo, Zinny apresenta a ideia que guiou o seu texto:

En el universal trastorno y desdicha en que por tantos años se encontró sumida la República Argentina por la discordia sangrienta que la despedazaba, el señor Alvarez, como una de sus victimas, apesar de haber tenido la gloria de ser contado en el número de los actores en la grande escena de la emancipación americana, á la que sirvió sin interrupción y con el mas decidido empeño desde el primer día en que lució el sol de Mayo, en la capital de Buenos Aires, tanto en la carrera militar, como en los empleos políticos de que mas adelante haremos mención, tenia el derecho de esperar que algun día sus compatriotas harian justicia á los sufrimientos de los hombres históricos que han arrastrado tantas penalidades por sustraerse al que oprimía y degradaba la pátria.³⁵²

A biografia de Ignacio Alvarez y Thomas tornou-se um meio para o autor atacar seus adversários políticos, tanto aqueles que já haviam perdido, como Rosas, que foi o responsável por perseguir Alvarez y Thomas, como os que ainda estavam na ativa e representavam a continuidade dos federalistas. Essa ideia torna-se aparente quando Zanny culpa os que criaram a divisão e, conseqüentemente, os problemas no país pós-independência, ou seja, os caudilhos que ainda perseguiram os heróis da revolução.

Como já mencionado, existe tanto uma aproximação entre os personagens da independência e aqueles que escrevem na RBA quanto um distanciamento entre eles, os personagens, e os inimigos políticos dos autores. Nesse caso específico, os inimigos foram os responsáveis pelo sofrimento do herói. O autor, entretanto, se coloca como o contraponto, ele é o salvador da memória do homem histórico. Aprofundando a relação com o herói, Zanny afirma:

Por lo demás, colocado siempre en las filas de **la civilización y el progreso**, contribuyó con todos sus esfuerzos á establecer en su patria adoptiva un gobierno verdaderamente republicano, que por sus liberales instituciones diese garantías positivas á la sociedade. Cuando parecía que los fundamentos de esta obra preparaban la consolidación de un porvenir venturoso, el genio del mal, interponiéndose, trozó en mil fragmentos todos los vinculos y desencadenó las furias para hacer de la República un caos, en que la imaginacion divagaba contemplando tamaña desgracia! Los insignes varones que habían admirado al mundo, ora con sus proezas de valor, ora con su encantadora elocuencia, ya con su patriotismo ó ya con

³⁵¹ ZINNY, Antonio. El general don Ignacio Alvarez y Thomas. **Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, Tomo XVII, nº 67, ano 1868.

³⁵² *Idem*, p. 383.

su genio, merecieron del *tirano* el ser proscriptos, ó ignominiosa é inhumanamente decapitados.³⁵³

A afinidade entre os grupos está presente na ideia de civilização e progresso. O autor, do mesmo modo que outros colaboradores da RBA, apresenta o pensamento dos letrados que escreviam em meados do XIX como a continuidade dos ideais defendidos pelos revolucionários no início do século. Eles seriam os únicos defensores das ideias liberais e republicanas, opondo-se ao grupo que defendia a tirania. Remetendo-se ao problema das disputas provinciais, o autor ataca novamente os seus inimigos, os únicos responsáveis pelo caos.

A história produzida por Zanny carrega um profundo conteúdo político. Como em uma propaganda partidária, ele repetidamente acusa os adversários e exalta os aliados, adotando claramente a ideia do bem contra o mal, dos heróis contra o tirano. Isso não é algo inovador, pois, de acordo com Wassermann, essa prática era comum durante as décadas anteriores, nas quais cada grupo político usava o mito de origem como propaganda política própria³⁵⁴. Todavia, isso é um indício de que os organizadores da RBA e seus colaboradores adotaram um discurso civilizador e contrário aos problemas anteriores, mas mantiveram uma prática política conflituosa – tal como afirmaram Sabato e Donghi³⁵⁵.

Ademais, o que essas biografias afirmam é que as disputas políticas causadas pelos caudilhos federalistas contribuíram não apenas para destruir as conquistas da revolução, mas também para prejudicar a vida dos heróis revolucionários. Construiu-se, então, uma história em que os personagens importantes foram vítimas dos problemas causados pelas guerras internas.

Outro personagem que sofreu com isso foi Félix de Olazabal³⁵⁶, que, com apenas 15 anos de idade, já estava animado com o amor pela pátria e, por isso, decidiu entrar para o exército. Porque era um homem inteligente, subiu de posto rapidamente, e lutou em batalhas importantes como Chacabuco e Maipú. Comandado por San Martín, participou da libertação do Peru e ganhou muitas medalhas por suas atitudes. Depois disso, em “2 de julio de 1825 se

³⁵³ *Idem*, p. 384. Grifo nosso.

³⁵⁴ WASSERMANN, Fabio. **Entre Clio y la Polis. Op.Cit.**

³⁵⁵ SABATO, Hilda. **Historia de la Argentina, 1852-1890. Op.Cit.** e HALPERIN DONGHI, Túlio. **Una nación para el desierto argentino. Op.Cit.**

³⁵⁶ QUEVEDO, Juan B. El general don Félix de Olazabal. **Revista de Buenos Aires.** Buenos Aires, Tomo V, nº 19, ano 1864.

presentaba al gobierno argentino en esta ciudad, en medio de un reducido número de jefes, reliquias preciosas de aquel ejército insigne, benemérito de la patria, que habia trazado con sus hechos una pajina de gloria inmortal en la historia americana”³⁵⁷.

Eis a descrição geral feita por Quevedo sobre o heroísmo e a participação de Olazabal na guerra de libertação. Porém, seu histórico não foi suficiente para que os federalistas, comandados por Rosas, desistissem de perseguir o herói. Em 1828, quando regressou para Buenos Aires depois de lutar contra o Brasil na disputa pela Banda Oriental, “la anarquia comienza á desempeñar su rol funesto”³⁵⁸. Segundo o autor, não demorou para que Olazabal começasse a ser perseguido.

Olazabal fué al principio partidario de Rosas, porque él, lo mismo que todo el país, veía en aquel, una esperanza de paz, por ser el hombre que se levantaba sobre todos los partidos con el ánimo resuelto de propender á la amalgamación de las pasiones desbordadas de una manera tan vehemente y fatal. Pero bien pronto evidenció sus instintos de malvado, el bárbaro tirano, que hizo del país un patrimonio propio, esclavizándolo con ignominia [...] Establecida la dictadura, el jeneral Olazabal abandonó su país para buscar asilo en el Estado Oriental á cuya independencia habia contribuido, llevando la resolución firme, de combatir al déspota en cuanta ocasión le fuera posible hacerlo³⁵⁹.

As biografias publicadas na RBA sempre construíram, portanto, uma boa imagem dos personagens que lutaram na guerra, exaltando suas qualidades, seu heroísmo e, sobretudo, seu patriotismo, tentando criar uma empatia entre os leitores da revista e aqueles homens notáveis. Ao mesmo tempo, usavam essas histórias para culpar os adversários políticos pelos problemas e pelos sofrimentos dos heróis, construindo assim uma opinião negativa sobre eles, chamando-os de tiranos, ditadores e bárbaros que pensavam apenas nos seus interesses pessoais, e não na pátria. Outra característica comum nesses artigos biográficos apareceu também no texto de Varela: uma de suas afirmações mais recorrentes é de que os argentinos já tinham um sentimento nacionalista, patriótico, e que a pátria existia antes mesmo da guerra de independência³⁶⁰. De acordo com ele, por esses motivos, era natural que a libertação dos povos americanos acontecesse mais cedo ou mais tarde.

³⁵⁷ *Idem*, p. 443.

³⁵⁸ *Idem*, p. 444.

³⁵⁹ *Idem*, p. 446.

³⁶⁰ Conforme abordado no capítulo dois, esse pensamento predominou por muitos anos na historiografia argentina e americana. Seu principal responsável foi Bartolomé Mitre em sua biografia sobre Belgrano.

Um artigo que expressa bem essa ideia foi publicado por Pedro P. Ortiz no Tomo VI com o título de *El general Miranda y Hamilton*³⁶¹. Nele, o autor se propôs a dissertar sobre Francisco de Miranda, um caraquenho importante para a independência de seu país, a Venezuela, e para a libertação da América. O foco do artigo era relatar a relação entre Miranda e Hamilton, um ex-funcionário do governo estadunidense. Segundo o autor, Miranda havia buscado a ajuda de Hamilton para, anos antes da revolução, planejar a independência da América com a ajuda da Inglaterra e dos Estados Unidos da América. Esse fato, que na RBA é confirmado através da publicação de uma fonte, uma carta de Miranda à Hamilton, foi usado por Ortiz como argumento legítimo para afirmar o seguinte:

no hay un error mas grande como el creer que la emancipación de la América Española fuese un acontecimiento casual y aislado, y no un hecho fijo, natural y lógico, que se desprendia necesariamente del movimiento de las ideas y necesidades políticas del tiempo. Muchos años antes que naciera el pensamiento de libertad en el pecho de nuestros antepasados, ya habia espíritus activos é inteligencias previsoras, que se preocupaban en Europa y América del destino de estos países; y estaban acechando solo una oportunidad para obrar³⁶².

Similar a outras biografias, o artigo exalta Miranda, seus pensamentos e todo o seu conhecimento, além de suas boas relações em outros países, entre eles a França, a Inglaterra e os Estados Unidos. Ele é forjado como um herói letrado que pensava sempre “en la independencia de su patria [...] [que] se reunió en Paris con algunos mejicanos y sud-americanos que aspiraban con él á la libertad de la América española, y todos juntos acordaron un proyecto que Miranda debia proponer al gobierno inglés”³⁶³. Com isso, construiu-se, mais uma vez, a imagem do personagem herói que se dedicou à causa da liberdade mesmo antes de ela acontecer. A história foi construída através de uma lógica que procurava afirmar a ideia de nação como algo natural e pré-existente.

Nesse caso, a figura heroica foi um venezuelano, que durante o século XIX já havia sido consagrado como herói de toda a América. Entretanto, se muitos sul-americanos foram responsáveis pela independência e receberam destaque por isso nos artigos da RBA, parte dos textos apresentam os argentinos como os responsáveis pela liberdade, e não apenas de sua região, mas de toda a América que estava sob o domínio da Espanha. E isso porque, além de

³⁶¹ ORTIZ, Pedro P. El general Miranda y Hamilton. **Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, Tomo VI, nº 21, ano 1865.

³⁶² *Idem*, p. 74.

³⁶³ *Idem*, p. 78.

iniciar a guerra contra os colonizadores, eles continuaram em combate até libertarem o Peru. O maior exemplo desses heróis é, pois, San Martín, que foi reconhecido como um dos libertadores da América ao lado de Simón Bolívar.

3.4.1. San Martín, o libertador da América.

Hoje, ao se entrar na Catedral Metropolitana de Buenos Aires no final da tarde, uma cena chama a atenção. Muitas pessoas se aglomeram em um espaço situado no lado direito da nave para assistir à troca da guarda que protege o santuário destinado aos restos mortais de San Martín. As pessoas, a maioria argentinos, além de baterem fotos e assistirem comovidas ao cerimonial, aplaudem efusivamente. Todos que visitam o mausoléu do herói nacional ficam encantados com a beleza e o cuidado destinado àquele espaço: uma grande bandeira com as cores da Argentina está estendida sobre seus restos, e, à sua volta, estão citadas as batalhas importantes que levaram à independência da América. Todo esse ritual representa a importância que o personagem exerce sobre o imaginário dos argentinos. Todavia, grande parte disso se deve a uma construção histórica que se iniciou no século XIX.

Muitos foram os termos usados para elogiar esse personagem. Em praticamente todos os artigos biográficos, San Martín sempre aparece sendo elogiado e exaltado como um grande argentino, como o herói que libertou a América da opressão dos espanhóis, um exímio guerreiro e estrategista. Entre os diversos elogios que recebeu, cabe destacar os proferidos por Juan B. Quevedo, que, em seu artigo sobre Olazabal, ao se referir à decisão de San Martín de seguir sua luta contra os espanhóis, afirma:

Animado por un deseo ardiente de terminar la magnánima empresa de consolidar nuestra independencia, meditó el jeneral San Martín, **este Aníbal americano**, la expedición á Lima; pensamiento atrevido, y temerario quizá, **si no hubiera brotado de esa gran cabeza**, destinada á superar la fama militar de muchos capitanes renombrados; y que, sea dicho con verdad, solo pudo efectuarse con soldados tan admirables como los vencedores de Maipú³⁶⁴.

Os dois trechos grifados são representativos dos elogios destinados a San Martín, uma pessoa inteligente e obstinada com um sentimento nobre de libertar a América. Contudo, o fato de ser chamado de Aníbal é bastante elogioso, tendo em vista que esse personagem ficou marcado na história ocidental. Aníbal foi um general cartaginês que participou da segunda guerra púnica, travada entre Cartago e o Império Romano no século III a.C., ficando

³⁶⁴ QUEVEDO, Juan B. El general don Félix de Olazabal. *Op.Cit.*, p. 439. Grifo nosso.

conhecido como um dos maiores estrategistas de guerra ao derrotar o poderoso exército romano em diversas batalhas³⁶⁵. Foi, pois, desse modo que a imagem de San Martín foi construída.

O artigo mais relevante e completo abordando sua vida foi publicado no Tomo I na RBA³⁶⁶. Escrito por Bernardo de Irigoyen, o texto analisou todos os períodos da vida do general, desde seu nascimento até sua morte, além de apresentar diversas outras características a respeito do discurso histórico produzido pela RBA. No início do artigo, o autor manteve o padrão das biografias publicadas na RBA, fazendo um breve levantamento dos acontecimentos que marcaram a vida de San Martín, elogiando sua esperteza e inteligência bem como as escolhas que fez. De acordo com Irigoyen, o libertador da América nasceu em uma família abastada. Seu pai era governador da província de Misiones e enviou-o para estudar em Madri, onde San Martín mostrou-se um excelente aluno com muito conhecimento. Passados os anos, acabou escolhendo a carreira militar como profissão e alistou-se no exército espanhol. Ao seguir a carreira militar, teria subido de posto rapidamente, e sua participação na guerra contra a invasão francesa, de acordo com o autor, foi digna de muitos elogios na época.

É importante perceber, nesse momento, que, ressaltando esse fato, Irigoyen cria, na biografia de San Martín, a imagem de um homem com vasto conhecimento e experiência militar desde sua juventude. Dadas suas características, abandonar a Espanha em favor das Províncias do Rio da Prata não teria sido nada surpreendente, e sim algo natural para um homem como ele.

Tal era la situación de la España y la posición de San Martín, cuando las provincias del Rio de la Plata, oprimidas por el despotismo de trescientos años, abandonadas á sus propios recursos para resistir ál extranjero, encadenadas en el vuelo de su prosperidad, salieron de la insensibilidad en que yacian, y comprendieron que había sonado el momento de emanciparse del poder de una nación, incapaz de conducir las con dignidad, y hábil solo para legares sus adversidades y sus contiendas extranjeras. **Buenos Aires fué la ciudad elegida por la Providencia para encabezar la gloriosa revolución que dió existencia y derechos á un mundo**³⁶⁷.

³⁶⁵ GARRAFFONI, Renata Senna. Guerras Púnicas. In: MAGNOLI, Demétrio (Org.). **História das Guerras**. São Paulo: Contexto, 2006, pp. 47-76.

³⁶⁶ IRIGOYEN, Bernardo de. Recuerdos del general San Martín. **Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, Tomo I, nº 03, julho de 1863.

³⁶⁷ *Idem*, p. 325. Grifo nosso.

Nesse sentido, tal como Varela afirmava que a independência era algo natural e que estava divinamente predestinada a acontecer, Irigoyen havia feito, anos antes, essa mesma afirmação, pois destacou o papel de Buenos Aires como a província eleita em detrimento das outras. Assim, o autor criou a ideia de que Buenos Aires “lanzó la primera el grito de libertad, que resonando en todos los ámbitos del continente, estremeció la corona del monarca español”³⁶⁸ – e aqui encontramos, novamente, a imagem dos argentinos como os responsáveis pela libertação de toda a América. Tendo em vista esse enredo, San Martín, com toda sua inteligência e patriotismo, não tinha outra escolha senão optar por sua pátria, pois:

nacido en las provincias del Plata, abrigaba un corazón argentino; y **su alma noble, su inteligencia superior**, no podían ser indiferentes á una lucha en que debía jugarse la existencia y el porvenir de su tierra natal. Sintióse en efecto conmovido al escuchar la exclamación de mayo; volviéronse sus ojos á la Pampa Argentina: y ante la expectativa gloriosa de este pueblo heróico, que se dispone á recobrar sus derechos, comprendió San Martín que se abría **una lucha entre el despotismo español y la libertad americana**, y que en ella le tocaba consagrar sus simpatías y su espada al sagrado principio de la emancipación³⁶⁹.

Irigoyen conclui assim seu argumento sobre os motivos que levaram San Martín a abandonar a Espanha para defender os interesses da Argentina e da América. De acordo com o discurso do autor, ele era um patriota como todo herói argentino, e também um defensor da liberdade. Deste modo, não podia ficar indiferente aos acontecimentos que ocorriam em sua pátria. Perceba-se que, nesse artigo, seguindo a tendência dos outros já apresentados, a nação aparece como já existente, mesmo antes da guerra de libertação terminar.

A construção da imagem do herói prossegue. San Martín chegara a Buenos Aires com a guerra já em curso. Ao se apresentar ao governo, devido aos seus conhecimentos militares, foi agraciado com o comando de uma divisão do exército. Com uma narração muito elogiosa, Irigoyen exalta a primeira batalha de San Martín, da qual saíra vitorioso:

los soldados argentinos vencieron completamente á los realistas, conquistando un triunfo inmortal para la nación. La sangre de San Martín vertida en aquella jornada gloriosa, [...] Su nombre resonó con entusiasmo en toda la República: la revolución americana cifro ya en él risueñas esperanzas, y el gobierno congratulo su triunfo con el grado de coronel.³⁷⁰

Fica evidente a exaltação do personagem, um herói que constrói sua carreira com o tempo, saindo de uma posição baixa e conquistando com sangue o seu espaço. Outra

³⁶⁸ *Idem*, p. 326.

³⁶⁹ *Idem*. Grifo nosso.

³⁷⁰ *Idem*, p. 328.

característica presente nessa passagem e que deve ser enfatizada é, pois, a construção da imagem de San Martín como um salvador não apenas da nação, mas também da América. Seu triunfo é a esperança de todo o continente. Porém, antes de aprofundar essa questão, é relevante que se apresente, ainda, outro trecho do artigo, fundamental para que se compreenda a tentativa do autor em conectar o herói aos letrados que escreviam em meados do século XIX. Após suas primeiras vitórias e devido a um problema de saúde, San Martín decidiu ajudar a nação de outro modo. Então, de acordo com Irigoyen:

[San Martín foi] nombrado intendente de Mendoza, trasladóse á la capital de aquella provincia, y despues de haber reconocido su localidad, costumbres y clima, se dedicó á impulsar la industria, fomentar el comercio mejorar sus instituciones, **y á favorecer el desarrollo de la civilización**, habilitando campos abandonados, fertilizando por medio del regadío estériles llanuras, y ennobleciendo las costumbres sociales.³⁷¹

Além de um excelente comandante militar, foi também um governante modelo. Era defensor do desenvolvimento e da civilização, sendo esta entendida como sinônimo de progresso industrial. Esse discurso, além de ser, claramente, o mesmo que é defendido por um determinado grupo político já abordado nesse trabalho³⁷², trata-se de um pensamento comum entre os organizadores e colaboradores da RBA. Conforme visto, se outros heróis foram apresentados como defensores da ideia de civilização, San Martín também deveria sê-lo, tendo em vista a importância de seu nome.

Diante disso, então, Irigoyen afirma que foi a partir de Mendoza que o herói argentino formou o exército para libertar o restante da América. Quando a ideia de emancipar o Chile foi apresentada pelo general Tomas Guido, “San Martín lo acogió con entusiasmo, y nó pensó ya sino en la realización de aquella venturosa idea, y en la urgente necesidad de confundir en brazos de la libertad, los destinos de todos los Estados americanos, borrando sus demarcaciones y haciendo de todos ellos una patria común”³⁷³.

Nesse discurso, é possível perceber outro pensamento comum entre os letrados americanos ao longo do século XIX, a união entre os países sul-americanos. Como visto, o sentimento mais comum na época da independência estava relacionado à ideia de América, que, naquele momento, refletia a ideia de liberdade³⁷⁴. Todavia, na época em que o artigo foi

³⁷¹ *Idem*, p. 334. Grifo nosso.

³⁷² BOTANA, Natalio. **La tradición Republicana**, *Op.Cit.*

³⁷³ IRIGOYEN, Bernardo de. Recuerdos del general San Martín. *Op.Cit.*, p. 336.

³⁷⁴ CHIARAMONTE, José Carlos. **Cidades, províncias, Estados. Orígens da nação argentina (1800-1846)**.

publicado, existia a preocupação dos organizadores em perpetuar essa ligação entre os países sul-americanos devido à sua ligação histórica. Diante disso, pode-se inferir que o desejo de San Martín, segundo Irigoyen, visava, conforme seu uso pelo autor, a reforçar o discurso dos organizadores da revista, ou seja, demonstrava aos leitores que o herói e a RBA compartilhavam a mesma ideia de unidade americana.

Em seguida, o autor descreve minuciosamente as batalhas ocorridas em solo chileno entre o exército comandado por San Martín e os espanhóis. Dessa descrição, alguns pontos podem ser ressaltados. Primeiro, o fato de o autor utilizar diversas fontes históricas para enriquecer o seu discurso – dentre as quais se destacam o uso de cartas trocadas entre o biografado e outros generais e a utilização de documentos oficiais e de notícias de jornais da época da revolução. Além dessas fontes, o biógrafo utilizou, também, alguns relatos, como o que foi escrito pelo próprio San Martín sobre a batalha de Maipú³⁷⁵.

O segundo ponto relevante diz respeito à construção da imagem do herói. Na primeira batalha em território chileno, a atitude de San Martín é descrita por Irigoyen desta forma:

San Martín fué el primero que hizo brillar su espada en aquella gloriosa jornada; San Martín fue el primero que, puesto á la cabeza de sus granaderos, dió el ejemplo de la carga, acometiendo con heroico teson al enemigo, y haciendo resonar los golpes mortales de su espada. De lo mas encendido del campo de batalla, de entre el polvo y el humo del combate, sacaron á San Martín sus granaderos, recordándole que **si él perecía la independencia de la América fracasaba**; y el bravo general al deferir á los ruegos de sus amigos, “Compañeros, exclamaba, todo lo espero de vosotros”. Puesto al frente del ejército, dirigía sus movimientos con pericia, entusiasmaba con su ejemplo, fortalecía con su vista, **y favorecido por la Providencia**, conquistaba una cumplida victoria.³⁷⁶

No discurso fica explícita a criação de uma imagem algo mística do general, visto que ele teria sido favorecido pela providência, ou seja, foi um escolhido de Deus. Essa ideia contribui para reforçar o pensamento de que a independência foi um desígnio do Senhor, que ela fazia parte da sua obra divina. Além desse misticismo, o trecho revela ainda a importância destinada a esse herói, pois afirma que, sem ele, a liberdade da América não seria possível. Desse modo, reitera, portanto, a concepção de que os argentinos foram os responsáveis por derrotar os espanhóis.

³⁷⁵ IRIGOYEN. Bernardo de. Recuerdos del general San Martín. **Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, Tomo I, nº 4, ano 1863, p. 489.

³⁷⁶ IRIGOYEN. Bernardo de. Recuerdos del general San Martín. **Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, Tomo I, nº 3, ano 1863, p. 343. Grifo nosso.

A maneira pela qual a narrativa se desenvolve é digna de um herói grego que recebia apoio dos Deuses. O brilho da espada, a tensão criada no inimigo, os seus golpes mortais; o autor criou a imagem do herói perfeito, que deveria ser amado e respeitado por todos. Contudo, isso não ocorreu. No artigo, que prossegue no número seguinte da RBA, o autor, após relatar a vitória no Chile e o desejo de San Martín de libertar o Peru, levanta um tema importante para os intelectuais de meados do XIX, a divisão entre as províncias: “Las desgraciadas disenciones civiles que dividían desde el año 16 á las Provincias Argentinas, hablan relajado sus vínculos, sembrando la anarquía entre los pueblos”³⁷⁷.

Esse acontecimento tornou-se, de acordo com Irigoyen, um dos problemas que San Martín teve que enfrentar para conseguir libertar o Perú:

Las inquietudes de la República, la inestabilidad de sus autoridades, y la decadencia de sus rentas, no le permitieron llevar prontamente á cabo su atrevida empresa (libertar o Perú), y regresó á la provincia de Mendoza, donde permaneció algunos meses, sino reparando su salud, mitigando al menos sus dolencias.³⁷⁸

Esse quadro só se alterou quando os chilenos decidiram tentar libertar Lima dos espanhóis, pedindo a ajuda de San Martín, que atendeu prontamente, seguindo para o Chile e depois para o Peru. San Martín conseguiu libertar a capital peruana, mas sua campanha foi novamente prejudicada por problemas internos. Com o objetivo de derrotar todos os espanhóis que ainda estavam em terras americanas, o general pediu ajuda ao governo argentino e às províncias. Nas palavras de Irigoyen:

Las provincias, aunque divididas por antipatías locales y por las consecuencias inherentes á una transición absoluta en su modo de ser, se ligaban ante el peligro común y la gloria nacional, sentimiento que encadena y confunde las voluntades de los pueblos. Animadas de honroso civismo ofrecían sus recursos y sus disposiciones en favor del pensamiento que proponía el gran capitán de la América.³⁷⁹

O projeto de San Martín era tão importante que as províncias, mesmo em conflito, deixaram os problemas de lado para ajudá-lo. Segundo o autor, o que as levou a isso foi o sentimento nacionalista, capaz de acabar com as divisões em nome de uma causa maior. O governo, porém, decidiu não apoiar o pedido de San Martín:

³⁷⁷ IRIGOYEN. Bernardo de. Recuerdos del general San Martín. **Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, Tomo I, nº 4, ano 1863, p. 494.

³⁷⁸ *Idem*, p. 495.

³⁷⁹ *Idem*, p. 505.

el gobierno, fuese por una pusilanimidad de temple que disonaba con sus tradiciones revolucionarias; fuese por el error de creer concluida la guerra de la emancipación, ó por el espíritu de aislamiento que dominaba en aquella época, desatendió la solicitud de San Martín, cruzando sus esperanzas, dejando en inminente riesgo al ejército unido, y circundada de peligros á la América.³⁸⁰

O autor critica veementemente a atitude do governo por ter prejudicado a imagem dos argentinos, que poderiam ter finalizado a guerra. Diante dessa situação, San Martín “en quien dominaba el sentimiento americano, el amor á la libertad, prescindió gustoso de la idea de conquistar, solo, la independencia del Perú, y se decidió á verificarlo en unión con el general Bolívar”³⁸¹. Nesse encontro, o argentino pediu ajuda para expulsar todos os espanhóis que se encontravam nos Andes. O autor, usando as cartas trocadas entre os dois libertadores, analisou o que teria ocorrido no encontro.

Segundo Irigoyen, Bolívar ofereceu uma ajuda que não seria suficiente para San Martín realizar o seu projeto de libertar totalmente o Peru. De acordo com ele, isso ocorreu porque “consagrados á la misma causa, abrigaban interiormente la rivalidad de una gloria em perspectiva, la de mandar disparar los últimos cañonazos que debían cimentar el triunfo de la libertad é independência de la América”³⁸². Sendo assim, a opção do general argentino foi regressar à sua pátria. Logo em seguida, porém, decidiu morar na Europa, e voltou para a Argentina apenas em 1829. Contudo, “comprendió que se abria una época de anarquia y fiel en su propósito de no envolverse en las luchas internas que tantos males han causado al país, resolvió tornar á su destierro”³⁸³. Viveu na França os seus últimos anos. Na parte final do seu artigo, o autor faz, novamente, diversos elogios ao herói, ressaltando sua humildade e principalmente sua importância para a conquista da liberdade americana.

Nesse sentido, pode-se dizer que ele procurou construir uma imagem do general como o maior dos heróis, que, mesmo sendo o mais importante de todos, também sofreu por causa dos problemas internos da pátria, tal como os outros heróis que tiveram a vida biografada na RBA. Para justificar o seu sofrimento, o autor refere-se, em algumas passagens, às disputas políticas internas e aos transtornos causados por elas, fazendo questão de vincular a essas disputas e transtornos, na parte final do artigo, o motivo pelo qual San Martín, ao regressar à Argentina após alguns anos, decide voltar para a Europa. Assim, Irigoyen dá a entender que

³⁸⁰ *Idem*, p. 507.

³⁸¹ *Idem*, p. 512.

³⁸² *Idem*, p. 513.

³⁸³ *Idem*, p. 520.

foram as lutas que fizeram o herói escolher viver seus últimos dias longe de sua pátria. Além do mais, o autor faz questão de frisar, ainda, que San Martín era maior que todos os problemas que existiam entre os argentinos.

3.4.2. Heróis Americanos: Bolívar e San Martín.

No *Prospecto* da RBA, os organizadores afirmaram que um de seus objetivos na seção de história era oferecer espaço para relatar acontecimentos sobre a América e também sobre americanos importantes, tal como Bolívar e O'Higgins, considerados heróis da mesma pátria que San Martín e Belgrano³⁸⁴. Apesar dessas considerações, nenhuma biografia de O'Higgins ou de Bolívar foi publicada, apesar de outros personagens americanos terem sido agraciados. Porém, embora nenhum estudo biográfico específico sobre Bolívar tenha sido publicado, ele foi citado em alguns artigos da RBA. Apareceu, por exemplo, no texto sobre Fray Luis Beltran³⁸⁵ e também no artigo sobre San Martín, e a comparação entre os dois libertadores parece ter sido o ponto central desses dois textos.

No artigo sobre a vida de San Martín, Irigoyen, ao relatar o encontro entre eles, afirma: “los dos genios á quienes debe la América su emancipación”³⁸⁶, e, em seguida, ao relatar os pedidos de San Martín, garante que “Mostróse Bolívar á este respecto poco franco y ambicioso en las conferencias que fueron reservadísimas”³⁸⁷. Vicente Quesada, por sua vez, no artigo sobre Fray Luis Beltran, que serviu no exército dos dois libertadores, foi ainda mais crítico em relação a Simón Bolívar. Enquanto San Martín foi apresentado como uma excelente pessoa por tratar Beltran de maneira digna por conta dos serviços prestados³⁸⁸, o general venezuelano foi apontado como ditador e como homem injusto no tratamento de seus subordinados. Segundo Quesada, apesar de todo o esforço do argentino em cumprir suas ordens, houve um caso em que Beltran não conseguiu atingir seus objetivos. Nessa situação:

Bolívar, vio que su orden no estaba cumplida, y mandó llamar á Beltran. Allí, en presencia de los obreros y de los gefes que acompañaban al dictador, no solo

³⁸⁴ Prospecto. **La Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, Tomo I, nº 1, maio de 1863.

³⁸⁵ QUESADA, Vicente G. Fray Luis Beltran, teniente coronel del ejército de los Andes. *Op.Cit.*

³⁸⁶ IRIGOYEN, Bernardo de. Recuerdos del general San Martín. *Op.Cit.*, p. 512.

³⁸⁷ *Idem*, p. 514.

³⁸⁸ QUESADA, Vicente G. Fray Luis Beltran, teniente coronel del ejército de los Andes. *Op.Cit.*, p. 539.

reconvino este con tono altanero y despótico á Beltrán, sino que le ofreció que lo había de mandar fuzilar [...] Esta escena, que aseguran no era escepcional en el dictador, que acostumbraba tratar muy mal á sus subordinados, hizo profunda impresión en Beltrán: aquella injusticia estravió su inteligencia, y la idea del suicidio se fijó en su mente como una resolución extrema.³⁸⁹

Quesada cria, com isso, um paralelo entre os dois personagens, destacando o argentino como um herói generoso, humilde e agradecido e o venezuelano como uma pessoa autoritária e despótica. Essa comparação foi tão relevante que mais tarde, no Tomo XVI da RBA, um artigo sobre isso foi publicado. *Bolívar-San Martín. Paralelo* foi escrito por Tomas Guido, que, ao comparar os dois libertadores, afirma que ambos “estuvieron dotados de altísimas prendas del corazon y del ingenio, que si esplican su misión providencial, nos mueven, empero, á observar puntos opacos en esas estrellas del Sur”³⁹⁰.

Bolívar foi elogiado por sua contribuição à liberdade da América e considerado um herói. Porém, quando comparado ao argentino San Martín, outras características suas eram apresentadas, como visto no texto de Quesada. O artigo de Guido começa comparando seus estudos e suas vivências na Europa para, em seguida, analisar a postura dos dois perante seus exércitos. Sobre isso, o autor afirma: “Tanto el gefe argentino, como el venezolano han sido ídolo del ejército”³⁹¹. Apesar desse elogio e da afirmação de que havia algo em comum entre os dois, o autor apresenta, já na sequência, além das suas características em comum, suas diferenças.

A maioria das comparações foi sobre o seu desempenho no campo de batalha. Em relação aos subordinados, Guido afirma que San Martín “poseía una elocuencia incisiva y flexible como el acero de su sable. Trataba con la mas franca deferencia á la mayoría de sus compañeros de armas, llevando su sencillez espartana á un grado sorprendente á sus subordinados”³⁹². Já Bolívar seria um pouco diferente nesse aspecto: “los discursos, las proclamas, los brindis del segundo, radiantes de inspiración y de oportunidad, electrizaban en los dias geniales de la república. Pero fué á veces injusto con algunos de sus amigos mas entusiastas, y tiránico con sus inferiores, á quienes solia tratar con lenguaje acerbísimo”³⁹³.

³⁸⁹ *Idem*, p. 541.

³⁹⁰ GUIDO, Tomas. Bolívar-San Martín. Paralelo. **La Revista de Buenos Aires**. Buenos Aires, Tomo XVI, nº 61, ano VI, maio de 1868. p. 3.

³⁹¹ *Idem*, p. 06.

³⁹² *Idem*.

³⁹³ *Idem*.

Retomando o discurso de Quesada, também encontram-se referências ao general venezuelano como um tirano autoritário que não tinha respeito por seus subordinados, uma imagem muito diferente daquela do general argentino. Além disso, haveria outros problemas na postura de Bolívar:

La sed inextinguible de supremacía y de gloria fué en Bolívar origen de esfuerzos heroicos, y de graves errores. El procuraba extender la vasta esfera de su **dictadura** sobre Estados distantes. La confederación americana fué uno de sus sueños, **anhelando avasallar la naturaleza á sus planes**, y transplantando á este hemisferio una imitación de la liga de las Repúblicas griegas.³⁹⁴

O seu posicionamento perante os outros países parece ter incomodado os intelectuais argentinos. Apesar de defender uma relação com as outras nações americanas devido aos seus vínculos históricos, a revista critica o modo pelo qual Bolívar tentara criar tal aproximação. Esse é um discurso paradoxal, pois, em alguns momentos, ele é considerado um defensor da liberdade por lutar contra os espanhóis, mas, em outros, como ao propor medidas políticas pós-independência, torna-se ditador. Essa forma de discurso só pode ser entendida como uma maneira de contrapor-se à ideia e ao posicionamento de Bolívar, talvez por receio de que sua pretensão política pudesse ter prejudicado a Argentina. Assim, atacam-no com a alcunha de ditador. Ou talvez, seja um modo de valorizar o papel do argentino San Martín em contraposição ao do venezuelano.

Isso explicaria, por exemplo, a análise de Guido sobre o comportamento do libertador argentino após a independência:

San Martín no se alucinó desde el principio sóbre la falta de preparación de estos países, y sobre los riesgos de la transición que se efectuaba por el triunfo. No participaba del fanatismo contagioso de las revoluciones, ni del de las doctrinas exclusivas. Tuvo culto por el orden, y la subordinación³⁹⁵.

Percebem-se aí, claramente, dois personagens opostos, um com sede de poder, buscando impor suas vontades, e outro carregado de humildade e preocupado com a ordem. Para finalizar essa comparação, o autor analisou as diferenças no campo de batalha. Segundo ele, “la preeminencia de capacidade militar se atribuye universalmente á San Martín”. Ou seja, para ele não existe muita discussão sobre isso, o general argentino foi superior na arte da guerra e ponto. O venezuelano, apesar de grandes vitórias, teve problemas devido ao seu ímpeto:

³⁹⁴ *Idem*, p. 07. Grifo nosso.

³⁹⁵ *Idem*.

Bolívar conocía la sublime estrategia y la historia de la guerra; pero impaciente de toda traba, poco habituado á las lentitudes de los campos de instrucción, y urgido por la suprema necesidad á dirigir frecuentemente cuerpos irregulares ó revolucionarios, no pudo ser estricto observador de la disciplina y del arte. No siempre alcanzó todas las ventajas de su arrojo, no siempre calculó con certeza; ni el éxito correspondió de continuo al mérito de sus sacrificios, ó á la trascendencia de sus miras. Pero estos desaires de la suerte no le impidieron tomar brillantes desquites, ni batir, entre otros, á Morillo, el mas temible campeón de la dominación española³⁹⁶.

Desse modo, construiu-se uma imagem ainda maior do guerreiro argentino, pois, se ele já era o melhor entre todos de seu país, também era, com certeza, o melhor da América, tendo em vista que seu grande “rival”, apesar de sua importância, tinha um temperamento que o desqualificava perante San Martín. Analisando essas construções históricas sobre os personagens da Independência, conclui-se que o objetivo dos organizadores e também dos colaboradores da RBA era afirmar que os argentinos não apenas possuíam o mais importante herói continental, que além de lutar contra os espanhóis tinha um caráter invejável, mas também que foram eles os pioneiros e os protagonistas da luta contra o governo autoritário da Espanha.

Baseado na análise é possível afirmar que o mito de origem, criado após a guerra de independência, foi explorado de diversos modos pelos organizadores da RBA. Apesar de apenas um artigo sobre a revolução de Maio ter sido publicado, ficou claro que os acontecimentos de 1810 foram importantes para os letrados da revista, fato perceptível através da história escrita sobre revolução.

Necessário destacar a relação criada pelos escritores entre a luta pela liberdade e a ideia de civilização. Em diversos momentos, os autores preocuparam-se em relacionar os acontecimentos que levaram à independência com os ideais que defendiam, deste modo afirmaram que os revolucionários de 1810 defendiam o mesmo que eles, no caso a formação de uma nação civilizada aos moldes europeus e norteamericano. Assim, construíram a ideia de que eram herdeiros e continuadores daqueles que lutaram para se libertar da opressão espanhola.

Como consequência, no texto de Varela e nas biografias analisadas, os intelectuais demonstraram que os problemas ocorridos nos anos posteriores à revolução foram de responsabilidade exclusiva dos *caudillos*, pois criaram uma desordem que levou à separação das províncias e ao conflito entre elas, colocando o país em uma situação de barbárie.

³⁹⁶ *Idem*, p. 09.

Afirmaram também que os *caudillos* continuavam atrapalhando o desenvolvimento da nação, em clara referência aos inimigos políticos, sempre tachados de bárbaros. Assim, a história sobre a independência construída pela RBA seguiu a tendência das disputas políticas da década de 1860 com um caráter dicotômico, nós\eles, civilizados\barbáros.

Além disso, deve ser ressaltado que a história da Argentina produzida pela revista tinha características nacionalistas. No artigo de Varela aparecem as características mais importantes: a primeira refere-se à integração da história nacional com a história universal, em que a Argentina foi representada como parte do processo histórico mundial. A segunda, que também é recorrente nas biografias analisadas, diz respeito ao surgimento das identidades nacionais antes da guerra revolucionária, de modo que a luta pela independência, de acordo com a RBA, era algo natural, pois os argentinos sentiam a necessidade de liberdade durante o período colonial.

CONCLUSÃO

A principal contribuição dessa pesquisa para a historiografia está vinculada à apresentação de uma fonte muito valiosa, porém, pouco explorada pelos historiadores. Além disso, esse trabalho colocou em evidência os dois organizadores da RBA, personagens que também merecem mais atenção pela atitude tomada no decorrer de suas trajetórias. Deste modo, o trabalho permitiu compreender alguns aspectos importantes sobre *La Revista de Buenos Aires* e seus organizadores no que tange à formação do Estado nacional argentino através de sua produção histórica ao longo da década de 1860.

No que diz respeito aos dois criadores e mantenedores da RBA, Vicente G. Quesada e Miguel N. Viola, foi possível apreender que participaram efetivamente da esfera pública portenha opinando e influenciando no debate político a respeito da formação do Estado Nacional argentino. Essa constatação é relevante tendo em vista que a historiografia atual se preocupa muito com participação política de alguns intelectuais como Sarmiento, Alberdi, Mitre, Gutierrez e Lopez, porém, apesar de sua importância existem outros personagens, não estudados pelos historiadores, que participaram e foram importantes na sociedade argentina do século XIX. Nesse sentido, esse estudo colocou em evidência essas outras personalidades do jogo político argentino.

Além disso, a pesquisa reforça a tese de que a identidade nacional argentina começou a ser construída de maneira mais efetiva após a queda de Juan Manuel de Rosas, quando ocorreu de maneira efetiva a união das províncias sob um governo unificado. Isso foi possível de perceber através dos artigos da seção de história.

Seguindo esse pensamento, a análise da fonte confirmou a importância da história como recurso para criação das identidades nacionais. Apesar de apenas parte da seção de história ter sido analisada, conseguiu-se demonstrar que a produção histórica de caráter nacionalista existia na Argentina, pelo menos, desde a década de 1860. Isso permite questionar a historiografia que afirmava que esse foi um fenômeno da década de 1880, quando ocorreu a institucionalização da história no país sul americano.

Ainda sobre esse assunto, o estudo permitiu aprofundar como a produção histórica contribuiu para a formação das nações. Como dito, essa temática está em evidência, principalmente nos estudos sobre a Europa, porém, pesquisas que enfocam a América estão aparecendo e possibilitando o entendimento desse fenômeno no Novo Mundo. No caso da RBA, ficou claro que os organizadores tinham como intenção influenciar diretamente as ações políticas do governo, o seu objetivo era usar o passado como um meio de melhorar o presente

e o futuro. Entre os problemas que deveriam ser resolvidos, estavam, por exemplo, o fim das disputas internas entre os grupos políticos e entre as províncias, bem como a construção de uma nação baseada na civilização, e não na barbárie.

Cabe ainda ressaltar que a pesquisa também contribuiu para uma percepção mais apurada da esfera pública em Buenos Aires. Não apenas por ressaltar o conteúdo da RBA que teve uma longa e frutífera circulação, mas principalmente por demonstrar que a revista foi mais uma, entre vários outros periódicos usados por um determinado grupo político para influenciar os leitores com os ideais de seus realizadores³⁹⁷.

Isso foi percebido através da pesquisa nos arquivos, que demonstrou o modo como a RBA repercutiu nos círculos letrados da cidade de Buenos Aires. Ela mereceu a atenção de outros intelectuais que a elogiaram, comentaram e estimularam sua leitura. Todavia, cabe frisar que esse fato está conectado com as relações políticas que existiam no período, as quais, por diferentes motivos, poderiam ser alteradas. Aliados tornavam-se inimigos e vice-versa de acordo com os acontecimentos.

Esse foi o caso da relação entre os organizadores da revista e o presidente em exercício Bartolomé Mitre, que até publicou artigos de história nas primeiras edições da RBA. Contudo, após o início da guerra contra o Paraguai, a boa relação entre as partes acabou, pois, os criadores da revista eram contrários ao conflito, sendo que Miguel N. Viola foi exilado em Montevideu por escrever livros contra a guerra.

Nesse sentido, é importante destacar que o discurso usado pelos organizadores era de que a história era muito importante para a nação, pois, através dela era possível conhecer o passado nacional e com isso apagar os problemas das décadas passadas, principalmente as disputas entre as províncias e os grupos políticos, para, a partir disso, criar uma nação unificada e civilizada. Na prática, entretanto, os organizadores deram continuidade os conflitos políticos, pois usaram a história como um instrumento para combater os inimigos e impor seu pensamento.

Para concluir, é necessário ressaltar que o recorte nas fontes esteve relacionado com os objetivos propostos. Por esse motivo muitos artigos da seção de história e principalmente das outras duas seções, Literatura e Direito, e do apêndice Bibliografia e Variedades deixaram de ser analisadas. Deste modo, é importante ressaltar que as possibilidades de estudos sobre esse

³⁹⁷ SABATO, Hilda. La vida pública em Buenos Aires. In: (Org.). BONAUDO, Marta **Nueva historia argentina: Liberalismo, estado y orden burgués (1852-1880)**. Buenos Aires, Sudamericana. 1999.

periódico, e sobre o pensamento de seus organizadores, são amplas. É possível fazer inúmeros recortes e diferentes análises a respeito dos mais variados temas que a RBA contém em suas quase 15 mil páginas.

Além de analisar as seções e seus variados artigos outro aspecto que merece a atenção é a receptividade da revista. Como visto ao longo do trabalho, os jornais portenhos fizeram diversos comentários sobre o surgimento da revista e seu conteúdo, elogiando os seus criadores e incentivando seus leitores a ler o novo periódico. Assim, fica em aberta a relação entre os jornais e a revista ao longo dos anos. Tal pesquisa poderia contribuir, por exemplo, para compreender as relações políticas envolvendo os organizadores, tendo em vista que todos os jornais eram produzidos por grupos políticos determinados.

LOCAIS DE PESQUISA

Instituto de historia argentina y americana “Dr. Emilio Ravignani”. Buenos Aires. Argentina.

Biblioteca Nacional. Buenos Aires. Argentina.

Biblioteca del Congreso de la Nación. Buenos Aires. Argentina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

Fontes:

La Revista de Buenos Aires. Buenos Aires, tomo I ao XXIV, nº 01 ao 96, maio de 1863 até abril de 1871.

La Nación Argentina, Buenos Aires, 28 de abril de 1863.

El Nacional, Buenos Aires, 30 de abril de 1863.

La Tribuna, Buenos Aires, 23 de julho de 1864.

The Standard, Buenos Aires, 8 de outubro de 1867.

Bibliografia:

ALVA, Joseph Dager. El debate en torno al método historiográfico en el Chile del siglo XIX. **Revista Complutense de Historia de América.** Vol. 28, 2002.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas.** Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

BALAKRISHNAN, G. (Org.). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro : Contraponto, 2000.

BARBA, Fernando E. **Los autonomistas del 70**. Buenos Aires: Labor, 1982.

BONAUDO, Marta (Org.). **Nueva historia argentina: Liberalismo, estado y orden burguês (1852-1880)**. Buenos Aires, Sudamericana. 1999.

BOTANA, Natalio. **La tradición Republicana: Alberdi, Sarminento y las ideas políticas de su tiempo**. Buenos Aires, Delbolsillo, 2005.

CARRILLO, Sonia Luz. José Arnaldo Márquez y la generación romántica. **Letras**, vol.78, no.113, ene./dic. 2007.

CHIARAMONTE, José C. El federalismo argentino em la primera mitad del siglo XIX. In: CARMAGNANI, Marcelo (org.). **Federalismos Latinoamericanos: México/Brasil/Argentina**. Ciudad de México: FCE, 1993.

_____, José Carlos. **Cidades, províncias, Estados. Origens da nação argentina(1800-1846)**. SãoPaulo: Hucitec, 2009.

_____, José Carlos. Metamorfoses do conceito de nação durante os séculos XVII e XVIII. In: JANCÓS, István (Org.). **Brasil: formação do Estado e da nação**. São Paulo/Ijuí: Hucitec/Unijuí/FAPESP, 2003

_____, José C. Fundamentos iusnaturalistas de los movimientos de Independência. **Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana E. Ravignani**, tercera serie, nº22, 2000.

_____, José Carlos e BUCHBINDER, Pablo. Provincias, caudillos, nacion y la historiográfica constitucionalista argentina, 1853-1930. **Anuario del IEHS**, nº 7, Tandil, pp. 93-120, 1992.

CRESPO, Regina. Revistas culturais e literárias latino-americanas: objetos de pesquisa, fontes de conhecimento histórico e cultural. In: FRANCO, Stella Maris; JUNQUEIRA, Mary Anne (Org.). **Cadernos de Seminários de Pesquisa**. São Paulo: USP/Humanitas, 2011.

DOSSE, François. A identidade nacional como forma organizadora do discurso histórico na França nos séculos XIX e XX. In: **História à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

EUJANIÁN, Alejandro. La cultura: público, autores y editores. In: BONAUDO, Marta (Org.). **Nueva historia argentina: Liberalismo, estado y orden burguês (1852-1880)**. Buenos Aires, Sudamericana. 1999.

_____, Alejandro. Por uma historia nacional desde las provincias. El frustrado proyecto de Vicente Quesada em La Revista del Paraná. Texto apresentado em **X Jornadas Interescuelas / Departamentos de Historia**. Rosário, 20 al 23 de septiembre de 2005.

_____, Alejandro. El surgimiento de la crítica. In: CATTARUZZA, A. **Políticas de la historia: Argentina 1860-1960**. Buenos Aires: Alianza, 2003.

FRANCO, Stella Maris Scatena. Uma dama argentina em terras yankees: os Recuerdos de viaje, de Eduarda Mansilla. **Revista Estudos Femininos**, Florianópolis, v. 16, n. 3, Dec. 2008.

FREITAS NETO, José Alves, As histórias de Mitre: A Argentina e seus “outros”. In: NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel (org.). **Figurações do outro na história**. Uberlândia: EDUFU, 2009.

_____, José Alves de. Mitre e a edificação de um patrimônio historiográfico argentino. **História da Historiografia**, v. 7, p. 74-89, 2011.

GARRAFFONI, Renata Senna. Guerras Púnicas. In: MAGNOLI, Demétrio (Org.). **História das Guerras**. São Paulo: Contexto, 2006.

GELLNER, Ernest. **Nações e nacionalismo**. Trad. Inês Vaz Pinto. Lisboa: Gradiva, 1993, primeira edição de 1983.

GUERRA, François-Xavier. A nação moderna: nova legitimidade e velhas identidades. In: JANCÓS, István (Org.). **Brasil: formação do Estado e da nação**. São Paulo/Ijuí: Hucitec/Unijuí/FAPESP, 2003.

_____, François-Xavier. **Modernidad e independencias. Ensayos sobre las revoluciones hispánicas**. Madrid: Ediciones Encuentro, 2009.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Usos da História: refletindo sobre identidade e sentido. **História em Revista**, Pelotas, v. 6, dezembro de 2000.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da Esfera Pública: Investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 2003,

HALPERIN DONGHI, Túlio. **História da América Latina** . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

_____, Túlio. **Una nación para el desierto argentino**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1982.

HOBSBAWM, E. **Nações e nacionalismo desde 1780**. São Paulo : Paz e Terra, 1990.

_____, Eric e RANGER, Terence (orgs). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1997.

JANCÓS, István e PIMENTA, João Paulo G. Peças de um mosaico (Ou apontamentos para o estudo de emergência da identidade nacional brasileira). In: MOTA, Carlos Guilherme. (Org.). **Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000)**. São Paulo: SENAC, 2000,

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição a semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro : Contraponto, 2006.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo ; Contexto, 2005.

LYNCH, John. As repúblicas do Prata da independência à guerra do Paraguai. In: BETHELL, Leslie (Org.). **História da América latina: Da Independência até 1870**. São Paulo. Edusp. 2004.

MAEDER, Ernesto. Índice general de la Revista de Buenos Aires (1863-1871). In: **Boletín de la Academia Nacional de la Historia**, vol. XXXIII, 1962.

MEJÍA, Sergio. Las historias de Bartolomé Mitre: operación nacionalista al gusto de los argentinos. **Historia Crítica**, N°33, Bogotá, pp. 98-121, 2007.

MÚNERA, Alfonso. **El fracaso de la nación. Región, clase y raza en el Caribe colombiano (1717-1821)**. Bogotá: Editorial Planeta Colombiana, 2008.

OLIVERIA, Suellen M. P. **A querela de clío na região do Prata e o Brasil: tensões e diálogos da escrita da história nos institutos históricos e geográficos (1838-1852)**. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 2010.

PADILLA, Guillermo Zermeno. História, experiência e modernidade na América ibérica, 1750-1850. **Alm. braz.** , São Paulo, n. 7, 2008.

PALTI, Elías José. **El momento romântico: nación, historia y lenguajes políticos en la Argentina del siglo XIX**. Buenos Aires : Eudeba, 2009.

PAMPLONA, Marco A.; MÄDER, Maria E. (Orgs.). **Revoluções de Independência e nacionalismos nas Américas: Região do Prata e Chile**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

_____, Marco A. e DOYLE, Don H. (Orgs.). **Nacionalismo no novo mundo: A formação de Estados-Nação no século XIX**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

PASSETI, Gabriel, **Indígenas e criollos: Política, guerra e traição nas lutas no sul da Argentina (1852-1885)**. São Paulo: Alameda casa editorial, 2012.

PELOSI, Hebe Carmen. A perspectiva americana nas Revistas Históricas Argentinas da segunda metade do século XIX. **Revista Brasileira de História**. São Paulo. V. 16, nº 31 e 32, 1996.

PRADO, Maria L. C. **América Latina no século XIX: Tramas, telas e textos**. São Paulo: Edusp, 2004.

QUIJADA, Mónica. Nación y territorio: la dimensión simbólica del espacio em la construcción nacional argentina. Siglo XIX. **Revista de Indias**. Vol. LX, nº 219.

RIVAS, Ricardo Alberto. El origen de la nación y los historiadores latinoamericanos. **Cuadernos del CISH**, Ano 1, nº 1, 1996.

ROMERO, J. L. **Breve historia de la Argentina**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2011.

SABATO, Hilda. La vida pública em Buenos Aires. In: (Org.). BONAUDO, Marta **Nueva historia argentina: Liberalismo, estado y orden burguês (1852-1880)**. Buenos Aires, Sudamericana. 1999.

_____, Hilda. **La política em las calles: entre el voto y la movillización, Buenos Aires, 1862-1880**. Bernal: Universidade Nacional de Quilmes, 2004.

_____, Hilda. **Historia de la Argentina, 1852-1890**, Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2012.

SAFFORD, Frank. Política, ideologia e sociedade na América espanhola do pós-independência. In: BETHELL, Leslie (Org.). **História da América Latina: Da Independência até 1870**. São Paulo. Edusp. 2004.

SCHEIDT, Eduardo. Debates historiográficos acerca de representações de nação na Região Platina. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, v. 5, 2006.

_____, Eduardo. Pensando a América na Argentina durante o século XIX: os intelectuais utópicos Esteban Echeverría e Francisco Bilbao. **Anais eletrônicos do VII Encontro internacional da ANPHLAC**. Campinas, 2006.

SHUMWAY, Nicolas.: **História de uma ideia**. São Paulo: Edusp; UNB, 2008.

WASSERMAN, Claudia. A primeira fase da historiografia latino-americana e a construção da identidade das novas nações. **História da Historiografia**. Ouro Preto: Edufop, nº 07, novembro/dezembro, 2011.

WASSERMANN, Fabio. **Entre Clio y la Polis: Conocimiento histórico y representaciones del pasado en el Río de la Plata (1830-1860)**. Buenos Aires: Editorial Teseo, 2008.

_____, Fabio. La história como concepto y como práctica: conocimiento histórico en el Río de la Plata. **História da historiografia**. Ouro Preto: Edufop, nº 04, março, 2010.